

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MICAELA ARISA WASHIMI

**DESAMPARO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES
PSICANALÍTICAS**

SÃO CARLOS - SP

2024

MICAELA ARISA WASHIMI

**DESAMPARO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES
PSICANALÍTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Profa. Dra. Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas

São Carlos - SP

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Arisa Washimi, Micaela

Desamparo: uma análise a partir das primeiras publicações psicanalíticas / Micaela Arisa Washimi -- 2024.
101f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas

Banca Examinadora: Ana Carolina Soliva Soria, Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas, Hélio Honda
Bibliografia

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Desamparo. I. Arisa Washimi, Micaela. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Mestrado da candidata Micaela Arisa Washimi, realizada em 29/04/2024:

Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Profa. Dra. Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Dr. Hélio Honda

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Para Nasira Cristiana Delgado de Melo (*in memoriam*).

Talvez a esperança seja, afinal, o caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à CAPES cujo financiamento propiciou o desenvolvimento desta pesquisa. Também gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar pela oportunidade de trabalhar neste projeto e pela compreensão em relação às dificuldades encontradas em sua execução. Agradeço, especialmente, a Vanessa Cristina Migliato, auxiliar administrativa, pela paciência e orientações no decorrer desse processo.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas cujo apoio foi essencial para o desenvolvimento desta dissertação. Obrigada por ter me apresentado à Psicanálise anos atrás em meu primeiro ano de graduação e me acompanhado durante toda esta jornada. Agradeço, ainda, aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria e Prof. Dr. Hélio Honda, pela leitura atenta e carinhosa, bem como pelas valiosas contribuições teóricas que permitiram elevar essa dissertação e sua escrita.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão ao Departamento de Atenção à Saúde (DeAS) da UFSCar pelo cuidado ofertado durante os grupos de práticas integrativas conduzidos por Caroline Beier Faria. Agradeço, ainda, à Profa. Dra. Maria Cristina Di Lollo, à Nayara Cavalheiro e à Bruna Capriolli pelas trocas semanais em que teoria e prática se completavam. À Glauce Alves Pereira pela confiança e parceria. Às amigas Jéssica Fernandes da Silva e Maria Clara Brito Barbosa Guimarães Nasser sem as quais esse percurso seria inevitavelmente mais penoso e fatalmente muito menos divertido.

Encaminhando-me para o fim, aproveito para agradecer a Alfredo Alves da Cunha pelos encorajamentos decisivos para a conclusão desse projeto. À Aparecida de Fátima Melo Antônio por sua honestidade constante e visceral. Finalmente, agradeço a meus pais Milton Takashi Washimi e Paula Andreia de Melo por terem aberto os caminhos para a minha formação e se mantido confiantes no meu potencial.

“Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver.”

Conceição Evaristo

RESUMO

O termo escolhido em português-brasileiro para a palavra alemã *Hilflosigkeit*, utilizada por Freud desde suas primeiras publicações psicanalíticas, é "desamparo". Na leitura da obra freudiana, o desamparo pode ser abordado sob diversas perspectivas, as quais conservam certas semelhanças entre si, mas distinguem-se na medida em que privilegiam aspectos específicos e oriundos de diferentes escritos de Freud em detrimento de outros para delimitar um conceito de desamparo propriamente psicanalítico. Nesse sentido, este trabalho buscou reconstruir a história do uso do termo desamparo na produção freudiana, concentrando-se nas publicações psicanalíticas iniciais (1892-1900), consideradas fundamentais para o desenvolvimento da Psicanálise. Seu objetivo principal foi analisar os textos desse período, buscando compreender o significado atribuído ao vocábulo em cada um deles, destacando diferenças e semelhanças. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico que delimitou as produções em que Freud utiliza os termos *Hilflosigkeit* e *hilflos*, junto com suas possíveis variações. As obras encontradas nessa pesquisa bibliográfica serviram como guias para as leituras e análises executadas. Pretendeu-se mostrar que os elementos constitutivos do conceito de desamparo já estão presentes nos escritos iniciais de Freud, todavia sua integração depende do desenvolvimento de outras noções, como a introdução do narcisismo e da pulsão de morte, além do estabelecimento da nova tópica e da teoria da angústia. A exposição buscou evidenciar a ubiquidade do termo desamparo na teoria freudiana, ressaltando a dificuldade de circunscrevê-lo e a extensão de suas consequências para o psiquismo.

Palavras-chave: desamparo; Freud; Psicanálise.

ABSTRACT

The term chosen in Brazilian Portuguese for the German word *Hilflosigkeit*, used by Freud since his early psychoanalytic publications, is "helplessness." In the reading of Freud's work, helplessness can be approached from various perspectives, which maintain certain similarities but differ in the way they emphasize specific aspects originating from different writings of Freud, to outline a concept of helplessness that is distinctly psychoanalytic. In this sense, this work sought to reconstruct the history of the use of the term helplessness in Freud's production, focusing on the early psychoanalytic publications (1892-1900), considered crucial for the development of Psychoanalysis. Its main objective was to analyze the texts from this period, seeking to understand the meaning attributed to the term in each of them, highlighting differences and similarities. For this purpose, a bibliographic survey was conducted, delimiting the productions in which Freud uses the terms *Hilflosigkeit* and *hilflos*, along with their possible variations. The works found in this bibliographic research served as guides for the readings and analyses carried out. It aimed to demonstrate that the constitutive elements of the concept of helplessness are already present in Freud's early writings; however, their integration depends on the development of other notions, such as the introduction of narcissism and the death drive, as well as the establishment of the second topic and the theory of angst. The exposition sought to highlight the ubiquity of the term helplessness in Freudian theory, emphasizing the difficulty of circumscribing it and the extent of its consequences for the psyche.

Keyword: helplessness; Freud; Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.

Figura 1 – Gráfico comparativo entre mundo externo e estímulo correspondente...	61
Figura 2 – Esquema simplificado da vivência de satisfação	63
Figura 3 – Associações a partir das representações reprimidas.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Busca por palavra-chave " <i>Hilflosigkeit</i> " na edição em alemão das Obras Completas de Sigmund Freud.....	13
Tabela 2 – Busca por palavra-chave " <i>hilflos</i> " na edição em alemão das Obras Completas de Sigmund Freud.....	14

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: DESVELANDO O DESAMPARO – AS NEUROPSICOSES COMO O PORTAL PARA O INCONSCIENTE.....	25
1.1 Um Caso de Cura por Hipnose (1893 [1892]).....	25
1.2 Estudos sobre a Histeria (1893-1895).....	30
1.3 Artigos sobre a Etiologia das Neuropsicoses (1893-1896).....	43
CAPÍTULO 2: SOB AS INTRINCADAS TEIAS DA CONDIÇÃO HUMANA.....	54
2.1 Projeto de uma Psicologia (1950 [1895]).....	54
CAPÍTULO 3: DESAMPARO EM A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS.....	71
3.1 Rumo à Interpretação dos Sonhos (1898-1899).....	71
3.2 A Interpretação dos Sonhos (1900 [1899]).....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAMPARO E UBIQUIDADE NA TEORIA FREUDIANA.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99

INTRODUÇÃO

A palavra desamparo foi eleita para traduzir, em português brasileiro, a palavra alemã *Hilflosigkeit*. Em sua origem, ela é composta por: *Hilfe*, substantivo equivalente a auxílio, ajuda, proteção, amparo, socorro; *losig*, sufixo adverbial modal que denota carência, ausência, falta, podendo ser exprimido pela palavra sem, e *keit*, que indica a formação de substantivos femininos (Ceccareli, 2005; Rocha, 1999). Portanto, *Hilflosigkeit* expressa a falta de amparo, sentido adequadamente convergido na tradução brasileira.

Esse termo é utilizado recorrentemente por Freud ao longo do desenvolvimento de sua obra. Em pesquisa bibliográfica (Tabela 1), na qual buscou-se pela palavra-chave *Hilflosigkeit* na edição alemã das obras completas do autor, pôde-se notar que ela está presente desde a publicação, em 1895, dos “Estudos sobre a Histeria”, até a publicação “A Análise Finita e a Infinita”, de 1937, percorrendo, portanto, uma extensão significativa da produção do autor. No total, o termo *Hilflosigkeit* é citado em 19 escritos de Freud, notadamente de maneira intensa nas obras “Inibição, sintoma e angústia”, publicada em 1926, e “O Futuro de uma Ilusão”, publicada em 1927.

Tabela 1 - Busca por palavra-chave "*Hilflosigkeit*" na edição em alemão das Obras Completas de Sigmund Freud¹

Obra	Data	Página(s)	Volume
Estudos sobre a Histeria	1893-95	204, 217	1
Projeto de uma Psicologia	1950 [1895]	402, 409	<i>Aus den anfängen der psychoanalyse</i>
A Etiologia da Histeria	1896	452	1
A Psicopatologia da Vida Cotidiana	1901	83	4
Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade	1905	124	5
O Chiste e sua Relação com o Inconsciente	1905	258	6
Uma Lembrança de Infância de Leonardo da Vinci	1910	195	8
Totem e Tabu	1913 [12-13]	43	9
As Pulsões e seus Destinos	1915	227	10

¹ FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Londres: Imago, 1952.

Conferência XXV: A Angústia [1916-17]	1917	421	11
O Infamiliar	1919	249	12
Sobre Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e na Homossexualidade	1922 [1921]	196	13
O Eu e o Isso	1923	163	13
Inibição, Sintoma e Angústia	1926	169, 172, 186, 199, 200, 201, 205	14
O Futuro de uma Ilusão	1927	337, 338, 339, 340, 343, 344, 345, 346, 352, 373	14
O Mal-Estar na Cultura	1930 [1929]	430, 483	14
Conferência XXXII: Angústia e Vida Pulsional	1933 [1932]	95	15
Conferência XXXV: Sobre uma Cosmvisão	1933 [1932]	181	15
A Análise Finita e a Infinita	1937	60	16

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Além do termo desamparo, é possível notar consistentemente a presença da palavra desamparado em suas variações de gênero e número para qualificar situações de desamparo (Tabela 2). Para tanto, na obra original, Freud emprega os vocábulos *hilflos*, *hilflose*, *hilfloses*, *hilflosen* e *hilfloser*, os quais mantêm a estrutura *hilfe* e *los*, caracterizando circunstâncias em que há a ausência de auxílio, proteção. De forma semelhante à palavra *Hilflosigkeit*, esse termo está presente desde 1893, com a publicação de “Um caso de Cura por Hipnose”, sendo utilizado pela última vez em 1939, com a publicação de “Moisés e a Religião Monoteísta”. No total, a palavra desamparado em suas variações está presente em 30 obras de Freud, atingindo seu maior número de usos na obra “O Mal-estar na Cultura”, de 1930.

Tabela 2 - Busca por palavra-chave "*hilflos*" na edição em alemão das Obras Completas de Sigmund Freud²

Obra	Data	Página(s)	Volume(s)	Observações
Um Caso de Cura por Hipnose	1892-93	15	1	

²FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Londres: Imago, 1952.

Projeto de uma Psicologia	1950 [1895]	402	<i>Aus den anfängen der psychoanalyse</i>	p.402 uso da palavra <i>hilflose</i>
Carta 119	1950 [1899]	319	<i>Aus den anfängen der psychoanalyse</i>	
A Interpretação dos Sonhos	1900	258, 495, 571	2/3	p.258 uso da palavra <i>hilflose</i>
Fragmento de Análise de um Caso de Histeria	1905	203	5	
O Chiste e sua Relação com o Inconsciente	1905	247	6	p.247 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Sobre as Teorias Sexuais das Crianças	1908	175	7	
Pontuações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Descrito Autobiograficamente	1911 [1910]	311	8	
Sobre o Início do Tratamento	1913	466	8	p.466 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Repetir, Recordar e Elaborar	1914	129	10	
As Pulsões e seus Destinos	1915	212	10	p.212 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Alguns Tipos de Caráter Elucidados pelo Trabalho Psicanalítico	1916	380	10	
Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos	1917 [1915]	423	10	p.423 uso da palavra <i>hilflosen</i>
A Psicogênese de um Caso de Homossexualidade em uma Mulher	1920	293	12	p.293 uso da palavra <i>hilfloser</i>
Psicologia das Massas e Análise do Eu	1921	127	13	p.127 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Dois Verbetes de Enciclopédia: “Psicanálise” e “Teoria da Libido”	1923	214	13	p.214 uso da palavra <i>hilflose</i>
O Eu e o Isso	1923	283	13	
Uma Neurose Demoníaca no Século XVII	1923 [1922]	351	13	p.351 uso da palavra <i>hilflose</i>
O Problema Econômico do Masoquismo	1924	374	13	p.351 uso da palavra <i>hilfloses</i>
Inibição, sintoma e Angústia	1926	169, 176, 201	14	

A Questão da Análise Leiga	1926	276	14	
O Futuro de uma Ilusão	1927	338	14	
O Mal-Estar na Cultura	1930 [1929]	441, 450, 458, 469	14	p.441 uso da palavra <i>hilfloser</i> , p.450 uso da palavra <i>hilfloser</i> , p.458 uso da palavra <i>hilfloser</i> , p.469 uso da palavra <i>hilfloser</i>
Sobre a Sexualidade Feminina	1931	529	14	
Conferência XXXI: A Decomposição da Personalidade Psíquica	1933 [1932]	67, 76	15	
Conferência XXXV: Sobre uma Cosmvisão	1933 [1932]	175, 176	15	p.175 uso da palavra <i>hilflose</i>
Construções em Análise	1937	43	16	
A Análise Finita e a Infinita	1937	74	16	p.74 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Lou Andreas-Salomé	1937	270	16	p.270 uso da palavra <i>hilflosen</i>
Moisés e a Religião Monoteísta	1939 [1934- 38]	242	16	p.242 uso da palavra <i>hilflosen</i>

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Foram propostas diferentes noções sobre qual seria o conceito de desamparo para Freud, uma vez que ele próprio não o delimita de maneira conclusiva em seus escritos. Laplanche e Pontalis (2001), por exemplo, propõem o uso da expressão estado de desamparo, *État de détresse*, para designar o conceito. Na ótica dos autores, Freud, ao utilizar o termo desamparo, refere-se a um dado “essencialmente objetivo” (p.112), a saber, o estado do recém-nascido que depende absolutamente de outro indivíduo, o indivíduo auxiliador, para a satisfação de suas necessidades, como a sede e a fome, promovendo o que Freud denominou como vivência de satisfação.

A vivência de satisfação é descrita e analisada inicialmente no manuscrito "Projeto de uma psicologia", de 1895. Nele, o autor (Freud, 2003) descreve o processo da seguinte maneira: uma necessidade, como fome ou sede, traduz-se como um estímulo endógeno que aumenta progressivamente a tensão interna, impossível de se dissipar de maneira reflexa, tal como ocorre com os estímulos externos. O aumento da tensão causa a sensação psíquica de

desconforto, levando a uma reação motora, tal qual o choro. Quando essa ação é correspondida por um ajudante externo que, por meio da ação específica, apresenta o objeto que atende à necessidade, como a água ou o alimento, a tensão interna diminui, resultando na vivência de satisfação originária.

Desta maneira, por ser incapaz de executar por si só uma ação coordenada e eficaz, a ação específica, em direção do objeto que o satisfaça, o recém-nascido está impotente, subjugado à tensão interna decorrente do aumento de estímulos endógenos. Esse aumento desenfreado ultrapassa a capacidade do aparelho psíquico de dominá-lo, causando o que Laplanche e Pontalis (2001) denominaram estado de desamparo. Os autores avançam em sua análise pontuando que a ideia de um desamparo inicial incide sobre diferentes camadas do pensamento freudiano. Sob a perspectiva da estruturação do psiquismo, é notável que a dependência completa do recém-nascido em relação à mãe, ou ainda, em relação ao indivíduo auxiliador, faz com que só seja possível a constituição do psíquico nessa relação com o outro. De acordo com os autores, tal condição de desamparo do bebê implica, ainda, um período de onipotência da mãe.

Sob a perspectiva da construção freudiana da teoria da angústia, o estado de desamparo funda a situação traumática, tornando-se a vivência prototípica do trauma. Na obra “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, Freud (1992c) refere-se à temática da prematuraçã biológica do recém-nascido por meio da investigação sobre a angústia. Ele teoriza que o nascimento constituiria a vivência traumática originária por ser experienciado pelo recém-nascido como um aumento brusco da excitação contra a qual ele não apresenta recursos, dada sua prematuraçã. A ausência de ligação entre a energia e um objeto de satisfação gera imensa angústia. O nascimento seria, desta forma, a primeira vivência do desamparo psíquico. Segundo Caropreso e Simanke (2013, p.212):

No nascimento, o perigo em questão careceria ainda de qualquer conteúdo psíquico. O recém-nascido só seria capaz de perceber a perturbação na economia de sua libido narcisista, e o afeto de angústia ressurgiria nele em todas as situações que, de alguma maneira, lhe recordassem o nascimento. Mas qual elemento, nessas outras experiências, traria de volta essa recordação e reproduziria angústia? — pergunta-se Freud. Ao analisar as ocasiões que causam angústia na infância, ele conclui que uma condição sempre está presente: a ausência de um objeto bastante estimado, que representa para a criança o risco de se ver novamente diante de um aumento de estimulação frente ao qual ela ficaria impotente, tal como ocorrera na ocasião da “angústia primordial” do nascimento.

Desta forma, após a angústia originária, Freud propõe que se desenvolveria a angústia de perda de objeto, um estágio secundário no qual a ameaça seria a ausência do objeto e, desta forma, o retorno à situação de desamparo frente ao aumento de energia no aparelho psíquico, levando à revivescência do nascimento e à angústia. Em um próximo momento, surgiria a angústia de castração, em que a situação de perigo seria a perda do genital, de maneira que o indivíduo se tornasse impotente diante de sua libido genital. Já no estágio seguinte, a angústia estaria relacionada com a consciência moral e o supereu. Essa angústia surgiria frente à possibilidade de castigo e perda de amor do objeto, que levaria, novamente, à situação de desamparo, dada a dependência em relação a esse outro. Por fim, a última transformação da angústia estaria relacionada com a morte, frente à qual o supereu se vê absolutamente impotente, carece de qualquer controle.

Ainda sobre a angústia, Laplanche e Pontalis (2001) indicam que Freud concebe que todos os perigos internos contra os quais agem as defesas possuem em comum a perda ou a separação, sejam elas reais ou fantasiadas. Sob ameaça desses perigos, aumenta-se gradativamente a tensão interna, o que, em um caso extremo, ocasiona a impossibilidade de que o indivíduo consiga subjugar-la, tal qual como o recém-nascido. Já dentro da perspectiva biológica, os autores salientam que Freud conecta o estado de desamparo à prematuração biológica do ser humano, supracitada, descrevendo que, comparado aos outros animais, ele possui uma existência intrauterina relativamente curta, de maneira que possui recursos insuficientes ao nascer para se desenvolver com maior independência. Nesse sentido, torna-se necessária a diferenciação também precoce entre o eu e o outro, exigindo que o indivíduo não se mantenha nos processos primários, cindido do mundo externo e seus perigos reais que ameaçam sua sobrevivência.

Nesse sentido, Laplanche e Pontalis (2001) concedem importância, no plano genético, da vivência de satisfação e sua subsequente reprodução alucinatória, que gradativamente é percebida como insuficiente para a satisfação das necessidades, levando aos processos secundários. Segundo os autores, Freud conclui, ainda, que, nesse contexto, tais perigos externos ganham maior relevância e o objeto, o outro, torna-se mais valioso por ser o único capaz de proteger essa vida frágil, garantindo sua continuidade. As consequências desse fator biológico são o estabelecimento das primeiras situações de perigo e o surgimento da necessidade de ser amado, a qual acompanhará o ser humano por toda sua existência.

Hanns (1996), de forma semelhante, enlaça o desamparo ao conceito de estímulo, *Reiz*. Em sua leitura de Freud, o recém-nascido, em sua precocidade maturacional, não consegue satisfazer suas próprias necessidades pulsionais, sentindo o excesso de estímulo em seu aparelho psíquico como uma vivência angustiante que o aproxima da destruição, uma experiência insustentável para sua condição precária de mente. Nesse momento, ele se encontra dominado por “um estado de medo e desamparo” (p.73). Nota-se que, assim como Laplanche e Pontalis (2001), o autor faz o uso da expressão estado de desamparo para se referir ao termo *Hilflosigkeit*. Portanto, desamparo seria um termo dotado de intensidade, denotando um estado na fronteira entre o desespero e o trauma, semelhante à vivência do lactente mesmo após seu desenvolvimento. Hanns rememora, ainda, que gerenciar os estímulos, almejando sua descarga, torna-se um imperativo para se evitar o estado de desamparo e, conseqüentemente, a angústia, *Angst*.

Tanto na leitura de Hanns (1996) quanto na de Laplanche e Pontalis (2001), é possível observar que os elementos utilizados para pensar o estado de desamparo são essencialmente oriundos do texto “Projeto de uma Psicologia”, escrito em 1895 e publicado em 1950, e do texto “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926. Do primeiro, salienta-se a descrição econômica do desamparo e sua íntima relação com a vivência de satisfação, o que, conseqüentemente, demonstra a influência do estado de desamparo no desenvolvimento dos processos psíquicos primário e secundário, a partir dos quais compreendemos o funcionamento psíquico. Do segundo, extrai-se a íntima relação entre desamparo e angústia, demarcando sua presença desde o próprio nascimento devido à prematuração biológica do recém-nascido, a qual o impede de solucionar por conta própria o aumento brusco de estímulo a que ele é submetido, seja no próprio momento do nascimento seja posteriormente conforme surgem suas necessidades internas, como a fome e a sede.

Em ambos os textos, parece se delinear a noção de que a experiência do desamparo é inevitável e que sua ameaça permanece recorrente durante toda vida do sujeito, levando-o a buscar diversas maneiras de se defender contra ela. É nítido também que em ambos a dependência de um outro e suas conseqüências para o psiquismo são fortemente atreladas visto que, inicialmente, apenas o outro consegue apresentar os objetos que sanam as necessidades, responsáveis por esse aumento progressivo dos estímulos internos. Assim, a proposição por parte dos autores de se referir ao desamparo enquanto estado de desamparo

aparenta ser uma tentativa de circunscrever um conceito de desamparo dentro da obra freudiana.

É nesse sentido que Birman (1999) indica que existe, no geral, uma distinção entre o uso genérico e o uso conceitual da palavra desamparo na obra em questão, ressaltando, ainda, que Freud diversas vezes faria menção ao conceito sem necessariamente nomeá-lo. O autor, por sua vez, propõe que o conceito de desamparo se desenvolveria exclusivamente a partir das formulações metapsicológicas dos anos 20. Isso porque, para ele, existe uma mudança fundamental nos princípios fisiológicos subjacentes às construções psicanalíticas realizadas por Freud, o que impediria a concepção de uma continuidade na obra freudiana que ligasse de maneira integral os conceitos esboçados no “Projeto”, de 1895, aos apresentados após a publicação de “Além do princípio de prazer”, de 1920, incluindo, portanto, as ideias contidas em “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926. Segundo Birman, essa mudança consiste na substituição do modelo vitalista meticulosamente repensado por C. Bernard no século XIX, pelo modelo “mortalista”, termo retirado de Foucault, articulado por Bichat no mesmo século.

O modelo vitalista parte do princípio de que a vida e a morte consistem em dois estados opostos, os quais estabelecem relações extrínsecas entre si, sendo a vida “a condição de origem insofismável do ser” (Birman, 1999, p.16), ao passo que morte corresponde à perda dessa condição originária. Nesse sentido, Birman considera que contribuições de C. Bernard são fundamentais para Freud uma vez que, partindo desse princípio vitalista, Bernard concebe a ideia da homeostasia, na qual a existência de regulações automáticas entre os meios interno e externo permitiria a manutenção dessa condição fundamental que é a vida. A morte, portanto, seria a interrupção desse equilíbrio perfeito instituído por meio do funcionamento homeostático. No “Projeto”, a proposição de um movimento no aparelho psíquico para manter constante a quantidade de estímulos em si parece derivar fortemente dessa concepção.

Em contrapartida, de acordo com Birman, Bichat apresenta um modelo oposto, no qual a vida não consiste na condição originária, mas sim se revela como uma aquisição, como uma série de forças que se interpõem constantemente à morte, a qual permanece como a condição inicial para o desenvolvimento da própria condição vital. Nessa passagem do inorgânico para o orgânico e no retorno do orgânico ao inorgânico Freud parece encontrar parte dos princípios para sustentar suas proposições teóricas a partir dos anos 20. Com a introdução da pulsão de morte, é construída a noção de que “a tendência originária do

organismo seria, pois, para o esvaziamento energético total, visando assim à quietude do ser, com um retorno radical ao inorgânico” (Birman, 1999, p.21). O autor salienta que essa tendência ao escoamento enérgico total, em um movimento de retorno ao inorgânico fortemente associado à pulsão de morte, impõe ao ser humano a necessidade de um outro que lhe apresente os objetos de satisfação, criando os destinos da pulsão e um corpo erógeno, de forma a propiciar a pulsão de vida, o Eros que se interpõe à pulsão de morte. Isso porque, devido à imaturidade biológica com a qual o ser humano nasce, não existe em seu interior qualquer recurso para impedir essa descarga completa, a qual corresponde à morte. É necessário que algo externo ao organismo prematuro se oponha a ela, fixando a ordem vital.

Assim, o desamparo para Birman além de se associar ao estado do lactente frente ao aumento da tensão interna contra a qual ele não possui recursos adequados, estando na base da angústia, conecta-se a essa tendência originária, à luta humana contra a própria destruição, demarcando a inevitável presença do outro na constituição psíquica individual. Desta forma, o conceito de desamparo para o autor é “o correlato, na natureza humana, de sua propensão originária para a descarga total e absoluta das excitações, na medida em que inexiste no ser qualquer meio de domínio destas, apenas restando, para aquele, a possibilidade de sua eliminação” (1999, p.24).

Essa percepção de Birman parece condizer com os resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica, na qual é possível verificar que precisamente após 1920 existe um aumento considerável nas produções que trabalham de forma mais extensiva a temática, especialmente nos textos “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, “O futuro de uma ilusão”, de 1927, e “O mal-estar na cultura”, de 1930. É válido notar que esses textos aparentam construir uma progressiva imersão na relação entre indivíduo e a cultura. E, considerando que cultura, para Freud (2017), envolve a junção das realizações e organizações cujos fins são a proteção contra as forças da natureza e a regulação das relações interpessoais, não é inesperado que o desamparo se torne gradativamente central: a própria cultura se forma na medida que a humanidade necessita se defender de seu desamparo para sobreviver.

A partir desse panorama, é possível observar que existem diferentes vértices pelos quais se pode pensar o desamparo no interior da obra freudiana. Embora eles conservem semelhanças entre si, parecem se diferenciar na medida que partem de paradigmas interpretativos diferentes, continuidade ou ruptura, e privilegiam determinadas obras em

detrimento de outras para delimitar o que seria o conceito desamparo. Enquanto Laplanche e Pontalis (2001), assim como Hanns (1996) parecem extrair suas conclusões majoritariamente dos textos “Projeto de uma Psicologia”, de 1895, e “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, Birman (1999) busca elementos de obras como “As Pulsões e os seus Destinos”, de 1915, “Além do princípio do Prazer”, de 1920, e “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, para elaborar as suas. No entanto, é perceptível que na seleção bibliográfica proposta por esses autores está ausente uma série de escritos de Freud em que o termo desamparo aparece, como indicado na pesquisa bibliográfica apresentada no início deste trabalho. O que haveria nesses textos? Seria apenas um uso genérico da palavra desamparo cujo valor teórico é dispensável? E o que conceber sobre o uso do termo desamparado em suas respectivas variações? Ele manteria relação com essas proposições de conceito de desamparo?

É nesse sentido que este trabalho se propõe a reconstituir a história do uso do termo desamparo na produção freudiana, focando-se nas publicações psicanalíticas iniciais (1892-1900) por compreender-se que nelas estão contidas as ideias basais a partir das quais Freud desenvolverá a Psicanálise. Tem-se como objetivo principal analisar os textos elaborados e publicados no período determinado, buscando compreender o sentido atribuído ao vocábulo em cada um deles e destacando as diferenças e semelhanças encontradas. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, apresentado nesta introdução, no qual se delimitou as produções em que o autor utiliza o termo *Hilflosigkeit*, bem como o termo *hilflo* e suas possíveis variações. As obras encontradas nessa pesquisa bibliográfica serviram como guias para as leituras e análises executadas.

No primeiro capítulo, “Desvelando o desamparo – As neuropsicoses como portal para o inconsciente”, investigou-se a primeira menção ao termo desamparo, bem como suas menções subsequentes nos artigos de Freud voltados à etiologia das neuroses. Buscou-se nesse capítulo ilustrar como a descoberta dos processos inconscientes por meio da investigação das neuropsicoses levou ao desvelamento do desamparo dos indivíduos neuróticos e psicóticos frente a esses processos, fazendo com que o termo ganhasse um sentido psicanalítico, embora não estivesse propriamente estruturado como um conceito. Indicou-se, ainda, que Freud não deixa de considerar a existência do desamparo frente aos eventos externos, especialmente no que tange a relação com o outro, permeada por sentimentos ambivalentes de amor e ódio, assim como pela dinâmica marcada pela dependência e pela ameaça da perda. Por fim, buscou-se apresentar como, progressivamente,

o termo desamparo passa a se referir a uma condição universal do ser humano em sua infância, vinculada fortemente ao caráter biológico e os perigos externos que ameaçam um organismo incompleto em seu desenvolvimento.

No segundo capítulo, “Sob as intrincadas teias da condição humana”, investigou-se como o termo desamparo surge no contexto do manuscrito “Projeto de uma psicologia”. O “Projeto” redefine o conceito de desamparo ao caracterizá-lo explicitamente como uma condição inerente à biologia de todos os humanos, especialmente durante os estágios iniciais da vida, nos quais a dependência completa do cuidado alheio é crucial para a sobrevivência. Nesse sentido, buscou-se indicar a natureza dual do desamparo: 1) na relação do indivíduo com o mundo externo, envolvendo a figura do outro, da qual depende, e os perigos ambientais que ameaçam a sobrevivência; e 2) na relação do indivíduo com seu mundo interno, marcada pela insuficiência dos recursos biológicos para realizar ações que assegurem sua sobrevivência e, portanto, amparem. Almejou-se, por fim, demonstrar que o desamparo no “Projeto” é também uma condição psíquica, visto a necessidade de desenvolvimento dos processos psíquicos secundários e inibição dos processos psíquicos primários para que o recém-nascido possa, aos poucos, executar as distinções necessárias para sua sobrevivência.

No terceiro capítulo, “Desamparo em ‘A Interpretação dos sonhos’”, demonstrou-se que no período de 1898 a 1899, que antecede a publicação de “A interpretação dos sonhos”, não há menções explícitas ao desamparo. Contudo, a concepção de desamparo, conforme delineada nos primeiros escritos de Freud, persiste, evidenciando não apenas a condição do indivíduo adoecido pelas neuropsicoses, mas sim a de todos os indivíduos diante dos processos internos e inconscientes. Em contrapartida, buscou-se indicar que na obra subsequente, “A interpretação dos sonhos”, o emprego do termo desamparo é vinculado novamente à infância e parece seguir, majoritariamente, o sentido cunhado no “Projeto”, embora Freud não o aprofunde nem discrimine suas consequências para o psiquismo. Destaca-se que essa percepção é especialmente apoiada por conta da passagem sobre o complexo de Édipo, que reúne uma série de consequências do desamparo, mas não é vinculada diretamente a ele. Ademais, oferece-se ideias do motivo que levariam Freud a privilegiar determinados aspectos do desamparo em detrimento de outros nesse período.

Por fim, no último capítulo, “Considerações finais – Desamparo e ubiquidade na teoria freudiana”, buscou-se retomar a construção da ideia de desamparo nas primeiras publicações

psicanalíticas, indicando suas transformações e como, progressivamente, o termo passa a ganhar especificidade dentro da obra freudiana. Com isso, esperou-se demonstrar que os elementos que constituem o conceito de desamparo já estão presentes nesses escritos iniciais de Freud, no entanto, é necessário que eles sejam integrados. Propôs-se que essa integração depende do desenvolvimento de algumas outras noções, como, por exemplo, a introdução do narcisismo e da pulsão de morte, bem como o estabelecimento da nova tópica e da teoria da angústia. E, a partir dessa exposição, indicou-se à ubiquidade do termo desamparo na teoria freudiana, pontuando a dificuldade de circunscrevê-lo, bem como a extensão de suas consequências para o psiquismo.

CAPÍTULO 1: DESVELANDO O DESAMPARO – AS NEUROPSICOSES COMO O PORTAL PARA O INCONSICENTE

1.1 Um Caso de Cura por Hipnose (1893 [1892])

A primeira menção à ideia de desamparo dentro das obras completas de Sigmund Freud pode ser encontrada no texto “Um caso de cura por hipnose” (Freud, 1992c), escrito em 1892 e publicado em 1893. Em comentário introdutório, Strachey indica que a publicação é contemporânea à “Comunicação preliminar”, 1893, de Freud e Breuer, trabalhando com ideias, tais quais a contravontade, que seriam exploradas nas publicações posteriores do autor. Desta forma, o artigo demarca uma transição entre os estudos sobre a hipnose e os estudos sobre a histeria, ligando-os especialmente a partir da observação descrita nesse artigo de que a fadiga física constitui um momento de disposição para a histeria, propiciando terreno fértil para a atuação da contravontade.

No escrito, Freud relata o caso de uma mulher entre 20 e 30 anos cuja queixa era a impossibilidade de amamentar seus filhos, embora desejasse profundamente fazê-lo. Os sintomas envolviam a produção escassa de leite, dor e irritação intensas durante a amamentação, insônia, gosto amargo na boca e vômito persistentes. Ela não apresentava sintomas neuróticos previamente e na família existia apenas um caso de neurastenia, seu irmão, de maneira que não pudesse ser conclusivo se seus sintomas poderiam ser decorrentes da hereditariedade.

De acordo com o autor, não houve complicações no parto do primeiro filho da paciente, fruto de um casamento feliz, e a jovem gozava de boas condições de saúde na época. No entanto, ao tentar amamentá-lo, experienciou a pouca produção de leite, bem como as dores quando o recém-nascido mamava, a perda de apetite e a insônia. Após quinze dias de tentativas frustradas, o bebê passou a ser alimentado por uma ama-de-leite, com objetivo de preservar sua saúde e a da mãe. Freud não chegou a tratá-la nesse período.

Três anos depois, ocorreu o nascimento de seu segundo filho e, novamente, retornaram os sintomas, agravados, ainda, pelos vômitos, pela irritação suscitada quando seu filho era trazido para mamar e pela depressão frente à impossibilidade de realizar seu intento. Nesse contexto, Freud, que já conhecia a família, fora chamado em um último esforço para eliminar

os sintomas, por meio da sugestão hipnótica, e permitir que ela amamentasse o bebê como gostaria, sem necessitar da ama-de-leite.

Apesar da ausência de confiança por parte da paciente e de seu marido em relação a técnica hipnótica empregada, Freud conseguiu induzir a hipnose utilizando a fixação do olhar enquanto, concomitantemente, realizava sugestões referentes à insônia. Segundo o autor, após três minutos, ela se encontrava deitada de maneira tranquila, aparentando estar em um sono profundo. Com isso, ele descreve ter realizado sugestões acerca de seus temores com a amamentação e os sentimentos que eles desencadeavam, contestando-os. Após alguns momentos de sono, ele a despertou. Ela, ao acordar, relatou amnésia em relação ao ocorrido.

Na noite que sucedeu a hipnose, ela recuperou o apetite e pôde alimentar-se sem regurgitar. Conseguiu, ainda, dormir, tomar seu desjejum por vontade própria e amamentar seu filho perfeitamente durante a manhã. Contudo, durante o almoço, os sintomas retornaram: ela havia vomitado antes mesmo de conseguir almoçar e, posteriormente, não conseguiu levar seu bebê ao seio. Assim, Freud fora novamente acionado e realizou uma segunda hipnose, na qual, segundo o próprio, foi mais enfático em suas sugestões. A partir disso, ela pôde amamentar seu filho por oito meses.

Um ano depois, com o nascimento do terceiro filho, ela experienciou os mesmos sintomas. Novamente, foram necessárias duas sessões de hipnose para que ela conseguisse amamentá-lo. No momento em que Freud redigia o artigo, o referido bebê já contava dezoito meses e estava saudável, bem como sua paciente. Ele relata que, após o encerramento do tratamento, a jovem o confessou sentir muita vergonha pelo fato de sua força de vontade não ser suficiente para que ela conseguisse amamentar, enquanto, com a hipnose, havia atingido facilmente o resultado esperado.

Após a ilustração do caso, Freud passa a inferir o mecanismo psíquico que haveria levado sua paciente a apresentar o conjunto de sintomas nessa circunstância específica. Ele inicia sua exposição com a distinção entre intenções, *Vorsätze*, e expectativas, *Erwartungen*. A intenção consistiria em uma representação vinculada a um afeto de expectativa, na qual o indivíduo espera realizar algo. Nas palavras de Freud (1992c, p.155), seria a representação de que “eu farei isso ou aquilo”. Por sua vez, a expectativa também seria uma representação vinculada a esse tipo de afeto, na qual, no entanto, algo ocorrerá com o indivíduo, consistindo na representação de que “isso ou aquilo acontecerá comigo” (1992c, p.155).

O autor prossegue indicando que o afeto vinculado a essas ideias depende de dois fatores. O primeiro deles é a importância que o resultado possui para o sujeito. O segundo deles, de maior relevância para sua análise, é o grau de incerteza relacionado à expectativa desse resultado. Essa incerteza subjetiva, à qual Freud se refere como expectativa contrária, *Gegenerwartung*, configura-se como um conjunto de representações que o autor denominou representações contrastantes penosas, *peinliche Kontrastvorstellungen*. Essas representações contrastantes, no caso da intenção, apresentam-se como a impossibilidade de se realizar aquilo que é pretendido. Já no caso da expectativa, elas se apresentam como a listagem de todos os possíveis desfechos, exceto o desejado.

Freud indica que, seguindo nesse sentido, chegar-se-ia às fobias, as quais são centrais na sintomatologia das neuroses. Todavia, ele opta por concentrar-se nas intenções, questionando-se como uma pessoa saudável psiquicamente lida com as representações contrastantes que se opõem às intenções. Sua conclusão é de que ela as reprime e inibe, de maneira a excluí-las de suas associações. Assim, essas representações sequer se fariam conscientes. Já sob a luz da neurose, pressupõe-se a presença primária de uma tendência à depressão e ao rebaixamento da autoconfiança, de maneira semelhante à observada na melancolia. O autor propõe que o predomínio das representações contrastantes na neurose possa se dar por sua compatibilidade ao estado de ânimo presente na neurose ou, talvez, que a própria neurose seja um terreno fértil para o triunfo dessas representações que, em outras circunstâncias, teriam sido interceptadas.

A partir disso, Freud distingue o mecanismo atuante nas duas principais neuroses daquele período: a neurastenia e a histeria. Na neurastenia, a representação contrastante patologicamente fortificada se liga à representação-vontade, *Willensvorstellung*, em um único ato de consciência. Desta forma, a representação contrastante enfraquece à representação-vontade engendrando a debilidade da volição, tão característica nos neurastênicos. Nota-se que, uma vez que essa ligação entre as representações se dá em um ato único de consciência, existe, nos neurastênicos a consciência da representação contrastante.

Na histeria, por sua vez, o processo se mostra diferente. Em consonância com a tendência à dissociação da consciência presente na histeria, a representação contrastante penosa aparenta estar inibida, sendo afastada da associação com a intenção. Assim, ela permanece existindo de maneira inconsciente para os histéricos como uma representação à

parte. Todavia, ao chegar o momento de executar a intenção, a representação contrastante inibida objetiva-se, *objektiviert*, por meio da inervação corporal, gozando da mesma facilidade que a representação vontade apresenta em circunstâncias regulares. Isso ocorre porque, nesses casos, a representação contrastante mantém a possibilidade de se ligar à intenção e inibi-la. Desta forma, na histeria, a representação contrastante se estabelece como uma contravontade, *Gegenwille*, da qual o indivíduo não está consciente.

Freud ressalta que, se na neurastenia prevalece a fraqueza da vontade, *Willensschwäche*, na histeria o que se dá é a perversão da vontade, *Willensperversion*. Ele prossegue indicando que a paciente retratada sofre de uma “histeria de ocasião”, ou seja, que sob circunstâncias específicas, no caso, o parto e sua subsequente exaustão, foi possível que ela desenvolvesse um conjunto de sintomas cujo mecanismo era o mesmo encontrado na histeria, embora a paciente se demonstrasse plenamente saudável antes e após essa ocasião. Desta maneira, Freud introduz a possibilidade de que alguém saudável sofra por um mecanismo psíquico típico da histeria sem, no entanto, estar acometido por uma degeneração nervosa, posicionando-se contra o pensamento tradicional da época para o qual a etiologia da histeria consistiria na herança biológica degenerativa.

O autor faz, então, referência implícita ao texto redigido junto a Breuer “Comunicação Preliminar”, 1893, para reforçar sua argumentação de que, por meio da hipnose, é possível comprovar a existência de um mecanismo psíquico comum para os sintomas histéricos, o qual ele buscou descrever tanto em outros textos como nesse. Sua tentativa de ilustrar o mecanismo psíquico por trás delas constitui um avanço precioso para seu tratamento: ao invés da eliminação consecutiva e incessante dos sintomas via hipnose e sugestão, essa mesma técnica poderia ser utilizada para acessar a representação contrastante que está no núcleo da formação sintomática. Trazê-la à consciência constitui a principal via para a remoção mais eficaz dos sintomas.

Em seguida, ele menciona brevemente o caso de Emmy Von N., posteriormente publicado na íntegra e com modificações em “Estudos sobre a histeria”, de 1895. Freud a descreve como uma mulher detentora de grande força de vontade no que tangia aspectos de sua vida não afetados pela histeria. No entanto, apresentava grande sofrimento pelos impedimentos que os sintomas histéricos impunham em seu cotidiano. O autor destaca, entre eles, um ruído semelhante a um tique que se manifestava durante suas conversas. Ao ser

questionada sobre quando esse estalo de língua surgira, ela respondia não saber, pensando tê-lo desde muito tempo. Foi apenas quando Freud fez a mesma pergunta sob hipnose que ela pôde descrever duas situações do surgimento do tique: a primeira ocorreu após sua filha finalmente dormir depois de ter sofrido com uma série de convulsões e a segunda, quando passeava em uma floresta de carruagem e iniciou-se tempestade, fazendo com que o tronco da árvore a sua frente fosse atingido por um raio, o que levou seu cocheiro a sofrear os cavalos.

Em ambas as situações, ela pensou que não poderia produzir som algum, tanto para não acordar a filha quanto para não assustar os cavalos. Precisamente nesse momento, efetuou a contragosto o tique que a acompanharia até seu tratamento com Freud. No caso de Emmy, assim como no descrito nesse artigo, é possível notar o mesmo funcionamento psíquico: em um momento de exaustão dos elementos do sistema nervoso os quais compõem as bases materiais das representações ligadas à consciência primária, as representações excluídas dessa cadeia associativa, que normalmente estariam inibidas e reprimidas, ganham força por não estarem fatigadas, dominando as inervações. Por conta disso, os indivíduos são levados a atuar segundo essa contravontade, no caso da exaustão histérica, inconscientemente.

O autor nota que a conexão entre as representações reprimidas e o estado histérico pode ser mais complexa, uma vez que este é possivelmente resultado de uma repressão laboriosa. No entanto, comenta que nesse trabalho não considerará esses aspectos psíquicos. O mecanismo psíquico da repressão será elucidado na medida que Freud se distancia das hipóteses predominantemente biológicas, para as quais a hereditariedade possuiria papel principal na etiologia das neuroses, e assume a defesa da sexualidade e seus conflitos como causa central do desenvolvimento dos sintomas neuróticos. Essa percepção, construída sobretudo por meio de sua experiência clínica, leva-o à formulação de teorias sobre o funcionamento psíquico e sua organização para além das estruturas orgânicas. Só então a repressão pode tomar seu posto enquanto fundamental na explicação da cisão observada nos estados histéricos.

Por hora, o autor finaliza o artigo mencionando que o predomínio da contravontade consiste em um dos principais traços da histeria, indicando que “quem conhece os enfermos de histeria sabe que essa compulsão muitas vezes aflige os caracteres mais impecáveis, que durante um tempo permanecem, desamparadamente [*hilflos*], à mercê de suas representações contrastantes” (Freud, 1992c, p.160-161, tradução nossa). É assim que a ideia de desamparo

surge pela primeira vez em “Um caso de cura pela hipnose”. Observa-se que Freud a emprega para descrever o estado das pessoas acometidas pela histeria frente ao jogo de forças estabelecidos entre a vontade, consciente, e a contravontade, inconsciente³. Esse conflito ocorre sem que elas saibam ou tenham qualquer controle e, sob determinadas condições, a contravontade consegue triunfar. Portanto, a noção de desamparo aqui parece estar fortemente ligada à posição do indivíduo adoecido histericamente frente aos fenômenos internos que produzem seus sintomas sem que ele próprio tome conhecimento.

Essa percepção é corroborada pelo fato de que, ao descrever o mecanismo psíquico por trás do predomínio pontual da contravontade, Freud indica que as representações reprimidas não apenas não deixam de existir ao se tornarem inconscientes, como também podem apresentar um grau complexo de organização. Essa organização superior sugere que há mais que uma simples cisão ocorrendo na histeria e, nesse sentido, a ideia do rudimento de uma segunda consciência, uma *condition seconde* como proposto por Charcot, talvez seja insuficiente para contemplar a dimensão dos processos inconscientes. Mais que isso, ao propor um conflito entre a vontade e a contravontade, Freud estabelece a existência de uma disputa oculta entre forças opostas, a qual ocorre segundo um propósito desconhecido para o sujeito – e, nesse momento, também a Freud. Nota-se, assim, que estamos diante da gestação do próprio inconsciente e, conseqüentemente, na iminência da descoberta de nosso desamparo perante a ele. Portanto, ainda que não estruturado como um conceito freudiano, é possível observar o princípio de um sentido propriamente psicanalítico à palavra desamparo. Resta compreender se essa noção de desamparo pode ser verificada nas obras subsequentes desse período.

1.2 Estudos sobre a Histeria (1893-1895)

Por sua vez, o primeiro emprego da palavra *Hilflosigkeit* por parte de Freud ocorre em sua descrição do caso Elisabeth Von R., publicado em “Estudos sobre Histeria”, de 1895. No prefácio da primeira edição da obra, o autor indica que os estudos apresentados possuem como principal objetivo demonstrar a tese central, desenvolvida em conjunto com Breuer, de que a sexualidade constitui a base a partir da qual a patologia histérica se edifica, sendo a fonte de traumas psíquicos, bem como suscitando o surgimento da defesa por meio da

³ Aqui, o termo inconsciente ainda não possui uma conotação propriamente psicanalítica, uma vez que, nesse momento de sua obra, Freud considera somente a existência de uma segunda consciência. Portanto, “inconsciente” se refere somente a um processo do qual não se possui ciência.

repressão de representações da consciência. No prefácio da segunda edição, de 1908, Freud complementa que nesse escrito já é possível encontrar “os germes de todos os ulteriores componentes da teoria da catarse (como o papel dos fatores psicosexuais e do infantilismo, o significado dos sonhos e da simbologia do inconsciente)” (Freud; Breuer, 2016, p.17), fazendo alusão a obras posteriormente publicadas como “A interpretação dos sonhos”, de 1900, e “Três ensaios sobre a teoria sexual”, de 1905.

A obra se inicia com a reprodução do texto “Comunicação Preliminar”, publicado em 1893 no periódico *Neurologisches Zentralblatt*. Nesse texto, Freud e Breuer apresentam sucintamente os achados de suas investigações sobre a histeria, especialmente no que tange sua causa, ou seja, a ocorrência que desencadeou pela primeira vez os sintomas histéricos em sua multiplicidade. Eles notaram a dificuldade em localizar com exatidão a vivência que originou os sintomas, seja por ela ser desagradável e de difícil comunicação por parte do indivíduo adoecido, seja por não existir, a princípio, a lembrança que permita a conexão causal entre o evento e o fenômeno patológico. Nesse sentido, os autores indicam que muitas vezes a hipnose se faz necessária para acessar essa memória.

Ainda sobre esse fenômeno originário, os autores (2016, p.20) pontuam que ele pode ser alucinado durante os ataques histéricos e que, com muita frequência, ele ocorreu durante a infância, produzindo a patologia em maior ou menor grau nos anos subsequentes. Sua conexão com os sintomas pode ser bastante evidente, como no caso de Emmy Von N., referenciado previamente, ou ainda, pode se mostrar de maneira muito menos explícita. Nessa última situação, o que existe é apenas a relação simbólica entre o motivo precipitador e a sintomatologia histórica, que os autores comparam com a experiência do sonho em pessoas sãs, na qual uma nevralgia se encontra associada a uma dor psíquica, ou então, o vômito ao afeto de repugnância moral.

A partir dessas considerações, é tecida uma analogia entre a histeria comum e a neurose traumática, indicando que em ambas é o trauma psíquico que se encontra no cerne da doença, o que justificaria a existência do conceito de histeria traumática. Por trauma psíquico compreende-se:

Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende,

compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada (assim como de uma condição a ser mencionada mais tarde) (Freud; Breuer, 2016, p.22).

Os autores descrevem que não é raro que vários traumas parciais reunidos sob um conjunto tenham o mesmo efeito de um grande trauma na histeria comum. Pontuam, ainda, que muitas circunstâncias aparentemente indiferentes também podem adquirir o estatuto de trauma ao coincidirem com o evento de fato traumático ou com um momento inusual de excitabilidade. Por fim, os autores, já nesse momento inicial de sua exposição, indicam que o trauma não age na histeria como um agente provocador o qual desencadeia um sintoma que, a partir disso, mantém-se de maneira independente no organismo. Muito pelo contrário, é precisamente a presença inconsciente da lembrança do trauma que leva à permanência dos sintomas.

Em relação à outra condição para que uma lembrança se torne traumática, para além a sensibilidade da pessoa afetada, os autores ressaltam que mais que a vivência em si, o importante para se definir o traumático é se houve ou não uma reação energética em relação a essa vivência. Como reação entende-se a série de reflexos voluntários e involuntários em que os afetos são descarregados, podendo abarcar desde o choro até os atos de vingança. Quando a reação é suficiente, grande parte do afeto desaparece, não gerando uma situação de trauma. No entanto, se a reação é suprimida, o afeto não descarregado se mantém ligado à lembrança dessa vivência, ocasionando uma lembrança traumática.

Em um indivíduo saudável, essa ligação pode ser posteriormente quebrada por meio da fala, a partir da qual há a ab-reação do afeto, atuando quase do mesmo modo como as repostas reflexas imediatas à situação. Como exemplo, tem-se o alívio sentido quando o segredo que atormenta alguém pode ser finalmente compartilhado, confessado. Além da fala, outro mecanismo psíquico empregado por pessoas saudáveis é a correção das representações ligadas ao traumático. Isso é possível uma vez que a lembrança, ainda que não ab-reagida, encontra-se inserida no grande complexo da associação, podendo ser comparada com outras vivências as quais a contrariam, corrigindo-a. Esse é o caso, por exemplo, quando, após um acidente, a lembrança do perigo é contrastada, via associação, com a lembrança do salvamento, a qual corrige o afeto do terror por meio da consciência da segurança atual.

Com a perda da carga afetiva que antes mantinha essas lembranças ominosas, aos poucos, elas enfraquecem e, destituídas de sua força, podem ser finalmente esquecidas.

Contudo, não é esse o processo observado nos enfermos de histeria. Neles, as lembranças traumáticas foram reprimidas do pensamento consciente, estando, portanto, excluídas do complexo associativo. Desta forma, não é possível que elas sejam ab-reagidas adequadamente. Há uma cisão da consciência. E, na explicação sobre os mecanismos por trás desse fenômeno, a cisão entre Breuer e Freud acontece.

Breuer indica que a tendência a essa dissociação se encontra presente em toda histeria e propicia o surgimento de estados anormais da consciência, os quais foram agrupados sob a expressão estados hipnoides. Isso porque eles conservam em comum com a hipnose o fato de que “as ideias que neles surgem são muito intensas, mas fechadas ao tráfego associativo com o resto do conteúdo da consciência” (Freud; Breuer, 2016, p.31). Tais estados são associáveis entre si, de maneira que o conteúdo de suas representações pode atingir diferentes graus de organização psíquica. Assim, o grau de isolamento em relação aos processos da consciência também pode variar. Caso esses estados sejam pré-existentes à manifestação da histeria, eles criam um cenário favorável para que o afeto transforme a lembrança em patogênica, constituindo a chamada histeria por predisposição.

O argumento apresentado é, evidentemente, insuficiente para explicar o desenvolvimento da histeria, uma vez que a tendência à dissociação nela presente é o pressuposto para a formação dos estados hipnoides. Esses estados propiciariam o desenvolvimento dos sintomas histéricos, que, por sua vez, já estão dados pela propensão à dissociação. Dessa forma, Breuer apresenta um argumento circular que, indiretamente, recorre à justificativa da herança biológica, tão dominante na época, como determinante da tendência ou não para a histeria. É nítido que existem diferenças importantes entre os autores e que, progressivamente, Freud se afasta dessas ideias e aproxima-se do estabelecimento de uma concepção dinâmica dos fenômenos psíquicos. No entanto, tanto na concepção de Breuer, assim como na de Freud, é possível, por meio do método catártico, sucessor do método hipnótico clássico, reintegrar essa lembrança traumática ao fluxo associativo consciente. Com isso, permite-se a ab-reação do trauma, desfazendo o sintoma. A ideia de uma degeneração contra a qual pouco poderia o médico ou o paciente deixa de ser prevalente.

Interessante é notar que Freud, na própria Comunicação Preliminar, com o consentimento de Breuer, apresenta a noção de histeria psicicamente adquirida. Ele descreve que o trauma severo, bem como a repressão intensa de um afeto, como o afeto sexual, pode

ocasionar o fenômeno da dissociação, acarretando, portanto, o desenvolvimento da histeria sem a presença de qualquer tendência inata a ela. A partir deste ponto, torna-se clara a linha de investigação que Freud irá adotar em seus trabalhos futuros, gradativamente mergulhando no exame dos traumas sexuais que fundariam não apenas a histeria, mas todas as neuroses, como ele irá concluir sob a vigência da hipótese da sedução.

Realizada essa distinção, Freud e Breuer retomam a descrição do grande ataque histérico fornecida por Charcot, na qual quatro fases compõem um ataque completo: 1) a epileptoide; 2) a dos grandes movimentos; 3) a das *attitudes passionelles*, a fase alucinatória, e 4) a do delírio final. Dentre elas, destaca-se a fase alucinatória, sobre a qual teorizam que as alucinações experimentadas fazem referência às lembranças da situação que originou os sintomas histéricos. Mesmo nos casos em que não há o ataque completo, como o ataque convulsivo e o *attaque de sommeil*, ataque de sono, os autores indicam que foi possível constatar a subjacência da lembrança do trauma psíquico.

Ademais, Freud e Breuer argumentam que a eficácia do método terapêutico no qual, por meio da hipnose, acessa-se a lembrança traumática e, a partir disso, conduz-se o paciente à reação e à correção associativa, constitui-se como um forte indício a favor de sua teoria. Nesse sentido, os fenômenos motores observados durante um ataque histérico podem ser interpretados como mecanismos de reação ao afeto que acompanha a lembrança traumática, tal qual o bebê quando agita seus braços e suas pernas. Eles podem ser interpretados, ainda, como as expressões diretas dessa lembrança. Portanto, esse tipo de lembrança pode ser distinto como o fundamento dos sintomas histéricos duradouros.

O grande ataque histérico oferece evidência da organização superior dos grupos de representações insurgentes nos estados hipnoides, que, embora interditados do trânsito associativo com o restante, mantêm-se associáveis entre si. Isso porque esse ataque permite observar precisamente o momento em que a consciência hipnoide domina a inervação corporal, antes ligada apenas à consciência normal, apoderando-se do indivíduo por completo. Ainda que no sintoma histérico duradouro esse também seja o mecanismo psíquico atuante, no caso dos ataques, a recorrência torna possível teorizar sobre o movimento de retorno da lembrança traumática. Assim, há um ganho teórico em relação ao artigo anterior, que, embora já descrevesse o domínio temporário da motilidade pela representação contrastante reprimida,

não conseguia explicar quando e porque esse domínio ocorria para além da fadiga do organismo.

Considerando a hipótese dos estados hipnoides, os autores concebem que a evolução regular da histeria grave é composta por um momento inicial no qual os estados hipnoides se formam e, a partir do gradativo desenvolvimento de seus conteúdos representacionais, levam ao período de histeria aguda, em que a consciência normal é subjugada de maneira que a inervação corporal esteja sob controle dos conteúdos oriundos dos estados hipnoides, causando os sintomas duradouros e os ataques. Durante um ataque, a consciência normal não é completamente suprimida, sendo possível existir a percepção dos fenômenos motores. Todavia, os processos psíquicos escapam completamente à apreensão do indivíduo. Por fim, a consciência normal pode retomar o domínio das inerações. Esse domínio, contudo, é frágil e pode ser abalado de tempos em tempos, uma vez que o que sobreviveu do conteúdo representacional do estado hipnoide retorna, levando novamente aos ataques.

Isso indica que, da mesma forma como lembranças regulares sobrevivem e podem ser despertadas em um indivíduo saudável, nesse movimento de penetração na consciência, também podem sobrevir às lembranças traumáticas não conscientes que, conseqüentemente geram os ataques histéricos. Desta forma, estabelece-se com frequência um equilíbrio entre as consciências existentes em uma única pessoa. A cisão existente entre elas permite que os ataques e a vida cotidiana sigam em conjunto, influenciando-se completamente apesar do desconhecimento do sujeito sobre esses processos. Assim (Freud; Breuer, 2016, p.37):

Compreende-se agora por que tem efeito curativo o método de psicoterapia que foi aqui exposto. Ele anula a efetividade da ideia que originalmente não foi ab-reagida, ao permitir a seu afeto estrangulado o escoamento pela fala, e a leva à correção associativa, impelindo-a para a consciência normal (em hipnose mais leve) ou removendo-a por sugestão médica, como ocorre no sonambulismo com amnésia.

O que se pode observar nessa introdução é que um aprofundamento teórico ocorre. A representação penosa reprimida não se limita à oposição direta da intenção ou da expectativa; ela se constitui por meio da lembrança de um evento traumático, que, por sua vez, configura-se desta forma devido à ausência de uma reação imediata e adequada a determinada situação, impedindo a descarga do afeto. Na histeria, não apenas a reação contingente à circunstância não ocorre, como há o agravante da impossibilidade de uma reação subsequente, ab-reação, que permita a descarga desse afeto estrangulado. Isso ocorre justamente pela repressão operada, que retira a recordação traumática do trânsito associativo consciente. Desta maneira,

o que parece definir a produção dos sintomas histéricos é precisamente a repressão, que impede a ab-reação pela fala ou pela correção dos pensamentos concedida aos indivíduos saudáveis, os quais possuem acesso a essa memória.

Nesse contexto, o sintoma se configura como a única pista de que houve uma falha no processamento do trauma no sujeito histérico. A partir dele, a análise começa. Inicialmente, por meio do método hipnótico e, mais tarde, considerando suas limitações – notadamente que nem todos os indivíduos são hipnotizáveis – novas adições, como a técnica da pressão, são incorporadas. Como mencionado anteriormente, o mecanismo psíquico de retorno das lembranças, quer sejam traumáticas ou não, possibilita a compreensão de que algo impulsiona esse retorno e, conseqüentemente, a manifestação das crises histéricas agudas. Esse mecanismo ainda requer uma explicação, e Freud empenhará esforços significativos para atingir tal objetivo, culminando especialmente no manuscrito de 1895, intitulado "Projeto de uma Psicologia".

Mantém-se a concepção de uma organização complexa da segunda consciência, da qual o sujeito permanece alheio, assim como o conflito velado entre essa segunda formação e a consciência primária. Além disso, a noção de trânsito associativo através de uma cadeia, cujas leis denotam como ocorrem as relações entre as representações, também permanece similar ao observado anteriormente. A esses aspectos, adiciona-se a ideia de descarga dos afetos, introduzindo um elemento essencial para a fundamentação da psicanálise, a saber, a dinâmica baseada na economia energética que engendra o funcionamento do aparelho psíquico. Por meio desses elementos, parece lícito supor que a noção de desamparo se manterá relativamente semelhante àquela encontrada no texto anterior: o estado do indivíduo psiquicamente adoecido diante dos processos internos responsáveis pelo surgimento dos sintomas que o conduzem ao seu sofrimento. Vejamos.

O caso no qual o emprego da palavra *Hilflosigkeit*, desamparo, ocorre pela primeira vez é o de Elisabeth Von R. Esse acompanhamento foi realizado no outono de 1892, a partir da solicitação de um colega de Freud, o qual acreditava se tratar de uma histeria, embora os sinais habituais de neurose não estivessem presentes. Elisabeth era uma mulher de 24 anos que sofria há dois com dores na perna as quais não advinham de questões orgânicas. Essas dores dificultavam sua caminhada e, conseqüentemente, impediam-na de desfrutar de muitos dos prazeres na vida. Freud a descreve como uma mulher inteligente e aparentemente

saudável psiquicamente. Ao examiná-la, no entanto, nota sua reação peculiar em relação ao toque na área da perna em que descreve ser a principal afetada pelas dores. Enquanto a reação esperada seria a expressão de incômodo, as feições de Elisabeth denotavam mais prazer que dor. Ademais, diferentemente das expectativas, ela não se furtava ao exame. Soltava gritos muito semelhantes aos presentes em situações de cócegas intensas. Seu rosto enrubescia, seus olhos fechavam e sua cabeça era projetada para trás juntamente com o tronco. Com isso, foi possível para Freud supor que a excitação havia atingido uma zona histoerógena, apoiando a hipótese diagnóstica de histeria.

Considerando a rigidez muscular, antes do início da terapia psíquica, ela participou durante quatro meses de sessões de massagem sistemática e de faradização dos músculos sensíveis, apresentando leve melhora. Aceitou com pouca resistência e bastante compreensão a explicação de Freud sobre os procedimentos do tratamento catártico. Seus primeiros relatos foram realizados com ela deitada de olhos fechados, sem a mediação da hipnose, embora o autor tenha notado que nos momentos em que a narrativa a tocava de maneira mais profunda, ela parecesse entrar por conta própria em um estado próximo ao da hipnose.

Sua história fora marcada por uma série de perdas. Ela era a filha mais nova, tendo duas irmãs mais velhas. Cresceu com a família no interior da Hungria. Sua mãe sofria de uma afecção nos olhos e de estados nervosos, o que a levou a se aproximar mais do pai, o qual, por sua vez, a estimulava em sua curiosidade intelectual. Elisabeth era ambiciosa em relação a seus estudos, valorizava sua própria opinião e a expressava fortemente. Temia que um casamento pudesse privá-la dessa liberdade. Apesar dos atritos com a família gerados por sua maneira de ser, ela sempre se dispôs a cuidar da mãe e das irmãs, sendo muito prestativa também na administração dos bens familiares.

A família se mudou para capital no início da adolescência das filhas, passando por um período muito caro a Elisabeth. Essa felicidade dissipou-se com um ataque de edema pulmonar que o pai sofrera, consequência de uma afecção cardíaca. A partir disso, ela passou um ano e meio dedicando-se ao cuidado de seu pai, dormindo em seu quarto e atendendo contingencialmente a seu chamado. Buscava mascarar sua angústia, obrigando-se a parecer mais alegre do que realmente estava. Freud associou o início de sua histeria a esse período, visto que, em sua narrativa, durante os cuidados com o pai ela precisou ficar um dia e meio de cama por conta de dores em sua perna direita. Na época, as dores passaram, não despertando

maior atenção. Apenas dois anos após o falecimento do pai elas se tornariam um empecilho para sua vida.

O falecimento do pai, além de representar a perda de alguém com quem ela era muito íntima, significou também o distanciamento da família, agora composta por quatro mulheres, da vida social na capital. Ademais, sua mãe encontrava-se adoecida. Progressivamente, seus esforços voltaram-se aos cuidados com a mãe, concentrando nela seu afeto. Um ano após a perda de seu pai, passou por outro momento de separação, desta vez com a irmã mais velha que se casara com um homem de posição proeminente. Ele era descrito como alguém trabalhador e inteligente. No entanto, Elisabeth passou a ter conflitos com o cunhado após considerar suas ações negligentes em relação a sua mãe de saúde frágil. Ela ainda se opunha às explosões de irritação que ele tinha, para as quais as outras mulheres se submetiam, de acordo com seu relato. O momento extremo dessa relação ocorreu, contudo, quando ele decidiu se mudar com a esposa e filho, sobrinho preferido de Elisabeth, para uma cidade longínqua na Áustria, na expectativa de uma promoção e um salário mais vantajoso. Ela considerava que essa mudança contribuía significativamente para o isolamento de sua mãe, que durante esse período havia passado por uma cirurgia em seus olhos por conta do agravamento de sua afecção.

A situação tornava-se especialmente dolorosa para Elisabeth, uma vez que no momento subsequente ao pós-operatório da mãe, a família havia se reunido em uma casa de verão, podendo viver pela primeira vez desde o falecimento do pai um tempo livre das preocupações majoritárias com a doença. Freud descreve que:

Nessa oportunidade, Elisabeth sentiu muito claramente seu desamparo, sua incapacidade de oferecer à mãe um substituto para a felicidade perdida e a impossibilidade de cumprir seu propósito, assumido quando da morte do pai. (Freud; Breuer, 2016, p.203)

É possível observar que a palavra desamparo, *Hilflosigkeit*, nesse trecho é empregada para caracterizar a impossibilidade de Elisabeth de impedir mais uma perda em seu ciclo familiar, nesse momento representada pela mudança da família nuclear de sua irmã. Essa mudança evidencia a ela o forte sentimento de impotência e de abandono – tanto de sua mãe quanto o seu próprio. Nesse sentido, diferentemente do que se esperava encontrar, a ideia de desamparo, em um primeiro exame, parece se relacionar a um evento externo que a jovem gostaria de evitar, mas não consegue. Além de se tratar de um evento externo a si, em contraste com os processos inconscientes internos, a maior diferença na noção de desamparo

apresentada nesse excerto é a própria consciência do conflito que a aflige: o desejo de que a família permaneça reunida frente a constatação de que ele não será realizado dada a firme decisão de mudança de seu cunhado. Há claramente em seu discurso a frustração de um desejo do qual ela possui ciência. O que, então, estaria oculto e causando seus sintomas? Onde está o trauma? E, sob um exame cuidadoso, seria seu desamparo estritamente consequência desses aspectos externos?

Freud prossegue em seu relato indicando que é durante essa viagem em família que Elisabeth passa a sentir dores nas pernas novamente e dificuldade para andar. Ela associou as dores a uma longa caminhada realizada nesse período, acreditando inicialmente que estava fatigada e, posteriormente, resfriada. Seu adoecimento a levou a passar o restante do verão em uma cura de banho em Gastein, o que ela aceitou após muita oposição. Essa estadia foi interrompida com o adoecimento e subsequente falecimento de sua segunda irmã, que na época estava gestando o segundo filho. A gravidez havia agravado uma afecção cardíaca, até então desconhecida à família.

Embora pudesse se supor que as dores de Elisabeth decorressem das penosas perdas que a afligiram, Freud nota que o aparecimento delas é anterior à morte de seu pai e de sua irmã. Guiado por essa percepção, ele passa a se questionar o que pode estar oculto no relato da paciente referente a esses períodos específicos. Nesse sentido, buscou utilizar a técnica de hipnose, mas sem sucesso: ela não atingia outro estado de consciência por esse meio, orgulhando-se do fato. Por conta disso, Freud passou a empregar a técnica da pressão sobre a cabeça. A técnica permitiu o acesso gradual a lembranças as quais ela propositalmente omitira.

A primeira delas ocorreu no momento do adoecimento de seu pai. No período, ela estava interessada em um rapaz que morava próximo a si e com quem compartilhou momentos ternos de leitura e troca de ideias. Não sentia que o casamento com ele a privaria da vida que ela desejava. Admirava sua devoção à família, semelhante à dela, e possuíam sentimentos mútuos de amor um pelo outro. Todavia, ele não era independente financeiramente. Órfão de pai, custava a se estabilizar, o que adiou os planos de ambos em relação ao casamento. Elisabeth estava obstinada a esperá-lo. Contudo, o adoecimento de seu pai e o trabalho dele acabaram afastando-os.

Sua primeira dor na perna ocorreu quando, por uma noite, convenceu-se a deixar o leito do pai e encontrar-se com o rapaz objeto de seu amor. Sentiu-se intensamente atraída por ele, prolongando ao máximo seu encontro. Ao retornar para casa e observar o pai adoecido, recriminou-se fortemente. No dia seguinte, não conseguiu sair de sua cama. Segundo Freud, o contraste entre sua felicidade e a miséria de seu pai causou um grande conflito em si. A incompatibilidade entre essas duas representações levou à repressão da representação erótica do complexo associativo. O afeto conectado a si foi utilizado no aumento da dor corporal previamente presente. Freud conclui que esse mecanismo de conversão foi empregado como uma defesa.

Essa conclusão, todavia, era abalada pelo fato de que as dores de Elisabeth se tornaram problemáticas dois anos após o falecimento do pai, não durante seus cuidados. Por conta disso, Freud manteve o trabalho com as associações em relação às dores que ela sentia, sendo possível elencar outras lembranças que se ligavam às suas pernas: o peso da perna de seu pai em cima da sua quando ela fazia curativos nele; o frio sentido nos pés quando se levantava durante à noite para atender ao seu chamado. Algumas lembranças emergentes, no entanto, não relacionavam diretamente com os membros inferiores, mas promoviam a mesma dor: a visita de seu sobrinho, filho da irmã falecida e muito semelhante a ela; a visita de sua irmã mais velha, na qual era nítida a influência do marido; uma reunião na qual pudesse encontrar o jovem pelo qual se apaixonara; uma visita ao túmulo da irmã. Assim, tornou-se nítido a Freud que múltiplas lembranças poderiam se relacionar a um único sintoma.

Elisabeth apresentou melhora durante a narrativa de tais episódios devido à sua abreação. Por fim, prosseguindo com o método terapêutico, apesar da resistência apresentada pela jovem, foi possível acessar as memórias recentes e os afetos correspondentes que ela fortemente rechaçava e que pareciam encontrar-se na gênese do desenvolvimento de sua histeria de defesa. Durante a estadia da família na casa de verão, o longo passeio que a havia levado a sentir dores fora realizado na companhia do marido de sua irmã, a qual viria a falecer logo em seguida. Nessa caminhada, conversaram sobre variados assuntos, incluindo intimidades, e ela pôde notar muitas compatibilidades entre eles. A percepção de desejar ter alguém como ele gerou um grande julgamento moral sobre si própria, dando início às intensas dores. Com a morte a irmã, elas se intensificaram, por este configurar o momento extremo de sua ambivalência:

(...) no momento de horrível certeza de que a irmã amada havia morrido sem se despedir delas, sem ter seus últimos dias confortados pelos seus cuidados – no

mesmo momento, um outro pensamento atravessara de súbito o cérebro de Elisabeth, um outro pensamento que agora, incontestavelmente, de novo se apresentava, o pensamento que, como um raio fulgurante, disparou na escuridão: “Agora ele está livre outra vez e posso me tornar sua mulher” (Freud; Breuer, 2016, p.225).

Da mesma forma como na situação com o jovem vizinho por quem se apaixonara, Elisabeth encontrou-se em um grande conflito entre suas representações, defendendo-se energeticamente e reprimindo de sua consciência as representações eróticas e convertendo a quota afetiva em sensação de dor somática. Nesse sentido, Freud indica que o motivo de sua histeria foi a defesa, enquanto o mecanismo foi a conversão. O autor lança o questionamento do que estaria sendo convertido em dor corporal, para o qual a resposta apresentada foi: aquilo que deveria ter se tornado dor psíquica. Desta forma, Freud acredita que Elisabeth não estava completamente ciente de sua afeição pelo cunhado. Se esse fosse o caso, ela teria sofrido a dor psíquica da culpa pelo conteúdo de seus pensamentos e pelos seus sentimentos. O que ocorreu, de fato, foi a exclusão dessa representação intolerável, formando um grupo psíquico separado, antes que ela alcançasse plenamente a consciência se sua existência. Tal exclusão precoce só foi possível por conta da experiência inicial com o jovem órfão, na qual repudiou suas representações eróticas, criando o “modelo” para a repressão seguinte.

Freud ressalta, ainda, que tal conversão de Elizabeth não ocorreu quando ela vivia a situação original durante a doença de seu pai, apenas em um segundo período, quando reproduzia em pensamentos essas impressões, ou seja, sofria por conta da lembrança, que, para além de lhe causar censuras por seu conteúdo, rememoravam-na de sua terrível solidão:

Como a doente terminasse o relato de toda uma série de episódios com a queixa de que então sentira dolorosamente seu “estar só”⁴ e, em outra série, que compreendia suas malogradas tentativas de estabelecer uma nova vida familiar, não se cansando de repetir que o doloroso nisso era o sentimento do seu desamparo, a sensação de que “não saía do lugar”, tive de conceder também às suas reflexões uma influência sobre a formação da abasia, tive de supor que ela procurou diretamente uma expressão simbólica para seus pensamentos dolorosos e a encontrou na intensificação de seu padecimento (Freud; Breuer, 2016, p.219).

Nesse trecho, Freud parece se utilizar do termo desamparo, *Hilflosigkeit*, a partir de uma expressão retirada do relato da própria Elisabeth, que se percebia impotente em relação às falhas tentativas de reconstituir uma nova vida familiar e ao próprio sentimento de estar só, muito degradante para ela, que se considerava uma pessoa independente, prescindindo, principalmente, das relações amorosas. Nesse sentido, torna-se nítida a repreensão da própria Elisabeth em relação ao seu desejo de ter alguém consigo, especialmente por esse alguém,

⁴ Nota de tradução de Laura Barreto: “No original, *Alleinstehen*, ser solteiro, sem família, composto de *allein* (sozinho) e *stehen* (estar, estar de pé, estar parado)”.

naquele período de sua vida, ter sido seu cunhado, um amor proibido. Isso agravava seu julgamento moral e, conseqüentemente, seus sintomas. Assim, o desamparo mencionado neste parágrafo refere-se essencialmente aos aspectos internos de Elisabeth. A condenação que ela mesma realizava em relação aos seus desejos sexuais e, por conseguinte, sua repressão, eram o que a mantinham adoecida e paralisada diante da vida, privando-a das relações que tanto ansiava. Daí surge o sentimento descrito por ela de não conseguir avançar, permanecendo estagnada.

Portanto, o segundo uso da palavra “desamparo” nesse trecho, realizado após Freud ter mitigado as resistências e alcançado a recordação traumática reprimida, conserva maior semelhança com o sentido observado no artigo anterior: indica a posição da pessoa histérica frente aos processos inconscientes, ou seja, internos, que Freud está, aos poucos, desvendando por meio de sua atuação clínica e de suas elaborações teóricas. E, embora nesse momento o autor ainda estivesse direcionado a creditar a aquisição da histeria a um evento traumático concreto, como um abuso sexual, a presença do desejo e da fantasia sexual no cerne da repressão parece ser o arauto das descobertas que se sucederão nos próximos anos.

Interessante notar, ainda, a presença de dois temas no relato desse caso que, futuramente, serão intimamente ligados ao desamparo: o amor e a perda. Mais especificamente, as conseqüências psíquicas da ameaça de perda de quem se ama e se depende, que, entre outros aspectos, envolve a necessidade de integração dos sentimentos ambivalentes em relação ao outro na descoberta da alteridade e no desenvolvimento da sexualidade. Por isso, não é coincidência que já em “Estudos sobre a histeria” o desamparo seja inicialmente vinculado a uma situação do mundo externo: a mudança de cidade da irmã e do cunhado, da qual Elisabeth veemente discorda, embora nada possa fazer para impedir que se suceda. Nesse sentido, parece que algo na escrita de Freud já denota que, se suas elaborações acerca dos processos psíquicos inconscientes apontam para o desamparo frente a um mundo interno influente, porém desconhecido, elas jamais anulam a existência dos perigos externos presentes no ambiente, especialmente no âmbito das relações interpessoais. A precariedade humana é, portanto, duplamente orientada: para fora e para dentro.

Assim, parece ser possível observar que o termo desamparo gradativamente ganha um sentido específico, na medida que Freud desenvolve seu pensamento. Por isso a importância de acompanhar o movimento de transformação teórica pelo qual o autor irá transitar nesse período e compreender as implicações dele para essa progressiva especificidade que a palavra

desamparo aparenta adquirir. Isso significa acompanhar o desenvolvimento de uma de suas principais ideias nesse período: a sedução como a etiologia das neuroses.

1.3 Artigos sobre a Etiologia das Neuroses (1893-1896)

Desde 1892 é possível observar o crescente esforço do autor em compreender a origem da histeria e outros fenômenos psíquicos. Em 1893, além da publicação de “Comunicação preliminar”, Freud (1991k) realizou a conferência “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”, na qual enfatizou a prevalência do trauma como causa primária da histeria, abordando, ainda, a terapia por meio da *ab-reação* realizada durante a hipnose. Tal tratamento permite a liberação do afeto ligado à lembrança traumática. Essa lembrança estava excluída, até então, do fluxo associativo com o restante do conteúdo consciente e seu retorno à consciência, bem como a possibilidade de reagir propriamente a ela, fazem com que os sintomas histéricos sejam dissipados. Como se pode observar, essa conferência guarda muitas semelhanças à “Comunicação preliminar”. É aos poucos que Freud introduz suas novas ideias acerca da etiologia das neuroses e, mais que isso, passa a ilustrar os mecanismos psíquicos que as sustentam.

Assim, um ano depois, em 1894, o trabalho “As neuropsicoses de defesa” seria finalizado. Nele, Freud (1991f) passa a descrever com maior profundidade sua teoria da defesa, explicando, agora, como ela opera em níveis psíquicos. Ele se opõe firmemente à teoria de Janet, para qual a histeria seria, em última instância, resultado de uma incapacidade inata para a síntese psíquica. Essa oposição já estava presente em escritos anteriores, junto a Breuer; no entanto, Strachey (Freud, 1991f) comenta ser neste texto que o termo defesa aparece pela primeira vez, assim como conversão e fuga para a psicose, marcando a formação de uma teoria propriamente freudiana. A sexualidade também tem seu papel um pouco mais delimitado na etiologia das neuroses e é possível notar as indagações em relação à natureza do inconsciente, bem como as proposições iniciais acerca dos investimentos psíquicos e do mecanismo de deslocamento – que seriam fortemente exploradas, posteriormente, no manuscrito do “Projeto” e em “A interpretação dos sonhos”, de 1900.

Freud parte de casos em que indivíduos apresentavam uma saúde regular até se depararem com situações inconciliáveis com suas vidas representativas, o que levava ao desenvolvimento de sintomas histéricos. Isso reforça o aspecto “adquirido” da histeria em contraposição à noção de uma histeria “inata”. Esses indivíduos, inicialmente saudáveis,

impossibilitados de solucionar somente pela via do pensamento a contradição entre a representação inconciliável e seu eu, voluntariamente – o que não significa conscientemente – expulsam essa representação de sua consciência, causando o já descrito fenômeno dos estados hipnoides, no qual o conteúdo da consciência se divide e parte dele se torna inacessível à consciência. Portanto, já nessa publicação os estados hipnoides para Freud são uma consequência do processo de defesa, não constituindo, desta forma, a causa primária da histeria como acreditava Breuer.

A questão que Freud busca responder é como esse processo acontece. Ele teoriza que o eu não consegue simplesmente eliminar de maneira definitiva o traço mnêmico da representação inconciliável ou o afeto ligado a si – se assim fosse, não haveria motivos para o desenvolvimento posterior de sintomas cujas causas não podem ser totalmente atribuída a questões orgânicas. Então, Freud conclui que o eu age de maneira defensiva transformando essa representação intensa em uma representação enfraquecida por meio da retirada de seu afeto ou, em termos mecânicos, por meio da retirada da soma de excitação atrelada a ela. Desta forma, a representação enfraquecida deixa de apresentar qualquer exigência ao trabalho associativo e a soma de excitação, agora apartada de si, precisa ser empregada em outro lugar.

Freud acreditava que esse fenômeno inicial ocorresse igualmente em pessoas histéricas, obsessivas ou psicóticas. A diferença estaria na maneira com que o eu lida com o afeto descolado dessa representação. Na histeria, o enfraquecimento da representação inconciliável ocorre na medida que a soma de excitação vinculada a ela é transformada em algo somático, processo que o autor denominou de conversão. Nesse sentido, a conversão pode ser parcial ou total e opera na inervação motora ou sensorial que está, de alguma forma, relacionada à experiência traumática. Embora o eu consiga com isso desfazer a contradição consciente que o aflige, o traço mnêmico da representação traumática não é apagado, formando o núcleo do segundo grupo psíquico, e sua carga de excitação é convertida em sintomas por meio de sua atuação, a descarga, na inervação motora. Desta maneira, é como se esse novo grupo psíquico controlasse uma série de processos da qual a consciência é alheia e, portanto, que o próprio indivíduo desconhece.

No caso das obsessões e fobias, o enfraquecimento da representação inconciliável ocorre na medida que a soma excitativa se liga a outras representações compatíveis o suficiente com a vida representativa para se manterem conscientes, mas que preservem

alguma qualidade semelhante à representação inconciliável. Essas representações tornam-se, então, obsessivas ou fóbicas e o destino da representação inconciliável é permanecer destituída de sua real importância. Assim, a carga de excitação da representação inconciliável parece ser deslocada ou transportada, em um processo que, diferentemente da histeria, não prescinde da formação de um segundo grupo psíquico. Isso faz com que Freud infira que todas essas alterações operacionalizadas pelo eu nas obsessões e fobias permanecem na esfera psíquica, sem se relacionar com as inervações motoras. Um ponto relevante é que o autor, ao tratar das obsessões e fobias nesse artigo, afirma que a origem da representação inconciliável está sempre localizada na vida sexual do indivíduo – ideia que irá defender fortemente durante toda sua produção e, especialmente, nesse período inicial.

No caso das psicoses, que Freud admitia ter menor experiência terapêutica, a defesa é mais drástica: o eu rejeita a representação inconciliável e sua carga de excitação, como se ambos sequer houvessem ocorrido. No entanto, essa rejeição leva à ruptura parcial ou total com o fragmento de realidade a que essa representação e seu afeto estão ligados. Se o eu consegue realizar essa fuga para a psicose, então o sujeito se encontra em um estado de confusão alucinatória. Freud destaca, ainda, que o conteúdo da alucinação na psicose é formado precisamente pelas representações ameaçadas pelo conflito com a consciência, reforçando que, embora os fatores hereditários possam ter um papel na formação das neuropsicoses, por exemplo, na tendência do eu à execução de determinada defesa em detrimento de outra, o fator definitivo e que pode ser tratado por meio do método desenvolvido por Freud e Breuer é o conflito representativo – em sua relação com a sexualidade.

As diferenças em relação às publicações anteriores são nítidas: há a presença de um eu que engendra defesas contra representações de conteúdo sexual que são inconciliáveis com os julgamentos morais conscientes. A defesa consiste na retirada do afeto dessas representações e o destino desse afeto determina a neurose. Nesse sentido, está subentendida a ideia de que o conflito interno causa um tipo de sofrimento do qual se busca inequivocamente fugir, noção que irá permanecer durante todo desenvolvimento psicanalítico. Freud ainda não consegue esclarecer o que é o eu ou como ele escolhe o destino desse afeto e, embora o autor mencione a correspondência entre afeto e carga excitativa, indicando um funcionamento dinâmico de transposição dessa excitação, ele não pôde apresentar uma teoria que descreva sistematicamente esse fenômeno. Portanto, torna-se progressivamente evidente a necessidade

de determinar o funcionamento psíquico como um todo, não apenas os processos envolvidos na neurose.

No mesmo ano, 1894, o autor escreveria mais dois artigos que seriam publicados apenas em 1895: “Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia” e “Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma síndrome específica chamada neurose de angústia”. No artigo sobre obsessões e fobias, Freud (1991g) avança em sua teoria, demarcando o que considera ser a diferença fundamental entre elas: o estado emocional associado a cada uma. Enquanto na obsessão esse estado pode variar, como ansiedade, dúvida, remorso ou raiva, na fobia ele é sempre a angústia. A explicação do mecanismo psíquico da formação das obsessões não é diferente da apresentada anteriormente: a representação inconciliável, referente a uma experiência dolorosa na vida sexual do indivíduo, é enfraquecida e desprovida de valor conforme seu afeto, soma de excitação, é deslocado para uma outra representação, associada a ela, mas menos incompatível com a consciência. Essa outra representação a substituí como cerne da obsessão. Entretanto, o estado emocional vinculado à representação original permanece inalterado, sendo somente ligado à representação substituta. Portanto, ele persiste de maneira indefinida na vida do sujeito, causando o descompasso entre sua intensidade e a representação a que, agora, ele se associa, uma marca da obsessão.

Freud indica, ainda, que a representação inconciliável pode ser substituída por atos ou impulsos que, inicialmente, funcionavam como formas de alívio ou procedimentos protetores. Nesse contexto, essas medidas também serão associadas ao estado emocional da representação original, gerando a mesma inadequação entre o estado emocional e as ações realizadas pelo indivíduo. O autor reitera que a substituição é uma forma de defesa do eu contra as representações inconciliáveis e que sua origem pode ser uma determinada predisposição psíquica herdada. Nota-se, mais uma vez, que embora Freud não descarte a influência da herança, ele destaca como fundamental na etiologia das obsessões a vivência penosa no campo sexual e sua representação correspondente.

As maiores mudanças teóricas apresentadas nesse artigo referem-se ao mecanismo psíquico da formação das fobias. Diferentemente das obsessões, não ocorre o processo de substituição, uma vez que Freud não constatou por meio da análise a existência, de fato, de uma representação inconciliável que gere o conflito para a consciência. O autor pôde perceber que, nas fobias, o estado emocional de angústia é o fator proeminente. Ele parece ser

responsável por elevar a primeiro plano toda sorte de representações que podem se tornar objetos de uma fobia. Como surgiria, no entanto, a angústia? Freud teoriza que sua origem seria sexual, mais especificamente, a partir do acúmulo de tensão sexual, seja por motivos de abstinência ou de excitação sexual não consumada. Diferentemente da obsessão, não é uma representação sexual que causa o conflito psíquico levando o eu a executar a defesa e, posteriormente, gerando a formação de sintomas. Nesse sentido, a angústia parece carecer de um mecanismo psíquico propriamente dito em sua etiologia.

Freud propõe, ainda, que as fobias constituam um tipo específico de neurose: a neurose de angústia. Sua proposição visa distingui-las da neurastenia. É justamente sobre essa separação que versa o outro artigo publicado em 1895: “Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma síndrome específica chamada neurose de angústia” (Freud, 1991). Essa ideia não é nova para Freud. No manuscrito A (Freud, 1986), enviado a Fliess em 18 de dezembro de 1892, ele apresenta sucintamente a tese de que não existiria neurastenia ou neurose similar sem a ocorrência de um distúrbio sexual. Assim, a neurose de angústia seria parcialmente consequência da inibição sexual, ao passo que a neurastenia é acompanhada da impotência sexual. Freud se questionava, ainda, se a hereditariedade consistiria em um fator causal além de um multiplicador e qual seria a origem da angústia da neurose de angústia. Como fatores etiológicos, ele elencou o esgotamento advindo de formas de satisfação anormais, como a masturbação; a inibição sexual, causada, por exemplo, pela prática de coito interrompido; os afetos concomitantes a essas práticas e, por fim, traumas sexuais na infância.

No manuscrito B (Freud, 1986), enviado a Fliess em 8 de fevereiro de 1893, Freud estava convencido de que a neurastenia frequentemente seria fruto da vida sexual anormal e, nesse sentido, deveria existir uma diferenciação entre os casos de neurastenia adquiridos e os resultantes apenas dos fatores hereditários. Em relação à etiologia, ele determina que o esgotamento sexual por si só pode provocar a neurastenia, sendo ele a precondição sem a qual não é possível o desenvolvimento do quadro. Freud considera a ação de fatores precipitantes, como a fadiga, a tristeza e a debilidade física. Eles possibilitam a emergência da neurastenia, mas jamais conseguem, por conta própria, ou seja, sem o esgotamento sexual, causá-la.

Sobre a neurose de angústia, o autor demarca que sua diferença da neurastenia ocorre devido ao surgimento da angústia sem que os demais sintomas presentes na neurastenia, como a redução da autoconfiança, as expectativas pessimistas e as representações contrastantes

penosas, estejam presentes. Freud notou que muitos desses casos apresentavam em comum a prática do coito interrompido e traçou questões em relação à possibilidade de a angústia ser puramente inata ou resultante de uma intensificação da neurastenia comum. Também precisava responder se, no caso de um fator hereditário preponderante, se os fatores sexuais seriam responsáveis pela emergência dessa tendência à angústia.

Em correspondência datada de 27 de novembro de 1893, Freud (1986) descreve a Fliess sua ideia de que a angústia presente na neurose de angústia não seria fruto de um mecanismo psíquico, mas sim um fenômeno que tem origem no corpo. No entanto, é apenas no manuscrito E (Freud, 1986), de 1894, que ele aprofunda essa teoria. Nele, Freud propõe que a angústia seria resultado de um acúmulo de excitações físicas devido à impossibilidade de sua descarga. Partindo de suas concepções sobre o funcionamento psíquico, que seriam descritas em pormenores no “Projeto”, o autor considera que a tensão física aumenta gradativamente, despertando o afeto psíquico ao atingir um valor limítrofe específico. No entanto, na neurose de angústia, esse afeto psíquico não é formado: existe uma falha na ligação psíquica, cuja causa Freud não especifica, e essa falha resulta na exclusão da tensão física do campo psíquico, de forma que ela não possa ser percebida. Assim, não há descarga psíquica. Essa ausência faz com que esse acúmulo seja transformado em angústia.

Por que angústia? Freud (1986, p.82) conclui:

A angústia é a sensação do acúmulo de outro estímulo endógeno, o estímulo da respiração, estímulo este que não é passível de ser psiquicamente elaborado além da própria respiração; por conseguinte, a angústia poderia ser empregada para a acumulação de tensão física em geral.

Nesse sentido, no artigo de 1895, o autor acrescenta sua observação de que os casos de neurose de angústia são acompanhados de um decréscimo na libido sexual, ou seja, de desejo psíquico, de maneira que os indivíduos não sintam a necessidade sexual. Sua explicação, seguindo as conclusões do manuscrito E, é de que, no organismo sexualmente maduro, a excitação sexual somática é produzida de maneira contínua. Essa excitação acumula-se até conseguir produzir no sistema nervoso um estímulo psíquico. Quando isso acontece, o grupo de representações sexuais ganha energia e, desta forma, passa a existir o estado psíquico de tensão sexual. Nesse estado, há um anseio para eliminar a tensão, o que só é possível por meio de uma ação específica como o encontro de um objeto favorável. Se essa ação é substituída por outra menos adequada, como a masturbação, surge a neurastenia. Em contrapartida, se essa ação é substituída por outra completamente inadequada, há a neurose de angústia. Assim,

em ambos os casos, os sintomas são formados quando a excitação somática foi desviada da psique e empregada de forma menos adequada ou totalmente inadequada.

Em 1896 é publicado o artigo “A hereditariedade e etiologia das neuroses”, em que Freud (1991e) compila seus achados presentes nas publicações anteriores e apresenta a teoria sobre as neuroses que definirá esse período de sua produção. Ele separa as neuroses em dois grandes grupos: o primeiro, neuropsicoses de defesa, composto pela histeria e a obsessão e o segundo, neuroses simples, composto pela neurastenia e a neurose de angústia com cuja nomenclatura Freud admite não estar completamente satisfeito. Nesse artigo, o autor reforça sua posição teórica de que todas as neuroses abordadas têm como origem a vida sexual do indivíduo, seja no momento em que se manifestam os sintomas ou em um período anterior a eles. As questões relativas à vida sexual levam a perturbações específicas na economia do sistema nervoso, as quais formam a etiologia de cada uma das neuroses.

Na histeria é a experiência sexual precoce, adviria de um abuso sexual na infância, que constitui sua etiologia. Essa experiência na infância é destituída de efeito devido à imaturidade da sexualidade. No entanto, o traço mnêmico dessa experiência é conservado e despertado após a puberdade, quando a sexualidade atinge sua maturidade. Nesse momento, a lembrança passa atuar como se fosse contemporânea, garantindo a si o valor traumático. A partir disso, a defesa age conforme já explicado por Freud, levando à exclusão da representação sexual traumática da consciência e o desenvolvimento da neurose histérica.

Na obsessão a experiência sexual é também precoce. Sua diferença é que o abuso sexual sofrido pela criança é reproduzido por ela, dentro de suas possibilidades, com outra criança, proporcionando a si uma experiência de prazer sexual precoce. Quando, na maturidade pós-puberdade, essa lembrança se torna ativa, a defesa atua de maneira a substituir a representação sexual por outra representação ou ato, via deslocamento de sua carga excitativa, ou seja, de seu afeto. Isso leva ao desenvolvimento de sintomas obsessivos. Freud destaca, ainda, que por meio da análise é possível reduzir as representações obsessivas a recriminações do indivíduo a si mesmo por conta dessa experiência de prazer sexual antecipada na infância.

Assim, uma experiência concreta de violação sexual que ocorreu durante a infância, mas que só pôde ser percebida de maneira traumática a partir da maturidade sexual, levaria à atuação da defesa cujo trabalho envolveria a retirada dessa representação inconciliável da

consciência por meio o deslocamento de seu afeto. É precisamente por conta do abuso sexual se localizar no cerne das neuroses que essa teoria fica conhecida como teoria da sedução: um infante seduzido, violado sexualmente, por um adulto. Isso indica que Freud ainda não considerava a existência da sexualidade infantil nem das fantasias na etiologia das neuroses, descobertas posteriores. Todavia, é notável o papel crescente da defesa para a organização da teoria psicanalítica. Por isso a nomenclatura neuropsicose de defesa para a histeria e para a neurose obsessiva é tão importante.

No artigo subsequente, “Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa”, de 1896, Freud (1991i), ao retomar suas explicações sobre a histeria, enfatiza que o processo de retirada da lembrança sexual traumática da consciência constitui o processo psíquico de repressão, igualando, nesse momento, defesa e repressão. É em relação à obsessão, todavia, que ele adiciona maiores esclarecimentos sobre o mecanismo psíquico. Como indicado anteriormente, na obsessão ocorre um abuso sexual durante a infância que é seguido de uma agressão sexual perpetrada pelo infante, dentro de suas capacidades, a outro. Durante o ato de reprodução dessa experiência sexual, ocorre o prazer sexual precoce, o qual permanece destituído de repreensão devido à imaturidade moral infantil. Então, após o desenvolvimento sexual, essa lembrança do prazer passa a ser acompanhada de censura e, concomitantemente, conecta-se à lembrança do abuso sexual sofrido. Isso permite que a defesa atue, levando à repressão e à substituição das representações sexuais prazerosas e de seu afeto correspondente. A partir disso, são formados os sintomas defensivos primários, dentre os quais Freud elenca: a vergonha, a desconfiança de si mesmo e a dúvida moral.

Nesse período inicial, a defesa está atuando de maneira bem-sucedida e o indivíduo apresenta uma saúde regular. No entanto, em um segundo momento, a defesa passa a ser insuficiente, causando o que o autor denominou retorno do reprimido. Nesse processo, as lembranças e afetos previamente reprimidos retornam à consciência, rompendo a barreira da defesa. Freud não consegue pontuar especificamente o que leva a esse fenômeno, mas oferece algumas hipóteses: ele poderia sobrevir ao indivíduo de maneira espontânea ou como consequência de outros distúrbios sexuais. O autor consegue indicar, entretanto, que esse retorno à consciência das lembranças reprimidas e de seu afeto correspondente, a recriminação, não ocorre sem que antes determinadas alterações aconteçam.

Desta forma, Freud propõe que o regresso ocorre de duas formas: uma em que somente o conteúdo da lembrança reprimida volta à consciência e outra em que ambos o conteúdo e o afeto fazem esse movimento. No primeiro caso, o conteúdo da lembrança reprimida é duplamente distorcido pelo eu: o traço sexual é substituído por outro não sexual, porém análogo, e algum aspecto do passado é substituído por outro referente ao presente, desfigurando-o. Portanto, o que chega à consciência é uma representação que guarda certa semelhança com a lembrança reprimida, contudo, agora, apresenta-se como fruto de uma experiência contemporânea cujo conteúdo é aceitável, ou seja, impassível de repreensão pelo sujeito. Freud denomina esse processo como formação de compromisso. Assim, forma-se um tipo de neurose obsessiva em que predominam as representações obsessivas típicas, que despertam como afeto o sentimento de desprazer generalizado – lugar inicialmente ocupado pela autocensura, que se mantém reprimida.

No segundo caso, em que além do conteúdo o afeto também retorna à consciência, o processo ocorre de maneira semelhante, com o acréscimo de que esse afeto é transformado em outro, como a vergonha, a angústia hipocondríaca, a angústia social, a angústia religiosa, o medo da tentação e até mesmo delírios de estar sendo observado. Esses afetos também se constituem como uma formação de compromisso, uma vez que permitem que o indivíduo escape à autocensura. Nesses casos, é possível que a lembrança permaneça reprimida, o que leva a uma grande dificuldade diagnóstica. Freud comenta, ainda, que além desses sintomas de compromisso, o eu também gera outro conjunto de sintomas na tentativa de eliminar qualquer elemento derivado da lembrança reprimida da consciência. Esses sintomas são denominados de defesa secundária e podem existir antes mesmo que os sintomas de compromisso ocorram. Eles consistem em medidas protetoras, como a ruminação obsessiva, a compulsão por testar coisas e a dúvida recorrente, no caso de proteção contra as lembranças, e os cerimoniais opressivos, a observação de números, as superstições, o isolamento, entre outras, no caso de proteção contra o afeto.

Por fim, Freud apresenta seus avanços em relação ao mecanismo psíquico envolvido na paranoia. Da mesma forma que a neurose obsessiva, ela é derivada de uma experiência sexual na infância em que o prazer foi vivido de maneira precoce. Assim, seu mecanismo psíquico central também é a repressão. As obsessões presentes no caso de paranoia são consequência direta da repressão e parte de seus sintomas, como as representações delirantes cujos conteúdos se relacionam com a desconfiança e a perseguição por outrem, desenvolvem-

se a partir da defesa primária. A maior diferença é que, na paranoia, o afeto de autocensura é projetado, ou seja, atribuído a outras pessoas, de maneira que o indivíduo não o reconheça como parte de si, mantendo-se protegido desse afeto, mas suscetível à autocensura que retorna por meio das representações delirantes.

É válido ressaltar que essas novas concepções sobre a neurose obsessiva e a paranoia publicadas nos dois primeiros artigos de 1896 advêm de um longo período de observação, como visto na correspondência de Freud a Fliess, sobretudo nos manuscritos H e K (Freud, 1986), datados de 24 de janeiro de 1895 e 1 de janeiro de 1896, respectivamente. É nesse contexto que o artigo “A etiologia da histeria” foi publicado em 1896. Segundo Strachey (Freud, 1991c), ele se baseia em uma conferência apresentada por Freud no mesmo ano. Nele, Freud (1991c) reúne de maneira detalhada seus achados em relação à histeria, retomando na íntegra os aspectos já abordados nos escritos que o precedem. A maior diferença para seus escritos anteriores voltados exclusivamente à histeria é a ênfase no aspecto central das vivências sexuais precoces na etiologia da histeria, novamente indicando a insuficiência dos aspectos hereditários tanto para a formação dos sintomas quanto para a elaboração de um tratamento eficaz para eles. Nesse sentido, o método de análise também ocupa um lugar significativo no texto, sendo por meio dele que a investigação da cadeia associativa referente aos sintomas permite chegar, invariavelmente, a uma experiência de abuso infantil no campo sexual.

É precisamente sob essa premissa que o uso do termo “desamparo” surge nessa obra. Ele é empregado para descrever a criança que, ao ser abusada por um adulto, está submetida à vontade arbitrária e irrestrita dele:

Todas as singulares condições sob as quais o par desigual conduz sua relação amorosa — o adulto, que não pode se esquivar de participar na dependência recíproca que surge inevitavelmente de um vínculo sexual, apesar disso, mantém-se munido de toda sua autoridade e de seu direito de punição e, para a satisfação desinibida de seus caprichos, troca um papel pelo outro [de dependente pelo de autoridade]; a criança, em seu desamparo, à mercê dessa vontade arbitrária, é prematuramente despertada para todo tipo de sensibilidade e exposta a todos os desencantos, frequentemente interrompida no exercício das operações sexuais a ela imposta pelo seu domínio imperfeito sobre as necessidades naturais — todas essas desproporções grotescas e, ao mesmo tempo, trágicas, imprimem-se no futuro desenvolvimento do indivíduo e de sua neurose em inúmeros efeitos duradouros que mereceriam o estudo mais abrangente (Freud, 1991c, p.213, nota da autora, tradução nossa).

Posteriormente, essa criança irá desenvolver-se sexualmente e, com isso, os aspectos neuróticos despontarão. Desta forma, desamparo aqui parece se referir à condição específica do infante, que está longe de conseguir se defender de um adulto, figura de autoridade da qual depende. É possível notar uma mudança no sentido do termo: anteriormente o desamparo era vinculado aos processos inconscientes que promovem o adoecimento das pessoas históricas sem seu conhecimento; todavia, ao considerar o desamparo como a condição da criança frente ao adulto, ele passa a se referir a uma situação universal à qual todas as crianças estão submetidas dado “seu domínio imperfeito sobre as necessidades naturais”, que as levam à relação de dependência com os adultos. Nesse sentido, é possível observar que Freud evidencia o aspecto biológico do desamparo da criança cujo organismo ainda não se desenvolveu suficientemente para que ela se ampare até mesmo em relação às suas necessidades. Isso não significa que o desamparo frente aos processos inconscientes envolvidos no adoecimento, como concebido anteriormente, deixe de existir. Ele é notável nas descrições cada vez mais detalhadas que Freud oferece para os mecanismos psíquicos das neuropsicoses. Contudo, parece haver uma escolha em circunscrevê-lo ao nível biológico, indicando como o autor tenderá a compreendê-lo nesse período.

Ademais, a inscrição dupla do desamparo parece permanecer, ainda que de maneira ligeiramente alterada: frente aos perigos do mundo externo, figurados nesse trecho pelo adulto abusador, e frente aos limites do mundo interno, representados pelas faltas naturais de um organismo em desenvolvimento. Como visto anteriormente, essa tendência parece ter surgido já em “Estudos sobre a histeria”, de 1895, na redação do caso de Elisabeth, e sua repetição em “A etiologia da histeria”, de 1896, sugere que essa seja uma característica do desamparo nos primórdios da teoria psicanalítica. Novamente, a maior diferença é que no caso de Elisabeth a relação com o mundo interno versava proeminentemente sobre seus processos inconscientes em oposição ao que é observado nesse trecho, que ressalta os aspectos biológicos. Por conta disso, parece não existir uma integração entre os aspectos psíquicos e os aspectos orgânicos no emprego do termo desamparo, ainda que ambos já tenham despontado na teoria durante esse período. Assim, percebe-se que até aqui eles parecem se revezar em seu predomínio. Por fim, outro fator decisivo para a primazia dos aspectos biológicos nesse texto parece decorrer das ideias contidas no manuscrito “Projeto de uma psicologia”, datado de 1895, mas publicado postumamente em 1950, no qual a noção de “desamparo” ganha um sentido progressivamente específico.

CAPÍTULO 2: SOB AS INTRINCADAS TEIAS DA CONDIÇÃO HUMANA

2.1 Projeto de uma Psicologia (1950 [1895])

Freud (2003) inicia o texto do “Projeto” indicando que sua finalidade é fornecer uma psicologia científica e naturalista. De acordo com Gabbi Jr. (2003), a psicologia naturalista tem como seus princípios: possuir a física como modelo; supor a indistinção entre os fatos físicos e os fatos psicológicos e, por fim, explicar os processos pela sua gênese. O autor assinala que todas essas características podem ser identificadas no “Projeto”, o que permite relacionar Freud e suas aspirações às ciências naturais, *Naturwissenschaften*, as quais, desde a metade do século XIX, tem como característica a busca pela explicação dos fenômenos. Monzani (2014) pontua que, frequentemente no decorrer desse manuscrito, Freud se vê obrigado a recorrer a outros princípios, além dos da psicologia naturalista, para fornecer suas explicações. Nesse sentido, existem pontos no texto em que ele emprega uma linguagem puramente psicológica, ou seja, independente dos fatos físicos. Segundo Monzani, esses aspectos não devem levar o leitor a ignorar o vértice a partir do qual Freud formula sua teoria.

Realizadas essas breves considerações acerca do contexto em que esse texto se insere, bem como os aspectos essenciais para sua leitura, é possível iniciar a exploração de seus principais temas. Freud realizará no “Projeto” a exposição dos processos psíquicos a partir de uma perspectiva quantitativa dos estados neuronais. Ele havia notado em sua observação clínica que processos psíquicos como a “substituição”, a “conversão” e a “eliminação”, descritos sobretudo em seu trabalho conjunto a Breuer, “Estudos sobre a histeria” (1893-1895), aparentavam ter sua explicação diretamente relacionada com a excitação nervosa que, por sua vez, poderia ser descrita em termos de quantidade em fluxo. Desta forma, o autor buscou formular um princípio fundamental da atividade nervosa dentro desse modelo.

Considerando a atividade nervosa como Q , Freud propõe o princípio da inércia nervosa: o neurônio tem como objetivo libertar-se de Q . Em outras palavras, o neurônio evita a atividade, buscando não passar do estado de repouso para o de movimento e vice-versa. O princípio da inércia pode ser observado claramente no movimento reflexo, já presente em organismos de sistema nervoso rudimentar. No movimento reflexo, um estímulo externo provoca a excitação dos neurônios sensoriais, os quais, por sua vez, buscam eliminar essa atividade neuronal, conduzindo o estímulo recebido até que ele alcance os mecanismos

musculares, via neurônios motores, cessando, assim, a atividade nervosa. Nesse sentido, a eliminação de estímulo consiste na função primária do sistema nervoso.

A partir da função primária, é possível o desenvolvimento da função secundária. Os caminhos para a eliminação, ligados à interrupção do estímulo, passam a ser conservados e privilegiados, facilitando a fuga de estímulo. Para que essa fuga aconteça, Freud conclui que há uma proporção direta entre a quantidade de excitação advinda da estimulação externa e a atividade nervosa despendida para executar sua eliminação, de maneira que a inércia não seja perturbada. O autor prossegue indicando que, com a complexidade progressiva dos organismos, eles necessitam eliminar não apenas os estímulos externos, mas também os estímulos internos, como a fome, a respiração, a sexualidade.

Diferentemente dos estímulos externos, o processo de eliminação dos estímulos internos depende de ações realizadas no mundo externo, por exemplo, a provisão do alimento. A execução dessa ação, denominada ação específica, envolve uma atividade nervosa que, no geral, supera a quantidade de excitação oriunda da estimulação interna. Portanto, o sistema nervoso é compelido a renunciar a sua tendência originária à inércia, permitindo que parte dessa excitação seja armazenada com o intuito de a empregar, posteriormente, para a realização da ação específica. Assim, esse armazenamento constitui a função secundária do sistema nervoso. Freud constata que tal função, todavia, mantém-se em conformidade com a tendência à inércia, de maneira que o sistema nervoso direcione seus esforços para preservar a excitação armazenada em seu interior no menor nível possível, evitando variações.

Com a introdução da necessidade do armazenamento para a sobrevivência do organismo, torna-se imperativo pressupor que os neurônios ofereçam certa resistência à eliminação completa dessa excitação. Por conta disso, Freud inferiu a existência de barreiras de contato as quais cumprem essa função de resistência, permitindo a retenção parcial da excitação advinda da estimulação interna. A partir dessas considerações, o autor determina duas classes de neurônios: os neurônios Φ e os neurônios Ψ . Os neurônios Φ permitem a passagem de estímulos como se as barreiras de contato fossem inexistentes. Assim, eles permanecem inalterados após cada curso excitativo, não oferecendo resistência ou apresentando capacidade de retenção. Esses neurônios permeáveis são responsáveis pelo processo de percepção, sendo a eles que os estímulos externos chegam.

Em contrapartida, os neurônios Ψ permitem apenas a passagem parcial de estímulos, oferecendo a eles certa resistência. Esses neurônios apresentam concomitantemente a capacidade de retenção e de permanecer receptivo aos estímulos. Isso é possível devido à magnitude dos estímulos aos quais eles estão submetidos. Inicialmente, os neurônios Ψ não se distinguem dos neurônios Φ em suas propriedades. No entanto, ao serem expostos a uma carga excitativa muito próxima ao valor de resistência de suas barreiras de contato, eles passam a se opor ao movimento de eliminação, levando ao armazenamento. Consequentemente, esses são os neurônios encarregados dos estímulos internos. A partir desse processo, eles se tornam diferenciados dos neurônios Φ .

Os neurônios Ψ são permanentemente modificados pelo curso excitativo, de maneira que suas barreiras de contato se mantêm alteradas de modo definitivo após a passagem da excitação. Devido à repetida chegada de uma quantidade maior de excitação, determinadas trilhas pelas quais ela percorre até a eliminação, permeando as barreiras de contato, tornam-se privilegiadas, o que constitui o processo de facilitação. Freud associa a facilitação ao processo de aprendizagem, indicando que, em termos quantitativos, algo é aprendido quando a excitação advinda de estímulos específicos passa a atravessar as barreiras de contato por um caminho já previamente estabelecido, aberto. Com isso, é possível também oferecer uma explicação acerca do processo psicológico da memória, visto que a aprendizagem, nesse contexto, pressupõe que certa alteração nas barreiras de contato seja conservada, o que só é possível entre os neurônios que retêm excitação para a empregar posteriormente. Nesse sentido, o autor conclui que “representa-se a memória por meio das diferenças nas facilitações entre os neurônios” (Freud, 2003, p.180).

Pontuadas essas considerações, Freud passa a descrever a arquitetura do sistema nervoso, apoiando-se tanto em sua teoria quantitativa quanto nos achados da biologia. Segundo os estudos anatômicos, é possível delimitar um sistema de neurônios, localizado na substância cinzenta da medula espinhal, cuja especificidade consiste em sua conexão com o mundo externo. Simultaneamente, delimita-se um sistema de neurônios superposto, localizado na matéria cinzenta do cérebro, que não possui ligações periféricas diretas e que, por meio do gânglio simpático, consegue se comunicar com o interior do corpo por trilhas diretas, ou seja, independentes dos neurônios da medula. Freud associa o primeiro sistema de neurônios aos neurônios Φ e o segundo aos neurônios Ψ .

Essa correspondência anatômica oferece um substrato material para a teorização do autor acerca dos sistemas neuronais. Os neurônios Φ ao serem identificados com neurônios da medula, os quais são receptores da estimulação advinda do mundo externo, fortalece a hipótese de que eles precisam eliminar uma carga excitativa que ultrapassa o valor de resistência de suas barreiras de contato. Isso porque, segundo os princípios físicos, o mundo externo “consiste em massas poderosas em movimento violento e que propagam seu movimento” (Freud, 2003, p.183), sendo, portanto, a origem de grandes quantidades de energia. Logo, sua característica de permeabilidade pode ser duplamente justificada.

De maneira análoga, os neurônios Ψ ao serem identificados com neurônios do córtex, estão sujeitos à estimulação vinda de duas fontes primárias: os elementos celulares no interior do corpo e os próprios neurônios Φ . Em relação à conexão com as células do interior do corpo, Freud recorre à histologia e menciona que é possível supor que os estímulos endógenos apresentem a mesma grandeza de excitação que os estímulos intercelulares. Nesse sentido, o autor infere que as estimulações internas sejam muito próximas em grandeza ao valor de resistência das barreiras de contato desses neurônios. Por conta disso, é possível que eles retenham parte da excitação e se mantenham, no geral, impermeáveis.

Em relação à conexão dos neurônios Ψ com os neurônios Φ , Freud novamente se vale da histologia, indicando que os neurônios se ligam uns aos outros por suas terminações da mesma maneira como se ligam a outros elementos corporais. Assim, é possível concluir que a estimulação que chega em Ψ via Φ possui a mesma grandeza dos estímulos internos. Ademais, o autor descreve que os neurônios Φ não terminam livremente, e sim em formações celulares que recebem os estímulos exógenos e os transportam para si. Nesse sentido, essas formações celulares são responsáveis por mitigar a quantidade de excitação que chega no sistema Φ .

Em contrapartida, como o sistema Ψ por sua correspondência anatômica está localizado mais internamente e, muitas vezes, possui suas terminações livres, ele parece prescindir dessa proteção, o que reforça a hipótese de Freud de que eles estariam naturalmente expostos a uma quantidade de excitação menor. O autor conclui, então, que “a arquitetura do sistema nervoso serviria ao afastamento; a função, à eliminação de $Q\eta'$ dos neurônios” (Freud, 2003, p.185, grifos do autor).

Se, no entanto, o sistema Ψ está sujeito a quantidades de excitação menores que em Φ , como ocorreria nesses neurônios o processo de facilitação? Freud acredita que a experiência

da dor possa ser prototípica para a explicação desse fenômeno. Para o autor, a dor poderia ser traduzida em termos quantitativos como uma irrupção de grandes quantidades de excitação na direção de Ψ . Assim, ela causaria atividade nervosa tanto no sistema Φ quanto no sistema Ψ , atravessando-os como se não houvesse barreiras durante sua condução e tornando os neurônios Ψ permeáveis. Considerando que a tendência primária do sistema nervoso é a eliminação de estímulos e a dor consiste em uma grande quantidade estímulo chegando aos sistemas neuronais, é possível compreender o motivo pelo qual ela causa facilitações permanentes em Ψ .

Até esse momento, Freud tratou deliberadamente os processos psíquicos da percepção e da memória de maneira independente da consciência. De acordo com o autor “a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais” (Freud, 2003, p.187). Isso porque a consciência evoca um trabalho essencialmente qualitativo com base nas sensações, nas quais não há propriamente quantidades. Nesse sentido, Freud não poderia seguir com seu objetivo de fornecer uma exposição dos processos psíquicos a partir da perspectiva quantitativa dos estados neuronais.

Para resolver essa questão, ele propõe que a arquitetura do sistema nervoso seja responsável pela transformação de quantidades externas em qualidades. A partir disso, Freud infere a existência de um terceiro sistema neurônico, o qual denomina ω , que seria estimulado junto ao processo de percepção e cujos estados de excitação teriam como consequência diferentes qualidades, as quais equivalem às sensações conscientes. No processo de percepção, os sistemas Φ e Ψ são ativados conjuntamente da seguinte maneira: dos órgãos do sentido, os estímulos externos chegam ao sistema Φ que em seu processo de eliminação dessa alta quantidade de excitação a conduz para os órgãos motores e ao sistema Ψ .

Ao chegar ao sistema Ψ , essa quantidade já foi reduzida duas vezes: uma por meio dos órgãos dos sentidos e outra por meio do sistema Φ . Assim, seu valor é próximo da resistência das barreiras de contato dos neurônios Ψ , levando à sua retenção. Nesse sentido, o sistema Ψ está responsável pelo processo psíquico da recordação. No entanto, a recordação, em si, não possui imediatamente qualquer qualidade perceptiva, até porque esse sistema opera de

maneira quantitativa. É justamente sua ligação com o sistema ω que permite a transformação dessa quantidade em qualidade.

Seguindo essa lógica, o sistema ω receberia uma quantidade de excitação ainda menor que Ψ , sendo, portanto, mais impermeável que ele. Todavia, a consciência tem como características a troca de conteúdos, a inconstância e a ligação fácil entre qualidades simultaneamente presentes, todas indicando uma permeabilidade grande nos neurônios do sistema ω , que só poderia ser causada pela chegada de grandes quantidades em si. Como, então, essa chegada seria possível? Para responder a essa dúvida, o autor recorre à física, que em sua descrição dos movimentos a partir da mecânica considera também a característica temporal.

Ao introduzir a variável tempo em sua teoria, Freud concebeu que a resistência das barreiras de contato seria vigente apenas para o caso de transferência da quantidade de excitação entre os neurônios. No que tange o movimento neurônico em si, a propagação ocorreria em todas as direções sem impedimentos, tal qual um processo de indução. Por conseguinte, os neurônios do sistema ω seriam incapazes de receber quantidade de excitação, apropriando-se do movimento neurônico decorrente do período de excitação dos neurônios Ψ , ou seja, da propagação da atividade nervosa que se dá por um tempo determinado. Esse seria o fundamento do processo da consciência. Nas palavras de Mezan (2013, p.32):

A energia do sistema ω provém de Ψ e não de Φ , porque este, sendo o sistema mais próximo da percepção, recebe apenas quantidades, que são transmitidas para Ψ , de onde a periodicidade da energia passa para o sistema ω , como “qualidades” sensoriais, já que as percepções iniciais estão quase desprovidas de quantidades.

Ademais, Freud indica que biologicamente, o processo da consciência está relacionado a estruturas corticais do sistema nervoso, de maneira a ser localizado em um nível superior ao da medula. Por conta disso, o sistema ω está possivelmente mais próximo de Ψ do que de Φ .

A partir de tais considerações, é possível questionar como são diferenciados os períodos de movimento neurônico, de forma que eles produzam sensações conscientes diferentes entre si. Freud compreende que os períodos são resultado da ação dos órgãos do sentido, que além de atuarem de maneira a proteger o sistema Φ em relação à grande estimulação advinda do mundo externo, também funcionam como crivos, permitindo que apenas os estímulos vinculados a determinados processos sejam transmitidos durante um período específico. Assim, a diferença é transferida na medida em que os movimentos

neurônicos são comunicados em períodos diferentes e de nenhum modo análogos, ou seja, produzindo uma energia específica que passa de Φ para Ψ até chegar em ω , onde sua quantidade é praticamente inexistente e pode ser concebida como qualidade, gerando as sensações conscientes.

Freud menciona que a propagação da qualidade não é duradoura, isto é, não deixa traços e, portanto, não é passível de reprodução. Desta forma, a “consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos em ω ; e sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω ” (Freud, 2003, p.190). Considerando o funcionamento de sistema, é necessário esclarecer, ainda, como os neurônios ω eliminam a quantidade mínima que chega até si via sistema Ψ . O autor descreve que essa eliminação se dá por meio das vias motoras, aonde chega sem qualquer traço de qualidade decorrente dos períodos.

Se até esse ponto Freud trabalhou com as sensações advindas de estímulos externos, desse momento em diante ele passa a considerar a percepção das sensações resultantes dos processos internos, a saber: o prazer e o desprazer. O autor descreve a sensação de desprazer como consequência de um aumento da quantidade de excitação proveniente dos estímulos endógenos no sistema Ψ . Logo, a sensação de prazer corresponderia à eliminação dessa excitação no sistema Ψ , causando uma redução na pressão interna. Assim, ambas sensações se tornariam conscientes por conta da própria ocupação em ω a partir do aumento de nível em Ψ , de maneira que esses sistemas estejam conectados tais quais vasos comunicantes.

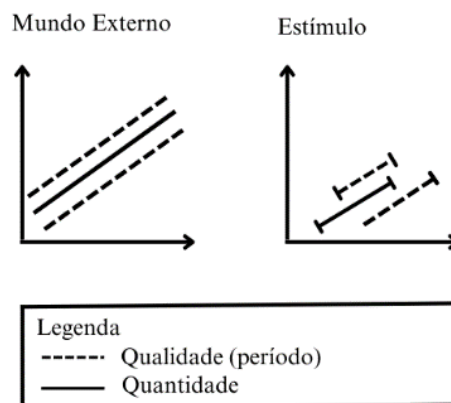
Contudo, dada a diferenciação entre a sensação de prazer e de desprazer, torna-se inevitável buscar compreender como elas se distinguem de outras qualidades sensoriais às quais o sistema ω se faz indiferente. Com isso, Freud propõe que os neurônios ω recebem o período do movimento neurônico de modo otimizado quando estão ocupados. Nesse sentido, se a ocupação ultrapassar certo limiar, aumentando conseqüentemente sua recepção, o resultado é a sensação de desprazer. Já o decréscimo nessa ocupação diminui sua recepção, gerando a sensação de prazer. A gradativa desocupação desses neurônios leva ao desaparecimento de sua capacidade receptiva.

Com essas construções sobre o desempenho do sistema formado pelos sistemas Φ, Ψ e ω , é possível pensar qual seria a forma motora correspondente. A inclusão do sistema ω e sua relação com as sensações de prazer e desprazer levou ao entendimento de que, no sistema

como um todo, existe um limiar abaixo do qual a quantidade de excitação não consegue operar exitosamente. Foi possível discernir também que, devido ao crivo existente nos órgãos dos sentidos, em pontos terminais particulares apenas determinados tipos de estímulos podem agir. Nesse sentido, os estímulos cuja excitação chega, de fato, aos neurônios Φ possuem uma quantidade e uma qualidade particular.

No mundo externo, em termos quantitativos, é possível notar uma gradação nos estímulos que pode ser organizada em uma escala crescente do limiar até a dor, ao passo que, em termos qualitativos, existe uma qualidade igual. Portanto, nele os processos se desenvolvem continuamente em relação a quantidade e a qualidade. Contudo seus estímulos correspondentes são reduzidos e limitados quantitativamente, bem como possuem sua qualidade descontinuada, uma vez que determinados períodos nunca chegam a agir propriamente como estímulos. Freud busca ilustrar essa diferença por meio de gráficos:

Figura 1 – Gráfico comparativo entre mundo externo e estímulo correspondente



Fonte: Elaborada pela autora (2024) a partir da ilustração de Freud (2003, p.192)

Desta forma, a quantidade de estímulos que chega em Φ leva à excitação da tendência eliminatória do sistema nervoso, que ocorre a partir da reação motora proporcional. Como no aparelho motor as quantidades precisam ser distribuídas para músculos, glândulas e afins, Freud conclui que os estímulos externos criam um efeito quantitativo superior em relação à quantidade que efetivamente atinge o sistema Φ de modo inicial. Assim, essa quantidade age no aparelho motor via liberação, diferentemente de sua ação entre os neurônios que ocorre apenas via transferência.

Considerando que a relação entre os neurônios é de transferência de estímulos, seria possível pensar que um aumento de quantidade no sistema Φ acarretaria um aumento correspondente na quantidade transferida aos neurônios Ψ . Conseqüentemente, haveria um efeito psíquico mais forte. No entanto, Freud acredita que esse não seja o caso. O autor infere que a condução sensória em Φ obedece a leis particulares. Os estímulos mais fortes não se transferem diretamente para Ψ com toda sua carga. Ao invés disso, eles se ramificam, percorrendo mais caminhos em comparação a estímulos mais fracos e, com isso, abrem, ainda, novas trilhas. Isso porque a cada trilha a tensão em Φ pode ser parcialmente aliviada, atingindo o objetivo primário do sistema nervoso: a eliminação de atividade nervosa. Esse processo mantém as grandes quantidades afastadas de Ψ até certo limite, garantindo que a ocupação de seus neurônios seja aproximadamente igual.

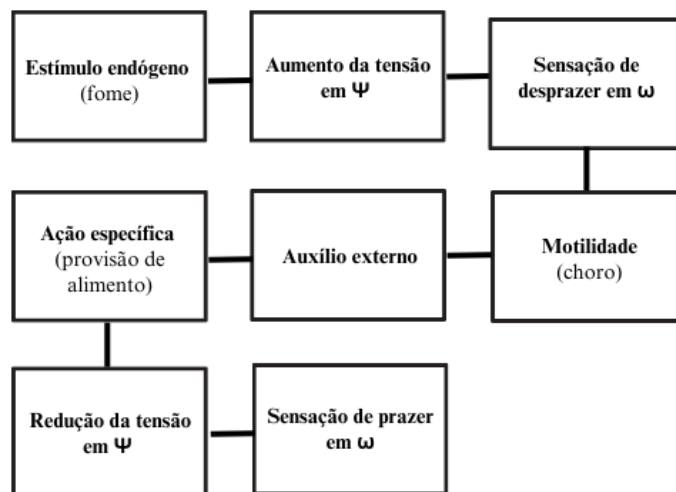
Além disso, a introdução da ideia de ramificação de trilhas neuronais permite a construção de uma qualidade tópica para a condução sensória, uma vez que a quantidade elevada em Φ irá se expressar no sistema Ψ não como a ocupação de um único neurônio, um único local, mas como a ocupação proporcional de mais neurônios. Considerando que Ψ recebe, ainda, os estímulos endógenos, Freud propõe a decomposição dos neurônios Ψ em dois grupos: os do manto e os do núcleo. Os neurônios Ψ do manto são aqueles ocupados por intermédio do sistema Φ . Eles precisamente se localizam na parte mais externa para permitir essa ligação com os neurônios Φ , periféricos. Já os neurônios Ψ do núcleo são ocupados pelos estímulos endógenos, sem a intermediação de Φ .

O autor retoma a noção de que existem trilhas diretas entre os estímulos internos e o sistema Ψ , de maneira que nesses neurônios não há uma proteção contra as quantidades que ali chegam, visto que elas não perpassam os órgãos dos sentidos nem o sistema Φ . Os estímulos endógenos, como determinado anteriormente, possuem uma natureza intercelular, sendo resistidos pelas barreiras de contato nos neurônios Ψ do núcleo. Esses estímulos são gerados continuamente, mas apenas periodicamente se tornam estímulos psíquicos. Da ação contínua dos estímulos endógenos resulta que os incrementos na quantidade de excitação sejam percebidos como um aumento de estímulo em Ψ . Logo, esse estado característico de condução dos estímulos internos leva à permeabilidade dos neurônios Ψ do núcleo, processo denominado somação. Após a eliminação dessa carga excitativa, todavia, as barreiras de contato desses neurônios retomam sua resistência.

Com o preenchimento dos neurônios nucleares em Ψ , há um esforço na direção da eliminação por meio das vias motoras, desencadeando, por exemplo, a expressão de emoções, gritos ou alterações na inervação vascular. No entanto, essas manifestações não resultam em alívio, uma vez que os estímulos endógenos permanecem exercendo sua pressão, o que reestabelece a tensão em Ψ , gerando também a sensação de desprazer em ω . Para que exista o cancelamento desses estímulos e a liberação da excitação interna é necessário que haja uma alteração no mundo externo, como o acesso ao alimento ou à proximidade do objeto sexual. Como Freud já indicara anteriormente, essa alteração no mundo externo consiste na ação específica, a qual apenas se concretiza de acordo com determinados caminhos.

Inicialmente, o humano recém-nascido não consegue por si próprio efetuar a ação específica. Por isso, Freud se refere a ele como desamparado. Ele depende completamente da ajuda externa, ou seja, de outro ser capaz de perceber suas expressões motoras as quais indicam alteração interna e que, a partir disso, executa a ação específica por si. A partir da execução da ação específica, o recém-nascido, por meio de dispositivos reflexos, consegue realizar o trabalho interno de cancelamento do estímulo endógeno. O resultado é a redução da quantidade em Ψ e, conseqüentemente, a percepção da sensação de prazer em ω . A totalidade desse processo é o que Freud denominou vivência de satisfação.

Figura 2 – Esquema simplificado da vivência de satisfação



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Com isso, Freud comenta que essa trilha de eliminação passa a ter a significativa função secundária de comunicação. Embora seu comentário em relação à comunicação não se

estenda, parece lícito considerar que ele oferece um substrato para a noção de que há o desenvolvimento gradativo de uma intenção à motilidade, até então, suscitada apenas de maneira reativa ao aumento de tensão interna em Ψ no recém-nascido. É possível conjecturar, ainda, que a intenção ganha seus contornos apenas na medida que a ação específica é consistentemente promovida pela ajuda externa, ou seja, quando o caminho para a vivência de satisfação é repetido. Por fim, a necessidade da comunicação e seu posterior desenvolvimento se dá exatamente por conta do desamparo do recém-nascido.

O autor indica que “o desamparo [*Hilflosigkeit*] inicial do ser humano é a fonte originária de todos motivos morais” (Freud, 2003, p.196, grifos do autor). Segundo Gabbi Jr. (2003), essa passagem demonstra a crença de Freud no naturalismo ético. Isso porque Freud não busca explicar o mecanismo pelo qual um indivíduo se mobiliza para prestar auxílio ao recém-nascido desamparado, apoiando-se na noção de uma motivação moral. Embora Freud não tenha aprofundado esse pensamento na obra em questão, é possível pensar, ainda, que, uma vez que a dependência integral entre o recém-nascido e esse o outro que zela por sua sobrevivência é estabelecida, tece-se uma complexa relação entre ambos, bem como entre indivíduo e cultura, que perpassará pelo desenvolvimento moral. Esses serão temas estruturantes da psicanálise nos anos a seguir.

Diferentemente dos empregos anteriores, ao se referir ao desamparo enquanto uma condição inicial de todo ser humano, o autor denota uma situação universal na qual impera a impossibilidade de sobrevivência sem a presença de um indivíduo auxiliador que promova, por meio da ação específica, a vivência de satisfação, suprimindo as necessidades do recém-nascido. É apenas sob essa circunstância que a eliminação da excitação advinda dos estímulos endógenos se torna factível e, por conseguinte, o alívio da tensão em Ψ , o que estabelece a conexão do termo desamparo ao desenvolvimento dos processos psíquicos, atribuindo a ele uma conotação mais fortemente conceitual. Esse caráter conceitual que o termo passa a exprimir, ainda que de maneira incipiente, é reforçado pela colocação de Freud:

Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado [*hilflose*], então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário no interior de seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Assim, a totalidade representa uma vivência de satisfação, tendo as consequências mais decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo. (Freud, 2003, p.196, grifos do autor)

Assim, estando o desamparo localizado no cerne da vivência de satisfação do ser humano, pode-se compreender que ele também apresenta influências decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo, tais quais as já mencionadas.

Freud conclui que durante esse processo ocorre a ocupação dos neurônios Ψ do núcleo e, posteriormente, dos neurônios Ψ do manto, visto que nesses últimos são registrados os acontecimentos tanto de origem interna quanto de origem externa. São nos neurônios do manto em que a percepção do objeto se dá via imagem motora, quer dizer, concebida como percepção consciente por meio da ligação entre os sistemas Φ e ω a Ψ . Gabbi Jr. (2003) indica que essa percepção corresponde à percepção da pessoa prestativa, assinalando também que, se inicialmente a necessidade não induzia o sistema nervoso à busca de um objeto específico, com a associação realizada a partir da vivência de satisfação entre a necessidade, o objeto e a satisfação, passa a existir uma busca direcionada, ou seja, um caminho preferencial para a eliminação, facilitado. A facilitação entre os neurônios do sistema Ψ e a associação entre a imagem motora do objeto e a da vivência de satisfação fazem com que, segundo Freud, a recordação dessa imagem motora possa ser ocupada conforme a imposição do estado desiderativo. Essa ocupação gera o que o autor denominou animação desiderativa, processo em que a recordação do objeto desejado não se diferencia da percepção desse objeto, levando, portanto, à alucinação.

A partir da descrição da vivência de satisfação, Freud passa para a vivência dolorosa. Como observado previamente, no caso da dor, uma grande quantidade de excitação irrompe no sistema Ψ via sistema Φ . Esse aumento em Ψ torna-se uma sensação consciente de dor devido à ocupação suscitada no sistema ω . Com isso, há uma inclinação para a eliminação cujo curso pode seguir diferentes caminhos. Ademais, ocorre uma facilitação entre a eliminação e a imagem recordativa do objeto hostil, ou seja, aquele que provocou a dor. Tal facilitação faz com que a ocupação posterior da imagem recordativa do objeto hostil, por exemplo no caso de uma nova percepção, cause um estado similar ao experimentado na vivência dolorosa, levando ao desprazer e à tendência para eliminação.

Esse estado só seria possível por meio do aumento na quantidade de excitação. No entanto, por se tratar apenas de uma reprodução, não há, de fato, a entrada de uma quantidade no sistema. Assim, Freud passa a supor que a ocupação de recordações leva à liberação de excitação desde o interior do corpo, gerando o desprazer. Essa liberação ocorreria a partir de neurônios secretores, denominados neurônios-chave, os quais se localizam no interior do

corpo e, quando excitados por uma recordação, agem como estímulos nas trilhas de condução endógenas para o sistema Ψ . Nesse sentido, esses neurônios não apresentariam a função de eliminação de quantidades, apenas seriam responsáveis por originá-las. Isso seria possível por conta da facilitação entre a imagem recordativa do objeto hostil e os neurônios-chave, causando uma liberação do desprazer, desta vez, no afeto.

Tanto a vivência de satisfação quanto a vivência dolorosa possuem em comum o aumento da tensão em Ψ . O aumento da quantidade na vivência de satisfação é produzido por somação e tem como consequência o estado desiderativo que, por sua vez, leva à atração pela imagem recordativa do objeto desiderativo, ou seja, aquele que promoveu a satisfação. Por outro lado, o aumento da quantidade na vivência dolorosa ocorre via liberação imediata, tendo como resultado o afeto, o qual gera repulsa em relação à imagem recordativa do objeto hostil, obrigando o sistema a evitar sua ocupação ou eliminá-la o mais rápido possível.

A atração desiderativa pode ser simplesmente explicada ao considerar-se que na emergência do estado desiderativo, ou dito de outra forma, com a necessidade levando o organismo ao aumento na quantidade de estimulação endógena, a ocupação da imagem recordativa do objeto desiderativo é facilitada por exceder, em quantidade, as percepções advindas do mundo externo. Consequentemente, há uma tendência à alucinação desse objeto.

Já o movimento de desocupação da imagem recordativa do objeto hostil, Freud denominou defesa primária ou repressão. O autor comenta sobre a dificuldade de explicar dentro de seu modelo teórico o funcionamento dessa defesa; não coincidentemente é na tentativa de compreender a vivência dolorosa que ele faz a introdução dos neurônios-chave cujas propriedades se diferenciam de forma drásticas das dos demais neurônios. Nesse sentido, Freud supõe que as vivências primárias dolorosas têm seu término por meio da defesa reflexa, um produto da instrução biológica. Assim, quando outro objeto surge e substitui o objeto hostil, é sinalizado que a vivência dolorosa terminou, levando o sistema Ψ a reproduzir em si o estado correspondente à cessação da dor.

A ideia de instrução biológica leva à adição de um novo elemento ao sistema nervoso, o qual passa a ter validade própria, ainda que não dispense a explicação mecânica. Esse elemento é o “eu”, uma organização em Ψ que opera por meio da influência nos cursos quantitativos que foram previamente executados de uma maneira específica, seja pela via da satisfação ou pela via da dor. Freud indica que a origem do eu pode ser compreendida como

resultado da recepção constante de estímulos endógenos nos neurônios Ψ do núcleo, que gera o efeito de facilitação e, por conseguinte, delimita um grupo de neurônios permanentemente ocupados, responsáveis pelo armazenamento imprescindível à função secundária. Esses neurônios que se diferenciam dos demais por estarem ininterruptamente ocupados consistem no eu.

Sua influência nos cursos quantitativos se dá a partir de um fenômeno que Freud denominou ocupação lateral. Quando um estímulo chega ao sistema nervoso, seu curso excitativo tende a se distribuir na direção das barreiras de contato previamente facilitadas cujas resistências são menores. Há, nesse sentido, um caminho conhecido a ser percorrido. Contudo, a ocupação de um neurônio adjacente a essa trilha pré-determinada age como uma facilitação temporária, mudando, portanto, o curso a ser trilhado pela excitação. Esse processo consiste na ocupação lateral. Logo, o eu emprega as quantidades armazenadas em si para realizar a ocupação lateral e, desta maneira, inibir o curso da excitação livremente fluente, denominados processos primários.

A vantagem da inibição do curso excitativo para Ψ é imensa. Considera-se, por exemplo, a ocupação da imagem recordativa de um objeto hostil. É possível, por meio da inibição, evitar que os neurônios-chave sejam ocupados e que o sistema nervoso seja sujeito ao desprazer sem que haja uma necessidade real aparente. A partir desse exemplo, é possível representar o processo psíquico da atenção do eu, o que conota também a presença de uma intencionalidade nessa organização, bem como a construção de uma unidade dos sistemas esboçados por Freud.

Outro exemplo da vantagem da inibição consiste na diferenciação entre percepção e ideia. Analisando novamente o estado desiderativo, tem-se que, quando a imagem recordativa do objeto atrelado à satisfação é ocupada, o sistema é induzido à eliminação da quantidade de excitação interna. No entanto, a satisfação nunca é alcançada, uma vez que o objeto real, que cancela a estimulação endógena, não está presente, apenas sua ideia fantasiosa⁵. Inicialmente, Ψ não consegue realizar essa distinção, de maneira que seja introduzida a necessidade de um critério advindo de outro lugar. Freud supõe que esse lugar seja o sistema ω .

⁵ De acordo com Gabbi Jr. (2003), a expressão ideia fantasiosa é empregada apenas com o objetivo de indicar a ausência do objeto na realidade, uma vez que o conceito de fantasia, no sentido psicanalítico, ainda não está formulado no Projeto.

O sistema ω , como indicado anteriormente, é responsável pela sensação consciente. Ele está ligado a Ψ como um vaso comunicante, além de se conectar, indiretamente, a Φ , de onde recebe os estímulos que chegam aos órgãos dos sentidos. Assim, o sistema ω está sujeito a modificações em sua quantidade de movimento conforme os eventos que se desenrolam nos demais sistemas. Quando, em decorrência desses eventos, há um aumento em sua quantidade de movimento, sua tendência é a eliminação. Considerando sua relação com Ψ , essa eliminação chega em tal sistema como uma mensagem. Essa mensagem de eliminação poderia ser tomada por Ψ como um signo de realidade, indicando, por exemplo, o acesso ao objeto desiderativo.

Todavia, no caso da animação alucinatória desse objeto desiderativo, a mensagem de eliminação não seria suficiente: mediante à pressão contínua dos estímulos internos, neste caso, frutos de uma necessidade não satisfeita concretamente, facilmente Ψ poderia voltar a investir na imagem recordativa do objeto desiderativo, mantendo-se no ciclo de alucinação. Assim, cada mensagem advinda de ω poderia ser descartada a partir do retorno do anseio jamais satisfeito. Nesse sentido, para que a mensagem passe a ter, de fato, valor enquanto signo de realidade, é necessário que o eu, por meio de sua ação inibitória, impeça que a eliminação de quantidades internas ocorra em ω .

O eu ao reduzir, a partir da ocupação lateral, a quantidade de excitação advinda do investimento na imagem desiderativa, faz com que esta falhe em produzir um signo qualitativo em ω . Contudo, a percepção externa ainda é capaz de gerar esse signo, uma vez que não passou pelo processo de inibição. Desta maneira, o sistema ω enviará a mensagem de eliminação para Ψ apenas no caso de uma quantidade de origem externa, ou seja, a partir do contato real com o objeto desiderativo. Freud assinala que a experiência biológica se encarregará de ensinar o sistema ω a não iniciar o processo de eliminação sem que antes o signo de realidade tenha se manifestado na percepção consciente, evitando que a ocupação da imagem desiderativa ocorra acima de determinado limiar. Experiência biológica parece se referir tanto ao eu quanto à própria insatisfação da necessidade pela via da alucinação.

Portanto, a função do eu consiste em inibir os processos psíquicos primários, os quais são relacionados à tendência do sistema nervoso para a eliminação. Consequentemente, os processos psíquicos secundários são aqueles cuja ação é possível somente mediante investimento do eu, o qual, como indicado anteriormente, tem como objetivo moderar os

processos psíquicos primários. Segundo Mezan (2013), sem os processos psíquicos secundários o indivíduo estaria sujeito às constantes alucinações e descargas endógenas de desprazer, mantendo-se permanentemente vulnerável aos perigos externos, bem como às excitações decorrentes de seu próprio interior. Nesse sentido, o autor ressalta que a função do psiquismo é se organizar de maneira a defender o corpo contra as possíveis ameaças à vida, independentemente de onde essas sejam originadas. Assim:

O darwinismo de Freud encontra aqui sua primeira expressão: quem não é apto para a luta pela existência é vencido por ela. Daí a referência às “exigências da vida” no texto do Projeto: elas representam o preço a pagar pela dependência do ser vivo frente a seus meios de subsistência, sempre exteriores a ele. (Mezan, 2013, p.37, grifo do autor)

Não parece coincidência, por conseguinte, que o próprio Freud (2003, p.202) tenha descrito que “o eu em Ψ , que podemos tratar, segundo suas tendências, como o sistema nervoso em seu conjunto, sofre duas vezes, no caso de processos não influenciados em Ψ , desamparo e dano”. O desamparo do ser humano consiste, primeiramente, na contradição entre a demanda de um objeto externo a si para eliminar a tensão em Ψ , proveniente dos estímulos endógenos, ou seja, de suas necessidades internas, e sua incapacidade de alcançá-lo, no início da vida, sem o intermédio de um outro indivíduo atento a si e suas carências.

O desamparo aqui parece fazer também uma referência à tendência do sistema nervoso para engendrar os processos psíquicos primários. No caso da vivência de satisfação, o sistema nervoso pode, por meio dos processos psíquicos primários, facilmente ocupar a imagem recordativa do objeto desiderativo quando a necessidade dele se faz presente, mas ele próprio está ausente ou inacessível. Isso leva à ruptura de seus laços com a percepção externa, indispensável para a sobrevivência do organismo. De forma semelhante, no caso da vivência dolorosa, a tendência para os processos psíquicos primários pode fazer com que a imagem recordativa do objeto hostil seja ocupada prescindindo de sua presença concreta, o que resulta na sensação consciente de desprazer. Desta maneira, o próprio organismo poderia sucumbir frente a esses frequentes ataques internos. Portanto, se o eu falha em promover os processos psíquicos secundários, as consequências podem ser devastadoras ao indivíduo, o qual se encontraria abandonado à mercê de seus processos psíquicos primários, logo, desamparado em relação a si mesmo e sujeito a danos. Com isso, é possível perceber a profundidade que o termo desamparo passa a adquirir a partir do “Projeto”, recebendo um importante papel na

explicação dos processos psíquicos e suas consequências são decisivas na constituição do ser humano.

Desta forma, o “Projeto” redefine o sentido do termo desamparo ao retratá-lo explicitamente como a condição biológica inerente a todos os seres humanos, que, no início da vida, estão completamente dependentes do cuidado de outros para garantir sua sobrevivência. A inscrição do desamparo nesse manuscrito se mantém dual, conforme demonstrado desde “Estudos sobre a histeria”: parte em relação ao mundo externo – diante da figura do outro, de quem se depende, e dos perigos do ambiente, que ameaçam a sobrevivência – e parte em relação ao mundo interno – face à insuficiência de seus recursos biológicos para realizar as ações necessárias à preservação da vida. A novidade parece ser o reconhecimento, ainda que bastante velado dada a característica desse escrito, do desamparo como uma condição psíquica. Isso porque, como indicado anteriormente, Freud, no “Projeto”, propõe que para que o recém-nascido possa, aos poucos, executar as distinções necessárias para sua sobrevivência, entre percepção e memória, assim como entre a alucinação e a realidade, é necessário que um desenvolvimento psíquico ocorra – ou seja, essas diferenciações essenciais não são dadas junto ao nascimento. É a partir da vivência de dor e da vivência de satisfação, bem como por meio da inibição dos processos primários e despontamento dos processos secundários que se torna possível que essas distinções ocorram. Assim, é o desenvolvimento do organismo em paralelo ao desenvolvimento psíquico que permite ao indivíduo transcender a dependência completa, embora a marca do desamparo permaneça presente.

Nesse sentido, parece que aquela acepção inicial do desamparo frente aos processos psíquicos inconscientes nas neuropsicoses progressivamente deixa de ser o principal sentido adotado por Freud em relação ao termo. Não que ele deixe de ser verdadeiro: há mesmo um desamparo nesses indivíduos adoecidos, que não encontram nem no corpo nem na consciência a razão de seu padecimento. Contudo, essa face do desamparo parece ser uma consequência da condição humana que Freud descreve tão detalhadamente no “Projeto”. Por isso, em “A etiologia da histeria”, de 1896, já é possível observar essa mudança expressiva no uso do termo desamparo. Gradativamente, nota-se uma especificidade maior nesse termo, desenhando seu conceito. Resta-nos verificar se essa mesma tendência pode ser verificada em “A interpretação dos sonhos”, de 1900.

CAPÍTULO 3: DESAMPARO EM A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

3.1. Rumo à interpretação dos sonhos

Até esse momento, observa-se o seguinte movimento de Freud: distanciando-se da tradição psiquiátrica da época, ele propõe que as neuroses possuem como fator etiológico principal a sexualidade. Assim, como já anunciado em “As neuropsicoses de defesa”, de 1894, as neuroses não seriam consequência de uma deterioração hereditária do cérebro, como acreditava Charcot, ou fruto de uma incapacidade inata para a síntese psíquica, como defendia Janet. Não seriam, ainda, resultado da tendência aos estados hipnoides, como teorizou Breuer. A neurose é produto de um trauma que invariavelmente encontra suas raízes em uma vivência sexual prematura durante a infância.

Nessa vivência, o infante teria sido abusado sexualmente por um adulto. Devido à ausência da sexualidade durante esse período, tal lembrança estaria desprovida de valor traumático. É com a puberdade e a maturação sexual que, ao ser retomada, a lembrança passa a ser repudiada pelo indivíduo, agora dotado da capacidade de compreendê-la e julgá-la segundo sua moral. Essa nova percepção sobre os fatos acarretará a ação defensiva do eu, que reprime essa lembrança cuja representação é inconciliável com a consciência, tornando-a inconsciente, ou seja, interdita do campo associativo consciente.

Inicialmente, a defesa é eficaz e o indivíduo apresenta uma saúde regular. No entanto, em um segundo momento, ela passa a ser insuficiente para impedir que a representação incompatível volte ao campo consciente, causando o que o autor denominou como retorno do reprimido. Esse retorno, todavia, não ocorre de maneira livre: depois de reprimida, essa recordação não penetra à consciência em sua forma original, mas apenas mediante à formação de compromisso exigida pela defesa que o eu engendra. Ela surge dissimulada, encoberta. A partir disso, cada transtorno terá sua formação própria: a conversão na histeria, o deslocamento na neurose obsessiva, a projeção na paranoia.

Com o “Projeto”, em 1895, é possível compreender a visão que subjaz à descrição dos mecanismos psíquicos nos artigos sobre a etiologia das neuroses. Freud concebe um modelo físico-biológico dos processos psíquicos cuja base é o movimento reflexo. Assim, esses processos se organizariam segundo uma tendência: a descarga. Nesse sentido, a energia advinda dos estímulos externos e internos, captados pelo polo sensitivo, estão propícias ao escoamento, pela via do polo motor. Naturalmente, com o aumento da complexidade do

organismo, o modelo do arco-reflexo deixa de ser suficiente. Embora ainda permaneça a inclinação para a descarga, ela não pode ser realizada de maneira total. Isso porque parte dessa energia precisa ser mantida no sistema: ela será empregada nos processos psíquicos que respondem às constantes exigências internas e demandam uma ação coordenada para sua execução satisfatória.

Com isso, as partes desse sistema, os neurônios – e nesse ponto é impossível ignorar a pretensão anatômica – passam a se diferenciar segundo: 1) a quantidade de energia que recebem; 2) a possibilidade ou não de reterem parte da energia; 3) a origem da energia (proveniente de estímulos externos, internos ou ambos); 4) sua posição espacial no sistema e, por fim, 5) o respectivo processo psíquico atrelado a si. Por meio dessa distinção, torna-se viável descrever, dentro desse modelo, como se aprende a discernir a memória da percepção, o mundo interno do mundo externo e, no limite, os processos inconscientes dos conscientes, sendo os primeiros muito mais prevalentes do que o campo da psicologia conseguia reconhecer na época e cujo acesso era sempre indireto, por meio de seus produtos: os sintomas, as lacunas, os chistes, os sonhos.

Entender o funcionamento da memória é essencial, uma vez que toda observação clínica e produção teórica de Freud até agora o levaram a compreender que a chave para a formação dos sintomas neuróticos reside em uma lembrança inconsciente de cunho sexual cujo impacto é tão devastador para o sujeito que sua organização psíquica é inteiramente mobilizada com o intuito de defendê-lo contra ela. É verdade que, por meio da correspondência à Fliess, sabe-se que Freud se afasta gradativamente dessa noção, especialmente após iniciar sua autoanálise. Na carta de 21 de setembro de 1897, lê-se: “E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica [teoria das neuroses]” (Freud, 1986, p.265). Conforme ele se debruça sobre o conceito de fantasia, a sedução enquanto um acontecimento traumático concreto deixa de ser a única fonte possível para as neuroses. A diferença entre a realidade psíquica, do inconsciente, e a realidade material, aos poucos, desvela-se.

Independente dessa mudança, o funcionamento da defesa mantém-se essencialmente o mesmo. Ele só deixa de prescindir da memória de um abuso sexual para executar a repressão, visto que uma fantasia sexual intolerável à consciência se mostra suficiente para se obter o

mesmo efeito. Em ambos os casos, pontua-se que o perigo não é mais proveniente do mundo externo: a proteção precisa vir de dentro e, de preferência, sem que o próprio indivíduo se dê conta, afinal, a consciência do movimento defensivo por si só já implica uma falha da defesa. E a fantasia, descobre Freud, é dependente dos elementos provindos da memória para sua formação.

Não sem razão, ele publica dois artigos sobre o assunto que antecedem diretamente “A interpretação dos sonhos”: “Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento”, de 1898, e “Sobre as recordações encobridoras”, de 1899. Segundo Strachey, “Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento” é a primeira publicação do autor acerca do ato falho. No artigo em questão, Freud (1991k) descreve o funcionamento psíquico por trás do esquecimento de nomes próprios. Para isso, ele narra um episódio que acontecera consigo em uma viagem de trem à costa do Adriático. Durante uma conversa com seu companheiro de cabine, o nome do artista Luca Signorelli lhe foge à mente. Embora fosse capaz de evocar os quadros do autor com uma vividez incomum, incluindo seu autorretrato, o nome com o qual era tão familiarizado permanecia inacessível.

Subsequentemente, os nomes de dois artistas sobrevieram à Freud: Botticelli e Boltraffio. Todavia, ele sabia que nenhum deles correspondia, de fato, ao nome esquecido. Apenas dias depois, encontrou-se com alguém que pôde recordá-lo do sobrenome Signorelli. No mesmo instante, Freud lembrou-se do nome completo. Tão logo a lembrança o invadiu, a imagem atipicamente nítida que possuía do autorretrato do autor se desfez. A partir desse episódio, Freud questiona o motivo do esquecimento desse nome, bem como o porquê de sua substituição pelos nomes Botticelli e Boltraffio. Para empreender sua investigação, ele empregou o método da associação livre. Esse método, desenvolvido a partir de sua experiência clínica após o método catártico de Breuer, consistia em deixar vir à mente todos os pensamentos relacionados a determinado tópico, evitando a emissão de julgamentos que interrompessem o fluxo associativo.

Como resultados ele obteve o seguinte (Figura 3): do início do nome Signorelli, Freud isola “*signor*”, que equivale a “senhor” em italiano e cujo correspondente em alemão é “*Herr*”. A partir de “*Herr*”, Freud faz duas associações: Herzegovina e a frase “*Herr*, que há de se fazer?”. Essas duas associações o rememoram da Bósnia por motivos diferentes. A primeira devido à frequência com que Bósnia e Herzegovina eram vinculadas. A segunda faz menção

ao momento que antecedeu o referido esquecimento. Nele, Freud narrava a seu colega de viagem sobre como um amigo médico lhe contara que a população turca que vive na Bósnia se relaciona com os médicos de maneira particularmente respeitosa e que, diferentemente dos austríacos, apresentava certa resignação em relação às fatalidades, respondendo ao médico responsável por comunicá-las com: “*Herr*, que há de se fazer?”. Ademais, esse amigo relatou a Freud também importância que esse grupo reservava aos prazeres sexuais. Um de seus pacientes lhe confessara: “Sabe, *Herr*, se isso acabar, a vida não vale mais nada.”. Dessa lembrança, extrai-se dois temas principais: a morte e a sexualidade.

Continuando com o processo de associação livre, de Bósnia é evidenciada a sigla “bo”, presente em Botticelli e em Boltraffio, os nomes que substituíram o esquecido. O final do Botticelli, “elli”, é o mesmo foneticamente de Signorelli, ao passo que o final de Boltraffio, “traffio”, recordou Freud de “Trafoi”, aldeia de onde lhe fora enviada uma notícia cujo conteúdo ele não esclarece, apenas indica estar relacionada com os dois temas elucidados anteriormente: a morte e a sexualidade. Em “Psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901, descobre-se que a notícia aqui omitida é o suicídio de um de seus pacientes cuja causa Freud (1991k, p.11) atribuiria a uma “perturbação sexual incurável”. Juntando-se ao fato de que os afrescos de Signorelli retratavam o juízo final, tem-se o motivo do esquecimento desse nome próprio: a repressão das representações vinculadas à morte e à sexualidade, sobretudo por sua ligação com uma lembrança que Freud, de fato, deseja esquecer.

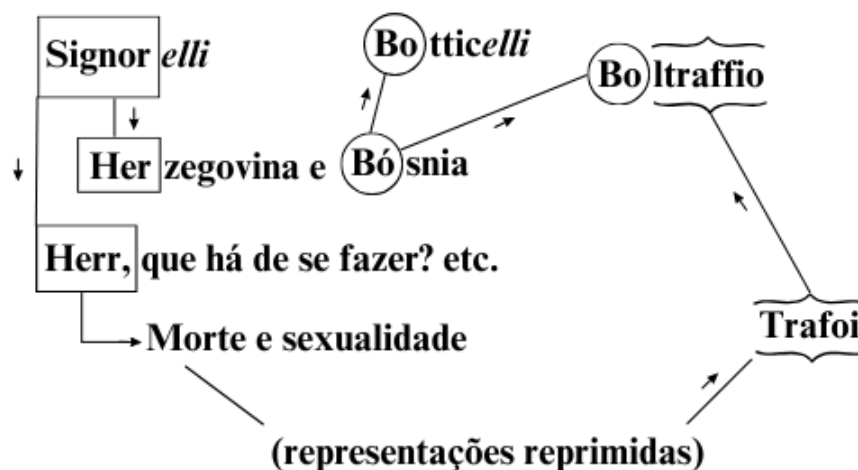


Figura 3 – Associações a partir das representações reprimidas

Fonte: Elaborada pela autora (2024) a partir da ilustração de Freud (1991k, p.286)

Tem-se como destaque nesse artigo a descrição detalhada, e até mesmo gráfica, da associação livre, método por meio do qual a psicanálise se edifica. A partir dele, é possível acessar aquilo que está reprimido e, portanto, inconsciente. Cada elo associativo é analisado individualmente e em sua ligação com os demais. O produto dessa empreitada é a descoberta do sentido oculto do fenômeno psíquico analisado, sua interpretação. Daí, compreende-se precisamente como Freud procederá em relação ao sonho em sua obra cômica.

Esse sentido, como demonstrado, é sobredeterminado. Dito de outra maneira, o que a interpretação revela é que os fenômenos psíquicos, como o esquecimento, não ocorrem de maneira acidental, mas sim são resultantes de um processo ordenado: a defesa. A partir dessa consideração, obtém-se a assombrosa percepção de que o mecanismo que atua na formação das neuroses é o mesmo que engendra eventos banais no cotidiano de pessoas saudáveis. Mediante à tendência de evitar o desprazer, motriz da organização psíquica como Freud já antecipara no “Projeto”, as fronteiras entre a saúde e o adoecimento parecem estar muito mais diluídas do que se acreditava.

A possibilidade de investigação por meio da associação livre implica, ainda, a existência de uma organização complexa da cadeia associativa, tanto em seu registro consciente quanto em seu registro inconsciente, ocorrendo nesse último uma série de processos paralelos, primários, sobre os quais o sujeito não possui qualquer conhecimento prévio à análise, embora seja diretamente afetado por eles. E, novamente, isso independe das neuroses. Não há escapatória. Parece que a caminhada pela construção da teoria freudiana até esse momento, ou melhor, já nesse momento, conduz obrigatoriamente ao reconhecimento de um desamparo que se funda junto à concepção de inconsciente e que, portanto, não se refere somente à condição biológica do recém-nascido, mas também – e sobretudo – à condição psíquica, com a qual a humanidade precisará conviver.

Essa tendência é corroborada pela exposição que Freud (1991m) realiza em “Sobre as recordações encobridoras”, de 1899. Nesse artigo, ele examina as lembranças infantis de pessoas adultas, tentando compreender o que levaria à recordação de algumas em detrimento de outras, que, por sua vez, permanecem esquecidas. Freud encara com curiosidade o fato de que algumas das memórias mais nítidas da infância não retratam grandes eventos desse período, mas sim cenas aparentemente sem muita importância. Guiado pelo conhecimento de

que os fenômenos psíquicos não ocorrem sem propósito, ele apresenta a análise de uma recordação infantil, que posteriormente descobre-se ser sua própria, com intuito de desvendar o motivo pelo qual a essa lembrança é concedido o acesso privilegiado à consciência, bem como o mecanismo subjacente a esse movimento seletivo da memória.

A recordação é a seguinte:

Vejo um prado quadrangular, ligeiramente inclinado, verde e com uma vegetação densa; no verde, muitas flores amarelas, evidentemente, dentes-de-leão comum. No topo do prado, uma casa de campo, em frente à qual estão duas mulheres em pé, conversando animadamente: a camponesa, com um lenço na cabeça, e uma babá. No prado, três crianças estão brincando, sendo uma delas eu (entre dois e três anos de idade), as outras duas são meu primo, um ano mais velho, e minha prima, irmã dele, que tem quase a mesma idade que eu. Pegamos as flores amarelas e cada um tem na mão um número de flores já colhidas. A menininha tem o ramallete mais bonito; mas nós, os meninos, como se combinado, nos lançamos sobre ela e a arrancamos as flores. Ela corre chorando morro acima pelo prado e recebe como consolo da camponesa um grande pedaço de pão preto. Assim que nós o vemos, jogamos as flores, corremos também em direção à casa e igualmente pedimos pão. Também o recebemos, a camponesa corta o pão com uma faca comprida. Esse pão tem um sabor delicioso em minha memória; e assim a cena se interrompe (Freud, 1991k, p.304-305, tradução nossa).

O autor inicia sua análise destacando dois elementos dessa narrativa que o chamam atenção devido a sua vivacidade excepcional: a evidência exagerada das flores, dentes-de-leão, e o gosto saboroso do pão, o qual descreve lembrar de maneira quase alucinatória. Essa nitidez que beira o artificial já havia sido notada na ocasião em que Freud rememora o autorretrato Luca Signorelli sem conseguir lembrar-se de seu nome. Nesse sentido, ela oferece uma pista importante, pois parece ocorrer precisamente como um desvio da atenção, um disfarce sob o qual se faz presente uma representação vetada à consciência. Que representação seria essa?

Para chegar até ela, Freud conduz sua investigação questionando-se sobre o momento em que essa lembrança surgira pela primeira vez: teria sido em algum ponto durante a própria infância ou ela havia sido retomada apenas posteriormente? Ele descobre ser o segundo caso, conseguindo precisar o acontecimento que antecedeu sua recordação: o retorno, durante a adolescência, à cidade natal, da qual se mudara com a família quando tinha cerca de 3 anos. Freud relata que a mudança da família do interior para a cidade foi em decorrência da falência do negócio de seu pai e que durante a viagem em questão comparou demasiadamente o conforto experienciado ali e as dificuldades que enfrentava na cidade. Para além disso, na família que o oferecera hospedagem havia uma filha de 15 anos por quem ele se apaixonou

intensamente, embora tivesse mantido seus sentimentos em segredo. No dia em que se conheceram, ela trajava um vestido amarelo, que constatou ser de uma tonalidade diferente do amarelo de sua recordação infantil. Freud atenta-se, então, que o amarelo do vestido o levava a outra lembrança: um passeio nos Alpes, realizado tempos depois, já em sua vida adulta, no qual viu algumas flores semelhantes a dentes-de-leão cuja cor era perfeitamente correspondente ao do vestido.

A memória dos Alpes o transporta para o segundo momento em que nota ter entrado em contato com essa memória de infância. Ele ocorre aproximadamente três anos depois da primeira viagem para sua cidade natal, quando visita seu tio e se reencontra com os primos, seus primeiros companheiros de brincadeira, presentes na recordação em questão. Freud conta que, nesse período, seu pai e o tio consideraram o casamento entre ele e sua prima, bem como tinham expectativas que ele se dedicasse a um trabalho que lhe rendesse um retorno financeiro mais imediato ao invés dos estudos. Esses planos foram abandonados ao notarem quão absorto em seu intento Freud estava. Ele reconhece, após ter-se tornado um jovem universitário, que seu pai era bem-intencionado ao cogitar o casamento, especialmente porque a família desse tio havia prosperado de maneira significativa, ao passo que Freud atravessava diversas dificuldades para se estabelecer.

A partir das associações evocadas perante essa memória infantil, o autor analisa que o sabor delicioso do pão, rememorado de forma quase alucinatória, relaciona-se com sua fantasia de uma vida confortável, a vida que poderia ter levado caso a família nunca tivesse falido, caso tivessem se mantido no campo, caso ele tivesse escolhido uma carreira diferente e, por fim, caso houvesse se casado, de fato, com a moça do vestido amarelo ou, ainda, com sua prima, quando a oportunidade efetivamente se apresentara. Seguindo com sua análise, ele demonstra que a fantasia de uma vida confortável não é a única presente em sua recordação. Sob o ato aparentemente inocente de arrebatrar as flores da prima e, portanto, desflorá-la, figura-se a fantasia das relações sexuais, fomentada também pela própria ideia de casamento contida na fantasia da vida confortável, visto que o casamento implica a noite de núpcias.

Assim, Freud descreve que nessa lembrança atuam os “dois mais poderosos impulsos – a fome e o amor” (1921m, p.309), sendo o primeiro representado pelas dificuldades materiais que o atormentavam e o segundo pelos sentimentos românticos e sexuais voltados à moça de vestido amarelo e à prima. Disso poderia presumir-se que algumas recordações são

privilegiadas em detrimento de outras por expressarem indiretamente uma ou mais fantasias daquele que as relembra. Nesse sentido, tais memórias retornariam à consciência por realizarem o desejo que engendra essas fantasias. Um subterfúgio muito criativo para burlar qualquer tipo de conflito entre o desejo reprimido, inconsciente, e o julgamento moral, consciente, uma vez que a lembrança, a princípio, denota uma cena do passado que, tal qual um filme, não poderia de maneira nenhuma versar sobre o presente.

Essa acepção não é incorreta. Freud indica que a escolha pela cena infantil para manifestar a fantasia sexual, por exemplo, aparenta ser proposital, visto que o contraste entre o conteúdo de ambos é notável. Ele afirma, ainda, que "parece, além disso, que por si só, a lembrança de um passado remoto é facilitada por um motivo de prazer." (1991m, p.310). No entanto, ele avança demonstrando que a recordação infantil pode, facilmente, consistir em uma fabricação. Freud chega a essa conclusão ao constatar que as flores evidenciadas em sua lembrança correspondiam às flores que observou pela primeira vez nos Alpes, já enquanto adulto, e, por isso, não havia sentido que elas estivessem em uma memória de sua infância. Desta forma, a recordação infantil foi fabricada nesse período como uma resposta à fantasia de Freud, que no momento de sua concepção sofria intensamente com as "exigências da vida" (1991m, p.308). Uma recordação, portanto, encobridora.

Isso significa que nada de sua lembrança havia, de fato, sucedido durante sua infância? Seria ela apenas uma fantasia composta de outras duas? O autor acredita que não. Freud defende que é necessário que exista um traço mnêmico cujo conteúdo ofereça à fantasia um ponto de contato de onde ela possa retirar elementos para se construir. Ele exemplifica que na lembrança em questão apenas dois elementos pareciam destoantes do restante: o sabor do pão e as flores amarelas, sendo esses as maiores alterações operadas pela fantasia. Ademais, os outros elementos da recordação, como a camponesa e a babá, não possuem qualquer função na realização dos desejos propulsores das fantasias, corroborando para noção de que eles provinham de lembranças reais da infância. As memórias consistem, portanto, na matéria-prima para a formação da fantasia, que consegue alterá-las, mas não pode prescindir delas.

Dessa descoberta, retira-se que não há garantias em relação às produções atribuídas à memória e averiguar sua autenticidade é uma tarefa que encontra diversos limites, especialmente pela via da associação livre. Esse aspecto é essencial porque Freud está cada vez mais resoluta a desvincular a experiência concreta do abuso sexual como a fonte

indispensável das neuroses. Nesse sentido, a concepção de fantasia o permite ampliar sua teoria, uma vez que a fantasia sexual, por si só, poderia constituir a cena reprimida que insistentemente busca voltar à consciência. Não apenas isso, mas ele se encontra às vias de anunciar a descoberta do complexo de Édipo, no qual a cena passa a ser fundamental. Parece até emblemático, mas jamais accidental, que justamente esse artigo, em que Freud atua como analista e analisando, anteceda à publicação de “A interpretação dos sonhos”. O imagético do inconsciente e sua cinematografia já estão aqui dados.

Desta forma, conclui-se desse artigo que:

Talvez seja, em geral, duvidoso que possuamos recordações conscientes da infância, e não meramente, recordações sobre a infância. Nossas recordações da infância nos mostram os primeiros anos de vida não como foram, mas sim como apareceram em tempos posteriores de despertar. Nesses momentos de despertar, as recordações de infância não afloraram, como se costuma dizer, mas foram formadas nesse momento; e uma série de motivos, alheios ao propósito da fidelidade histórico-vivencial, influenciou essa formação, assim como a seleção das memórias (Freud, 1991m, p.315, grifos do autor, tradução nossa).

Ademais, a formação da recordação encobridora revela o mecanismo envolvido em sua transformação. Freud descreve que os pensamentos conscientes podem ser continuados nos pensamentos inconscientes. Por exemplo, ao pensar “se eu tivesse me casado com esta ou aquela”, surge o impulso de representar esse casamento. Ao seguir esse impulso, diferentes representações surgem em associação, por semelhança ou oposição. Caso alguma dessas representações seja inconciliável com a censura consciente, ela é reprimida. Nisso, ela continua a existir, porém de maneira inconsciente. Para retornar à consciência, ela pode se apropriar, como já visto, de uma recordação infantil e operar transformações para que essa última passe a conter as fantasias por meio das quais desejos reprimidos se realizam.

Na lembrança infantil de Freud, duas transformações ocorreram: a primeira foi a remoção da condicionalidade existente no pensamento consciente “se eu tivesse me casado com esta ou aquela”. No pensamento inconsciente, a fantasia do casamento foi tomada como fato. Daí, compreende-se que os pensamentos inconscientes não comportam possibilidades, apenas certezas, e que eles facilmente desconsideram a veracidade de seus conteúdos. Há, portanto, uma realidade que é apenas psíquica. A partir disso, as consequências desejadas desse casamento, expressas nos pensamentos inconscientes “teria uma vida confortável” e “teria deflorado minha prima ou a jovem do vestido amarelo”, são figuradas na recordação por meio do sensorial alucinatório no pão e da presença destacada das flores.

Freud apresenta, assim, os mecanismos deslocamento e condensação, a serem descritos em pormenores em seu trabalho sobre o sonho. Nesse sentido, o próprio uso de uma lembrança da infância como anteparo para a projeção das fantasias parece muito semelhante à descrição que ele fornecerá acerca da formação do sonho, que faz uso das lembranças recentes e passadas para se figurar com o intuito de ultrapassar a censura e realizar, de maneira distorcida, o desejo recalcado. Por fim, a caracterização dos pensamentos inconscientes e das leis da associação preparam o cenário para que Freud apresente ao mundo a obra que sintetiza as principais ideias que demarcam o nascimento da psicanálise.

O que é interessante notar é que Freud em nenhum momento nesses textos emprega o termo desamparo. Até então, a última vez que esse termo pode ser encontrado em suas publicações é em “A etiologia da histeria”, de 1896, no qual seu sentido é muito mais próximo ao convergido pelo uso de desamparo no “Projeto”, como demonstrado anteriormente. Em um primeiro instante essa informação pode ser encarada com certo estranhamento. Ao propor que indivíduos saudáveis tanto quanto neuróticos ou psicóticos passam por processos inconscientes que afetam desde os menores esquecimentos às mais claras recordações de infância, estamos no território do desamparo. Há algo de muito espantoso em notar que essas lembranças, as quais, em última instância, compõem a identidade, podem ser fabricadas em maior ou menor grau. A ideia de que as memórias possuem distorções em relação aos eventos originais não é, de fato, nova. Contudo, acrescentar a ela que essa distorção serve a um propósito, a saber, permitir a manifestação de uma fantasia na qual se realiza um desejo inconsciente, perturba severamente aquilo que se acreditava saber sobre si mesmo. A própria seleção das recordações parece ser regulada de maneira a satisfazer essa condição, operando de maneira independente à consciência.

Nesses artigos Freud ainda chama a atenção para a noção de impulso. Seja ao enfatizar a fome e o amor como os impulsos mais poderosos, seja ao destacar a existência de um impulso para representar, ele explicita a presença de uma força propulsora capaz de movimentar os fenômenos psíquicos. Desde “Estudos sobre a histeria”, 1893-1895, é possível observar a concepção de intensidade, tornando-se ainda mais palpável no modelo apresentado em “Projeto de uma psicologia”, 1895, no qual a noção de quantidade em termos energéticos se revela fundamental para o funcionamento do aparelho psíquico. A própria percepção de que o conteúdo reprimido exerce uma força para retornar à consciência, mas encontra resistência por meio de outra força, desta vez, a defesa, que busca impedi-lo, parece apontar

para outra camada na problemática dos processos inconscientes. E, diante desse jogo de forças, o que pode o sujeito?

Portanto, há evidências de que o desamparo não deixou de estar presente nas ideias contidas nesses artigos. O que a ausência do termo em si revela é que, nesse momento, o conceito de desamparo parece estar mais definido enquanto a condição biológica do ser humano atrelada, principalmente, ao recém-nascido e à criança. O aspecto do desamparo enquanto condição psíquica parece subjazer a essa noção, assim como as consequências destacadas acima. Assim, é possível notar uma continuidade da tendência observada desde 1896, após a concepção de Freud do “Projeto”. E, se ausência do termo sugere essa permanência, o que dirá seu emprego?

3.2 A interpretação dos sonhos (1900)

Freud (2016A) anuncia que seus objetivos com a obra “A interpretação dos sonhos” são: 1) demonstrar que o sonho é uma formação psíquica dotada de sentido; 2) demonstrar que esse sentido pode ser descoberto mediante a determinada técnica psicológica; 3) demonstrar que, enquanto formação psíquica, o sonho pode ser incluso em um ponto específico da atividade psíquica do estado de vigília; 4) explicar os processos que levam à estranheza presente no sonho e, por fim, 5) extrair desses processos uma conclusão sobre a natureza das forças psíquica que atuam na formação do sonho, seja de forma conjunta ou de forma antagônica.

A noção de que há um sentido convergido no sonho não é uma contribuição original de Freud. Ele próprio demonstra que, desde a Antiguidade, essa percepção existe, mantendo-se vívida no imaginário popular até o momento da redação desta obra. Devido à peculiaridade característica do sonho, acreditava-se, em grande parte, que ele provinha de uma força sobrenatural, revelando algo ao sonhador. Na maioria das vezes, supunha-se que essa revelação oferecia pistas sobre o futuro, atribuindo ao sonho um valor profético. Nesse sentido, o sonho seria o produto de uma força externa cujo propósito era antecipar eventos da vigília.

Essa visão é, evidentemente, insuficiente para a ciência da época. Seja porque ela dispensa a exposição de uma mecânica e um substrato biológico em sua explicação, seja porque ela desconsidera elementos de fácil identificação nos sonhos, como a reprodução de

acontecimentos do passado. Todavia, a ciência também falha em produzir um conhecimento coeso sobre o sonho. Desde as discussões sobre a relação entre o sonho e a memória, passando pela dúvida se durante o sonho são conservadas ou não as funções psíquicas, Freud encontra um campo cujas teorias são de difícil integração. O que parece ser majoritária, embora não total, é a concepção de que o sonho consiste em um processo somático isento de significado. Como já observado nos escritos sobre o esquecimento e a recordação, a investigação de Freud aponta para outra direção e ele iniciará daí sua oposição.

Para isso, o autor parte da exposição de um sonho seu, denominado "A injeção de Irma", e conduz sua análise, demonstrando a técnica de interpretação. Essa técnica nada mais é do que aplicar ao sonho o mesmo método utilizado por Freud em sua prática clínica. Cada aspecto do conteúdo do sonho é submetido a uma inspeção minuciosa, na qual o sonhador é instado a direcionar sua atenção para as percepções psíquicas, suspendendo a crítica habitualmente empregada ao examinar os próprios pensamentos. Isso permite que se siga o fluxo do encadeamento psíquico até se alcançar a representação reprimida a partir da qual formaram-se os sintomas, os esquecimentos, as recordações encobridoras e, por fim, os sonhos.

Embora Freud já tenha publicado diversos artigos ilustrando essa técnica, aplicá-la para interpretar sonhos representa uma grande inovação. Isso ocorre especialmente porque, naquela época, o método mais amplamente utilizado presumia uma correspondência fixa entre os elementos do sonho e seus significados. Nesse contexto, assim como se consulta um dicionário para traduzir uma palavra, a interpretação do sonho poderia depender da consulta aos significados predefinidos de cada elemento. No entanto, Freud evidencia que essa abordagem, baseada em significados arbitrários, está longe de ser sustentável; tais significados são moldados pela história de vida do sonhador e, portanto, são variáveis.

O contexto do sonho escolhido para análise é o seguinte: Irma havia sido paciente de Freud no verão de 1895. Seu tratamento teve resultados apenas parciais: embora a angústia histérica houvesse desaparecido, outros sintomas permaneciam. Como a família dessa paciente e a família de Freud eram próximas, havia uma pressão para que o tratamento fosse bem-sucedido. No entanto, a solução que Freud propunha a Irma – que, como se sabe, envolvia a sexualidade – não era aceita por ela. A análise foi interrompida. Posteriormente, Freud recebe a visita de um amigo próximo, Otto, que também era médico. Otto revela que

havia visitado Irma e sua família. Quando Freud o questiona sobre a saúde dela, ele responde que ela estava melhor, mas não completamente bem. Essa resposta soa para Freud como uma crítica em relação a si e a seu tratamento. Isso o leva a redigir o histórico clínico de Irma com o objetivo de o repassar ao dr. M., um amigo comum a ele e Otto que contava com muita influência no círculo médico.

O sonho ocorre na madrugada que segue a esses acontecimentos. A narrativa do sonho “A injeção de Irma” se desenrola da seguinte maneira (Freud, 2016a, p.128-129):

Um imenso salão - muitos convidados, que recepcionamos. - Entre eles, Irma, que logo chamo à parte para, de certa forma, responder sua carta e lhe fazer censuras por ainda não ter aceitado a “solução”. Digo-lhe: Se você ainda sente dores, então é realmente apenas culpa sua. - Ela responde: Se você soubesse que dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen; isso está me sufocando - Eu me assusto e a examino. Ela tem uma aparência pálida e inchada; penso que, no fim das contas, estou desconsiderando algo orgânico. Eu a levo até a janela e examino sua garganta. Ela demonstra alguma resistência, como fazer as mulheres que usam dentadura. Penso que ela não precisa agir assim. - Mas a boca se abre com facilidade, e à direita encontro uma grande mancha branca, e noutra parte, sobre estranhas estruturas curvas que imitam de maneira evidente os cornetos nasais, vejo amplas crostas cinza-esbranquiçadas. - Chamo depressa o dr. M., que repete o exame e o confirma. A aparência do dr. M. é muito diferente do habitual; ele está bastante pálido, manca, está sem barba no queixo... E então meu amigo Otto também está ao lado dela, e meu amigo Leopold a percuta sobre o corpete, diz que ela tem uma região surda embaixo, à esquerda, e também aponta para uma parte da pele do ombro esquerdo que está infiltrada (o que, assim como ele, também sinto, apesar do vestido)... M. diz: Não há dúvida, é uma infecção, mas sem importância; ainda virá uma disenteria e a toxina será eliminada... Também sabemos de imediato a origem da infecção. Pouco tempo atrás, quando ela estava se sentindo mal, meu amigo Otto lhe aplicou uma injeção de um preparado de propil, propileno... ácido propiônico... trimetilamina (cuja fórmula vejo em negrito diante de mim) ... Não se fazem essas injeções tão levemente... É provável que a seringa também não estivesse limpa.

O salão repleto de convidados, Freud reconhece como fruto da antecipação de uma situação: será aniversário de sua esposa e eles comemorarão com uma festa da qual Irma e sua família serão convidadas. Em relação à censura que ele faz a Irma, Freud nota que ele deseja se isentar a culpa pela falha no tratamento. O autor assume que, na época em que analisou Irma, acreditava a eficácia do tratamento dependia apenas da comunicação do médico acerca dos motivos ocultos para o sintoma, o que no período de redação de “A interpretação dos sonhos” ele já percebia como falso. Ainda sob o desejo de não ser responsabilizado pelo estado de saúde de Irma, ele se assusta com os sintomas que ela apresenta, pois eles parecem indicar uma afecção orgânica. É claro que tratar como uma neurose um quadro orgânico é um medo de Freud. No entanto, se essas são as causas do padecimento de Irma, ele não possui obrigação de curá-la.

Mais que livrar-se das censuras pelo fracasso, Freud nota que, em seu sonho, a afecção que acomete Irma é uma consequência do descuido de Otto, que preparou as injeções de Irma de maneira descuidada, utilizando uma seringa que não estava limpa. Freud revela, ainda, que ao aproximar Otto de Leopold no sonho ele está realizando uma comparação entre ambos com base na maneira como praticam a medicina: para Freud, Otto se distingue pela celeridade ao passo que Leopold é lento, contudo, consciencioso. Nesse sentido, a comparação serve para evidenciar no sonho o descuido de Otto. A própria fala de Leopold sobre “a região surda embaixo, à esquerda” recorda Freud de um caso em que ele se surpreendeu com a meticulosidade do colega. Assim, Freud não apenas é absolvido da culpa pela falha no tratamento, como também se vinga de Otto, de quem havia sentido certa reprovação na conversa diurna que antecedeu esse sonho.

Apenas pela análise desses elementos, é possível discernir que no cerne desse sonho aparentemente absurdo encontra-se a realização de desejo. Esse é, para Freud, o sentido do sonho. Ele consiste em uma formação psíquica e é construído por uma atividade intelectual complexa, podendo, desta forma, ser incluído na cadeia das ações psíquicas compreensíveis da vigília. A partir dessa exposição, o autor fornece exemplos de diversos sonhos em que é nítida a realização de desejos para sustentar sua proposição. Por exemplo, os sonhos de comodidade, provindo de relatos de diferentes indivíduos: Freud, com sede, sonha que está a saciando e, por isso, não precisa acordar para beber água; um médico, com sono, sonha que já está no hospital e, por isso, não precisa se levantar para ir trabalhar; uma paciente recém-operada do maxilar sonha que está na ópera e, por não sentir dores, não precisa utilizar o aparelho exigido em sua recuperação.

Freud recorre, ainda, aos sonhos de crianças para reforçar seu argumento. Narra um sonho de seu próprio filho de cinco anos que, frustrado por não conseguir visitar certo local em uma viagem familiar, sonha que está nele. Narra também o sonho de sua filha de oito anos que, na mesma viagem, havia conhecido o filho do vizinho da família, que a tratara muito bem em um passeio que fizeram juntos. Nesse passeio, sua mãe havia negado às crianças barras de chocolate que elas desejavam. No sonho da filha, o menino gentil tornou-se um de seus irmãos e a mãe, que durante o dia negara o chocolate, aparecia jogando um punhado de barras debaixo da cama. De maneira semelhante, relata o sonho de seu sobrinho de 22 meses que, na ocasião do aniversário de Freud, foi responsável por entregar a ele uma cesta com cerejas, raras naquela época do ano. Seu sobrinho custou a largar a cesta e, no dia seguinte ao

evento, disse à mãe “Helmann comeu todas as celegas!” (Freud, 2016a, p.152), evidentemente contando sobre seu sonho.

Nessa coletânea de sonhos é possível notar certa linearidade, visto que a relação entre o desejo que precipitou o sonho e o conteúdo dele é bastante nítida. O que dizer, então, sobre os sonhos absurdos, como “A injeção de Irma”, em que a interpretação é necessária para se chegar ao desejo? Ou, então, sobre os sonhos de angústia, que despertam sensações terríveis e não parecem ter qualquer semelhança com a realização de desejo? Freud, então, apresenta mais uma de suas contribuições: a distorção onírica. O que o autor propõe é a existência de uma tendência à defesa contra determinados desejos cujo conteúdo se demonstra incompatível com a consciência. Por conta disso, esse desejo é recalcado, ou seja, torna-se inconsciente, e só pode ser figurado no sonho mediante distorções, censuras. Disso resulta uma diferença entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente no sonho. O conteúdo manifesto é aquele observado na superfície do sonho, o que pode ser recordado de maneira consciente, ao passo que, o conteúdo latente é aquele que está oculto sob as censuras realizadas, não estando consciente até sua análise.

No caso do sonho “A injeção de Irma”, o conteúdo manifesto é a narrativa permeada de elementos que geram estranheza que Freud oferece. Já seu conteúdo latente são os desejos revelados conforme o método de interpretação é aplicado. Sobre o sonho de angústia, Freud fornece como um dos exemplos o sonho de uma paciente: nele, ela via seu sobrinho, Karl, morto diante de si. A disposição do caixão e do corpo de seu sobrinho a recordavam do outro filho de sua irmã, Otto, seu sobrinho favorito que havia falecido precocemente e cuja perda a abalava profundamente. A partir disso, ela questiona se desejava a perda do único filho que ainda restava a sua irmã ou se desejava que Karl tivesse falecido no lugar de Otto – ambas situações impensáveis para si. Conhecendo o histórico da paciente, no entanto, Freud apresenta uma interpretação diferente.

Para ele, esse sonho era resultante do desejo de reencontrar um amor frustrado da juventude. Essa paciente tornou-se órfã jovem, passando a morar com a irmã, que era bem mais velha que ela. Na casa da irmã, entre os amigos e visitantes, conheceu um homem por quem se apaixonou. O sentimento era recíproco, no entanto, a irmã não aprovava a relação entre ambos. Respeitando a irmã, eles se afastaram. Todavia a paciente permaneceu apaixonada e ainda fazia o que estava a seu alcance para vê-lo, mesmo que à distância, algo

que reprovava em si mesma. Uma dessas oportunidades antecedeu o sonho em questão. Ela confessou a Freud que durante o velório de Otto, pôde rever seu amado depois de uma longa ausência, confirmando suas hipóteses. Além disso, Freud nota que, para encobrir esse desejo, houve a escolha deliberada de uma situação em que o amor romântico está muito pouco presente: o luto.

Dentre as maiores objeções para a tese de que os sonhos são realizações de desejos reprimidos e, portanto, condicionados à biografia de quem os sonha, são alguns sonhos que parecem comuns a diversas pessoas. Freud os reúne sob a denominação de sonhos típicos e demonstra, por meio da interpretação, como esses sonhos não fogem da função principal descoberta pelo autor. Os primeiros sonhos abordados são os sonhos embaraçosos de nudez. Freud descreve que nesses sonhos é frequente que o sonhador se encontre com nu ou com poucas peças de roupa. Isso o leva a sentir vergonha e vontade de se esconder. No entanto, essa vontade é, muitas vezes, frustrada por uma estranha inibição que o impede de sair dessa circunstância desagradável. O embaraço sentido pelo sonhador pode ser diretamente contrastado com a indiferença das pessoas ao redor, que parecem não reagir com a mínima estranheza ou reprovação esperadas nessa situação.

Para Freud, o desejo reprimido manifestado nesses sonhos é o da exposição. Por meio de extensas análises de neuróticos nos quais os sonhos envolvendo nudez eram recorrentes, ele identifica suas origens nas lembranças da primeira infância. Sua explicação é a seguinte: a infância representou o único período em que a nudez não era sujeita a recriminação e, portanto, não causava vergonha. Pelo contrário, é comum observar crianças deleitando-se com a nudez nesse estágio da vida. Dessa forma, os sonhos constrangedores de nudez possibilitam o retorno ao estágio infantil em que a censura ainda não está internalizada, respondendo, portanto, à “fantasia coletiva acerca da infância do indivíduo” (Freud, 2016a, p.266-267). Por isso mesmo, não consiste em uma oposição à proposição de Freud.

Ora, se esse é o desejo a ser realizado pela via onírica, por qual motivo o sentimento desagradável de vergonha estaria presente? Segundo Freud, a vergonha surge como resultado da reação do segundo sistema psíquico à cena de exibição, a qual, mesmo sendo repudiada, consegue alcançar representação no sonho. Idealmente, essa cena não seria reanimada para poupar o indivíduo do desprazer. Porém, o movimento regressivo do sonho combinado à força da fantasia infantil, que toma a infância como o paraíso desprovido das penas

recriminações, parecem ser suficientes para que essa representação consiga burlar a defesa. Nesse contexto, não parece ser coincidência que a antítese do desejo também esteja figurada no sonho: as pessoas ao redor permanecem indiferentes à nudez do indivíduo, barrando-o parcialmente de se satisfazer em sua exibição.

No que diz respeito à paralisia, o autor sugere que sua presença nos sonhos é uma representação do conflito de vontades. Este conflito é protagonizado pelo desejo inconsciente, que demanda que a cena prossiga, e pela imposição da censura, que exige que a cena seja interrompida. Vale destacar que a paralisia no sonho parece estabelecer um paralelo com o desamparo tal qual ele vem sendo compreendido neste trabalho, uma vez que ela retrata em um ato figurativo esse sentimento de impotência diante das forças que comandam silenciosamente os processos psíquicos. Essa percepção torna-se ainda mais evidente ao examinarmos os segundos sonhos agrupados sob a categoria de sonhos típicos: os sonhos que envolvem a morte de pessoas queridas.

Freud já havia evidenciado que até mesmo o sonho envolvendo a morte de alguém amado pode ser interpretado como a realização de um desejo. Ele destacou, também, que o desejo formador do sonho não necessita ser contemporâneo; podendo muito bem ser um anseio do passado que foi reprimido e sobre o qual outros desejos se sobrepuseram. O termo “passado” aqui se refere à infância, que nos seus primórdios, como descrito anteriormente, é caracterizada pela ausência de censura. Nesse sentido, o sonho que retrata a morte de pessoas queridas não revela necessariamente um desejo atual, mas indica que, em algum momento da infância, houve o desejo da morte do ser amado.

Isso porque a criança é implacável na busca pela satisfação de suas necessidades. Diferentemente dos adultos, ela ainda não conhece os limites prescritos pela moral e, por isso, pode ser particularmente inclemente com seus concorrentes, por exemplo, outras crianças e, em especial, seus irmãos, com quem, por vezes, ela disputa o amor dos cuidadores. Com isso, Freud em nenhum momento sugere que a hostilidade infantil corresponda a uma degeneração. Ele a compreende como uma reação normal frente à possibilidade de perda e que, se o desenvolvimento seguir seu curso natural, essa tendência será efetivamente inibida. Ademais, Freud rememora que a noção que uma criança tem de morte é muito distinta da de um adulto, uma vez que ela ainda desconhece “dos horrores da decomposição, dos pavores do nada infinito que a imaginação do adulto tolera tão mal, como testemunham todos os mitos do além”

(2016a, p.276). Para elas, a morte não é tão diferente assim da representação de “ir embora”. Ela denota, portanto, o desejo da ausência do outro que se contrapõe a seus anseios.

É sob esse contexto que Freud faz a primeira menção ao desamparo na obra:

Naturalmente, em condições normais esse comportamento da criança em relação aos que nascem depois é uma simples função da diferença de idade. Dado um certo intervalo, já se manifestarão na menina mais velha os instintos maternos em relação ao recém-nascido desamparado (Freud, 2016a, p.274).

É observável que, ao utilizar o termo desamparado, *hilflose*, para descrever o recém-nascido, Freud revisita sua concepção de desamparo expressa no “Projeto”, buscando destacar a vulnerabilidade humana nesse estágio da vida. Nesse período, a sobrevivência está inteiramente dependente dos cuidados alheios, e há limitadas capacidades de autodefesa, como evidenciado no caso de um bebê diante da hostilidade de sua irmã mais velha. O que parece repetir-se nos escritos pós-Projeto é que Freud não aprofunda ou detalha a descrição do desamparo como decorrente de uma condição biológica e psíquica. Mesmo ao recuperar argumentos diretamente do “Projeto”, como na explicação da vivência de satisfação em “A interpretação dos sonhos”, ele não expande a discussão sobre esse aspecto:

As carências da vida entram em contato com ele pela primeira vez sob a forma das grandes necessidades corporais. A excitação estabelecida pela necessidade interna buscará um escoamento na motilidade, que podemos chamar de “alteração interna” ou de “expressão da emoção”. A criança faminta chorará ou se debaterá desamparadamente [*hilflos*]. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente da necessidade interna não corresponde a uma força que percute de maneira momentânea, mas a uma que atua de maneira contínua. Apenas pode ocorrer uma mudança quando, por uma via qualquer – no caso da criança por meio da assistência alheia –, se faz a experiência da vivência de satisfação, que elimina o estímulo interno (Freud, 2016b, p.593-594).

Assim, se no “Projeto” foi possível acessarmos um desamparo que é ao mesmo tempo biológico e psíquico, bem como orientado para o mundo externo e para o mundo interno, aqui ele parece um tanto quanto restrito à sua esfera biológica e aos perigos do mundo externo, na figura de um outro do qual se depende para suprir as necessidades e contra o qual não se pode defender da hostilidade, e do mundo interno, figurado precisamente pelos limites biológicos da criança, muito semelhante ao observado em “A etiologia da histeria”, de 1896. O que torna essa supressão do desamparo enquanto condição psíquica mais intrigante em “A interpretação dos sonhos” é a consideração de que uma das principais consequências do desamparo, tal como concebido no “Projeto”, já é anunciada em 1900: a dependência do outro, inerente à condição de desamparo do ser humano, impõe a necessidade de recalcar tanto os impulsos hostis quanto os impulsos amorosos voltados a ele, especialmente durante o desenvolvimento

da sexualidade. Isso porque, nesse momento crucial, o infante se encontra sob a ameaça da perda do amor desse outro indispensável para si. A proposição de Freud sobre o complexo de Édipo não deixa dúvidas:

Deve haver uma voz em nosso íntimo que está pronta para reconhecer a força compulsória do destino em *Édipo rei* (...) O rei Édipo, que matou seu pai Laio e casou com sua mãe Jocasta, é a apenas a realização dos nossos desejos de infância. Porém, mais afortunados que ele, conseguimos desde então, contanto que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, desprender nossas moções sexuais de nossas mães e esquecer o ciúme de nossos pais. Recuamos horrorizados diante da pessoa em quem se realizou esse desejo infantil primitivo, e o fazemos com toda a soma de recalçamento que esses desejos sofreram em nosso íntimo desde então. Enquanto o poeta vai trazendo à luz a culpa de Édipo naquela investigação, ele nos força a conhecer nosso próprio íntimo, no qual aqueles impulsos [*Impulse*], embora reprimidos, ainda existem (Freud, 2016a, p.285).

A força compulsória que o autor menciona faz referência à impossibilidade de evitar que a predileção sexual se instaure de maneira precoce durante a infância e tenha como resultado o amor, moção sexual, voltado para uma parte do casal parental e a hostilidade voltada para outra, que se transforma em rival por se impor ao desejo infantil. Como Freud descreve, se tudo ocorre bem, esse desejo é recalçado e, com isso, é também esquecida a hostilidade. Ele ainda adiciona em uma nota de 1925 que: “Esse estado de coisas é frequentemente encoberto pelo surgimento de uma tendência punidora que, numa relação moral, ameaça com a perda do genitor que se ama” (Freud, 2016a, p.278). Mas, da mesma forma como os processos primários não deixam de existir a partir do desenvolvimento dos secundários, tanto o desejo sexual em direção à parte escolhida quanto o de eliminação da parte rival ainda existem e podem se fazer valer pela via do sonho ou dos transtornos.

É perceptível que, nesse estágio, Freud já reconhecia a sexualidade infantil, assim como compreendia a fantasia e as características do inconsciente, enquanto formado pelo recalçado, e suas leis associativas. Ele também está próximo de anunciar suas descobertas em relação à pulsão sexual, inicialmente oposta à pulsão de vida em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, e seus vestígios estão claramente presentes em “A interpretação dos sonhos”. Talvez, precisamente devido a essa série de conceitos revolucionários que Freud está apresentando ao público, exista pouco espaço para o desenvolvimento da ideia complexa de desamparo contida no “Projeto”. Além disso, o destaque aos aspectos biológicos parece decorrer da problemática que a teoria freudiana encontra após a gradativa descrença de Freud em sua teoria da sedução na medida em que desvelava o papel da fantasia, da sexualidade infantil e do complexo de Édipo.

De acordo com Monzani (2014), ao remover a sedução da etiologia das neuroses dois elementos foram perdidos: o primeiro deles é a noção de cena primária, ou seja, de um acontecimento concreto a partir do qual a defesa atuaria levando à neurose e, conseqüentemente, o segundo deles é a possibilidade de demonstrar que os sintomas neuróticos não são produtos exclusivos de um determinismo orgânico, mas sim da interação entre esses fatores e os fatores externos. Por isso, Monzani (2014) indica a dificuldade existente na leitura do supracitado “Três ensaios”, no qual no primeiro ensaio encontramos um Freud que desmonta o conceito de sexualidade como concebido pela biologia e psiquiatria da época, a saber, “um instinto natural, teleologicamente orientado para a reprodução” (Monzani, 2014, p.33); ao passo que no terceiro ensaio vemos um Freud que indica a existência de uma sexualidade cujo desenvolvimento é organicamente determinado e fixado por meio da hereditariedade, com pouca ou nenhuma influência de processos externos como a educação. A censura, como resultado da educação, tão presente nos textos que antecedem à “Interpretação” e na própria, parece ter seu papel bastante reduzido.

Segundo Monzani (2014), é apenas muito posteriormente, quando Freud compreende a sedução enquanto uma estrutura inerente à relação de cuidado estabelecida entre mãe e criança, que os fatores internos e externos conseguem reestabelecer seu equilíbrio na etiologia das neuroses. O autor destaca a 33ª conferência das “Novas conferências de introdução à psicanálise”, (1933 [1932]), chamada “A feminilidade”, na qual é possível ler:

E agora encontramos novamente a fantasia de sedução na pré-história pré-edípica da menina, mas a sedutora é geralmente a mãe. No entanto, aqui a fantasia toca o terreno da realidade, pois foi efetivamente a mãe que, devido às necessidades do cuidado corporal, provocou sensações prazerosas nos genitais, e talvez até as despertou pela primeira vez (Freud, 1991d, p.112, tradução nossa).

Assim, a fantasia passa a ser integrada a uma sedução que ocorre, de fato, na realidade, sem, no entanto, prescindir de um abuso sexual. Monzani (2014) destaca, ainda, o texto “Esquema de psicanálise”, de 1938, publicado em 1940, no qual Freud (1991b, p.187, tradução nossa) descreve o complexo de Édipo como “uma situação pela qual todas as crianças estão destinadas a passar e que deriva necessariamente do fator da criação prolongada e da convivência com os progenitores”. Nessa obra Freud segue indicando que a mãe, por meio da nutrição (vivência de satisfação) e seus cuidados físicos, gera sensações agradáveis e desagradáveis, transformando-se assim no primeiro sedutor da criança, primeiro e mais forte objeto de amor e protótipo para todas as relações amorosas posteriores.

Com efeito, esses textos foram publicados mais de 30 anos depois de “A interpretação dos sonhos”, o que nos leva a compreender que esse foi o tempo necessário para que os aspectos biológicos internos e os aspectos externos pudessem ser integrados satisfatoriamente na teoria freudiana no que diz respeito à etiologia das neuroses. Por conta disso, parece lícito supor que o uso predominante do termo desamparo como uma condição biológica nas obras que sucedem ao “Projeto” seja fruto de como o pensamento de Freud está organizado nesse momento particular. Nesse sentido, o conceito de desamparo seguirá um raciocínio semelhante: há, ainda, a necessidade de integrar explicitamente as partes que Freud já possui – biológico e psíquico, interno e externo. Essa necessidade poderá ser sanada na medida que o autor desenvolve outros elementos de sua teoria, dentre eles destaca-se: a questão do narcisismo, a proposição da pulsão de morte, o estabelecimento da nova tópica e, por fim, a reelaboração da teoria da angústia.

Desta forma, em 1926, quando ocorre a publicação de "Inibição, sintoma e angústia", pode-se ler: “a angústia demonstra-se como produto do desamparo psíquico do bebê, que é obviamente o correspondente de seu desamparo biológico” (Freud, 1992a, p.130). Nessa publicação, Freud explicitamente reconhece ambos os componentes biológico e psíquico do desamparo. Nela, também se encontra um trecho em que se evidencia o desamparo frente aos perigos internos, agora já bem delimitados como pulsionais, e aos perigos externos, compreendidos como os decorrentes da realidade concreta:

Avançaremos mais um passo, sem nos contentarmos apenas com a recondução da angústia ao perigo. Qual é o núcleo, o significado, da situação de perigo? Evidentemente, a avaliação de nossas forças em comparação com sua magnitude, o reconhecimento de nosso desamparo diante dele, desamparo material, no caso do perigo realista, e psíquico no caso do perigo pulsional (Freud, 1992a, p.155, tradução nossa).

Tanto a necessidade de integração existe, que em uma curta passagem em “A interpretação dos sonhos” o termo desamparados surge, desta vez descrevendo uma situação estritamente psíquica, a saber, o estado que o sonhador se encontra quando a elaboração secundária do sonho não ocorre:

Em outros sonhos a elaboração fracassou completamente; nos encontramos como que desamparados [*hilflos*] diante de um monte sem sentido de fragmentos de conteúdo (Freud, 2016b, p.517).

Esse trecho, primeiro desde 1896 em que o termo desamparo aparece explicitamente sem estar relacionado à criança ou ao recém-nascido, faz parte do contexto em que Freud,

tentando delimitar os fatores envolvidos na formação dos sonhos, propõe que a instância responsável pela censura dos conteúdos oníricos tenha participação ativa na formação dos sonhos. Segundo o autor, ela pode inserir e ampliar esse conteúdo, de modo também a ligar os conteúdos fragmentados, fazendo com que o sonho ganhe certa coerência em sua apresentação – processo que Freud denominou elaboração secundária. Por isso, caso ela falhe, o sonho se torna incompreensível em sua narrativa. Mais que absurdo ou estranho, ele fica despedaçado, sem a sensação de continuidade entre suas partes.

Algo interessante de notar é a semelhança que essa fragmentação apresenta com a experiência psicótica. Em “Construções em análise”, de 1937, Freud oferece pistas do porquê:

No mecanismo de uma formação delirante, geralmente destacamos apenas dois fatores: a estranheza em relação à realidade e seus motivos, de um lado, e a influência da realização do desejo sobre o conteúdo do delírio, do outro. Ora, o processo dinâmico não poderia ser, ao invés disso, que a pulsão emergente do reprimido aproveitasse a estranheza em relação à realidade objetiva para impor seu conteúdo à consciência, em que as resistências, excitadas por esse processo, e a tendência ao cumprimento do desejo compartilhariam a responsabilidade pela distorção e deslocamento do que foi trazido à memória? E, de fato, este é o conhecido mecanismo do sonho, que uma antiga intuição equipava ao delírio (Freud, 1991a, p.268, tradução nossa).

Essa percepção reforça que o desamparo no trecho em questão aparenta voltar a se referir aos perigos internos resultantes de um processo psíquico, ou melhor, de sua falha. Esse parece ser o emprego mais próximo ao sentido atribuído ao conceito desamparo como compreendido por Laplanche e Pontalis (2001), assim como Hanns (1996): um estado análogo ao do nascimento, no qual o há um aumento de tensão, gerado pela necessidade, o qual o indivíduo não consegue propriamente dissipar, levando à angústia. Esses aspectos destacados são nitidamente retirados de “Inibição, sintoma e angústia” obra em que, como já indicado anteriormente, consegue reunir os elementos do desamparo que aqui em “A interpretação dos sonhos” permanecem desagregados. A predominância como um todo dos aspectos biológicos do desamparo nessa obra indica a tendência em relação ao sentido que o termo apresentará nas produções freudianas subsequentes. Resta realizar um exame mais aprofundado para precisar se a integração observada em “Inibição, sintoma e angústia” ocorre gradativamente ao longo das publicações que a antecedem ou se, de fato, está concentrada nela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAMPARO E UBIQUIDADE NA TEORIA FREUDIANA

Em carta de 21 de setembro de 1899 a Fliess, Freud relata:

Assim, conheci o desamparo da pobreza e passei a temê-lo continuamente. Você verá como meu estilo vai melhorar e minhas idéias serão mais corretas se esta cidade me proporcionar um meio farto de subsistência (Freud, 1986, p.375).

Percebe-se que a palavra desamparo não era estranha ao uso cotidiano, como muitos termos empregados por Freud para compor sua teoria também não o eram. Ela ganha um sentido psicanalítico conforme o autor a associa com as noções centrais para sua teoria.

Inicialmente, Freud utiliza o termo desamparo de maneira abrangente para descrever a condição na qual o indivíduo, especificamente o histérico, se encontra diante dos processos inconscientes, ou seja, internos. Aos poucos, pôde-se notar que o desamparo, enquanto compreendido desta forma, não se limitava a histeria, mas abarcava como um todo as neuropsicoses – histeria, neurose obsessiva e paranoia – visto que nelas os sintomas eram causados por conta de uma defesa da qual o indivíduo não possuía consciência. Esse vínculo inicial entre desamparo e inconsciente oferece os primeiros contornos para um sentido psicanalítico a esse vocábulo popular.

Na medida que a teoria da sedução era formada, tornava-se nítido que o desamparo não ocorria apenas em relação a esses eventos internos, como também se dava em relação aos eventos externos, especialmente na dinâmica entre crianças e adultos, na qual as crianças, considerando sua imaturidade biológica, dependem dos cuidados dos adultos para sobreviver e podem, facilmente, encontrarem-se indefesas frente a autoridade deles e, por conseguinte, vulneráveis a seus abusos. A gradativa ênfase nos aspectos biológicos do desamparo parece ser resultado de dois aspectos. O primeiro deles é a herança da abordagem mecânico-biológica adotada por Freud em “Projeto de uma Psicologia”, de 1895. Nesse manuscrito, o termo desamparo emerge como uma condição inerente à biologia de todos os seres humanos, especialmente nos estágios iniciais da vida, em que o cuidado alheio é a única maneira de satisfação das necessidades.

Nesse sentido, a natureza dual do desamparo é evidenciada no “Projeto”, uma vez que as relações do recém-nascido com o mundo externo, incluindo a dependência do outro, e com o mundo interno, marcada pela insuficiência dos recursos biológicos, são permeadas por ameaças a sua sobrevivência. Além disso, a noção de desamparo como uma condição psíquica também está subentendida neste texto. Ela se torna evidente nos esforços de Freud para explicar como o recém-nascido aprende a diferenciar a memória da percepção, assim como a alucinação da realidade, indicando que o desenvolvimento desses processos psicológicos é necessário. Ou seja, tais processos não estão disponíveis desde o nascimento e, assim como o corpo, também precisam passar por um processo maturacional. Isso significa que a criança está igualmente em um estado de vulnerabilidade e dependência em termos psicológicos.

Portanto, há uma série complexa de ideias associadas ao termo desamparo no “Projeto”, e essas ideias certamente terão diversas consequências que Freud poderá

aprofundar ao longo de seu pensamento. Sua escolha por privilegiar o aspecto biológico do desamparo, além de decorrente das ideias contidas nesse manuscrito, parece ser resultado do progressivo distanciamento de Freud da própria teoria da sedução, que provoca uma lacuna explicativa na etiologia das neuropsicoses, fazendo com que o autor, por vezes, retorne a explicações organicistas, como é possível observar em sua exposição do desenvolvimento da sexualidade no terceiro ensaio de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905. Isso porque a própria articulação entre fantasia, complexo de Édipo, sexualidade infantil estão, nesse período, sendo trabalhadas e a descoberta da sedução universal, que possibilita o retorno da integração perdida entre os fatores biológicos inatos e os fatores externos, ocorrerá apenas posteriormente.

Assim, o que se observa nas obras que sucedem imediatamente o “Projeto” é o uso do termo desamparo atrelado às noções de criança e recém-nascido, fazendo uma referência direta às ideias contidas nesse texto sem, no entanto, apresentá-las diretamente ao leitor e privilegiando o aspecto biológico em detrimento do psíquico. Concomitantemente, os desenvolvimentos teóricos de Freud o levam a desvelar o desamparo que todos, não apenas dos neuróticos ou psicóticos, apresentam diante dos processos inconscientes, que, à medida que são elucidados, revelam o quão distante o sujeito está do conhecimento e do controle sobre si mesmo. Os exemplos mais notáveis são os textos sobre a memória que antecedem “A interpretação dos sonhos”, de 1900, e a exposição do Complexo de Édipo na obra referida. Nesses exemplos, apesar de serem reveladas situações de desamparo psíquico, o termo “desamparo” não é empregado por Freud. Isso sugere a necessidade de integração dos aspectos do desamparo já descobertos pelo autor: sua orientação para o mundo interno e para o mundo externo, bem como sua constituição enquanto condição biológica e psíquica.

Essa integração de maneira mais satisfatória é observada na obra “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926. Há importantes transformações teóricas que precisam ocorrer para que se torne possível essa integração nesse momento posterior da produção de Freud. Dentre elas, destacam-se: a introdução do narcisismo, a proposição da pulsão de morte, o estabelecimento da nova tópica e, por fim, as novas adições à teoria da angústia. Assim, defende-se que já no período das primeiras publicações psicanalíticas estão presentes os elementos a serem desenvolvidos e integrados para a definição do conceito de desamparo como apresentada por Laplanche e Pontalis (2001), Hanns (1996) e Birman (1999). Nesse sentido, evidencia-se que a dificuldade para delimitar a noção de desamparo na obra freudiana consiste em um legado

desse momento inicial em que cada faceta do desamparo é apresentada, mas seu conjunto não, gerando uma fragmentação em seu sentido e, concomitantemente, conferindo certa ubiquidade ao termo.

Em um primeiro momento, o termo desamparo parece encapsular de maneira eficaz a herança que Freud deixará na história: um golpe narcísico aplicado à crença na racionalidade humana inabalável, bem como à crença do controle sobre si que diferenciaria o ser humano dos demais animais. Mas talvez essa seja uma visão bastante restrita de suas contribuições. Já em “A interpretação dos sonhos”, lê-se:

Em consequência dessa chegada retardada dos processos secundários, o cerne do nosso ser, constituído de moções de desejo inconscientes, permanece inapreensível e não passível de inibição para o pré-consciente, cujo papel é limitado de uma vez por todas a indicar os caminhos mais adequados às moções de desejos provindas do inconsciente. Esses desejos inconscientes representam uma coação para todas as aspirações psíquicas posteriores, à qual têm de se submeter e que talvez possam se empenhar em desviar e dirigir a metas mais elevadas (Freud, 2016b, p.631).

Não há como negar que as moções de desejos oriundas da infância, almejando sua descarga, exercem um papel fundamental na vida e constituição do sujeito, ainda que o faça de maneira inconsciente para o próprio. No entanto, Freud indica claramente a possibilidade de que o pré-consciente – ou o eu, como viríamos a compreender posteriormente –, a partir dos processos secundários, pavimente um caminho mais adequado a essas moções, opere um desvio e as dirija para metas mais elevadas. Quer dizer, apesar da inevitabilidade da condição humana de desamparo, que é biológico e psíquico, interno e externo, há algo que pode ser construído nesse hiato, nessa falta. E, para além disso, Freud nos oferece um método para essas construções: a análise.

Por isso, em “Construções em Análise”, de 1937, ele define que o propósito do trabalho analítico é induzir o paciente a deixar de lado as repressões, termo aqui usado de modo geral, associadas ao momento anterior de seu desenvolvimento. Isso implica substituí-las por reações que estejam alinhadas com um estado de maturidade psíquica, operando uma transformação. Para alcançar esse propósito, é essencial que o paciente relembra vivências específicas e os afetos vinculados a elas, que estão ocultos em sua memória, visto que os sintomas e inibições manifestados no presente são decorrentes dessas repressões e atuam como substitutos para as experiências que foram esquecidas. Nesse sentido, o trabalho do analista é:

Ele deve deduzir o que foi esquecido com base nos indícios deixados, ou melhor, deve *construí-lo*. Como ele comunicará suas construções ao analisado, quando o fará e com quais esclarecimentos é o que estabelece a conexão entre ambas as partes do trabalho analítico, entre sua participação e a do analisado (Freud, 1991a, p.260-261, grifo do autor, tradução nossa).

O analista finaliza uma peça de construção e a comunica ao analisando para que exerça efeito sobre ele; em seguida, constrói outra peça a partir do novo material que surge, procede da mesma forma com ela, e continua nessa alternância até o fim (Freud, 1991a, p.262, tradução nossa).

Realizar essas construções não representa alcançar a ausência de sofrimento como se pode, ingenuamente, imaginar. Em “O mal-estar na cultura”, de 1930, Freud (2017) descreve que, devido a sua constituição, o ser humano sofre constantemente com três ameaças: a ameaça da fragilidade do próprio corpo, invariavelmente fadado à dissolução e, por isso, sujeito à dor e ao medo como sinais de alarme; a ameaça do mundo externo, dotado de forças implacáveis em sua destruição e contra as quais a fragilidade humana se torna evidente; e, por fim, a ameaça das relações com os outros seres humanos, para Freud, possivelmente o sofrimento experienciado de modo mais doloroso – como o próprio estudo do desamparo já demonstrou, visto que o primeiro perigo do mundo externo pontuado por Freud é o outro, de quem se depende para se desenvolver, objeto de amor e de ódio. Precisamente por isso, nenhuma construção, por mais elaborada que seja, isenta-nos do sofrimento ou elimina nossas faltas sem deixar vestígios. Não há garantias de uma felicidade plena, não é essa a oferta da psicanálise.

Mas pode ser que essas construções sejam suficientes para uma vida que não se limite à sobrevivência.

Em “A transitoriedade”, de 1916, Freud (1992b) realiza a defesa do valor daquilo que é transitório. Ele nos recorda de que as perdas, concretas ou simbólicas, levam ao estado de luto que, embora inegavelmente doloroso, é passageiro. E, a partir dele, novas relações podem ser criadas:

Acredito que aqueles que pensam assim e se mostram dispostos a uma renúncia constante porque aquilo considerado precioso não atestou sua durabilidade estão simplesmente em estado de luto pela perda. Sabemos que o luto, por mais doloroso que possa ser, encerra de forma espontânea. Quando terminamos de renunciar a tudo o que foi perdido, também nos consumimos, e então nossa libido fica novamente livre para, se ainda formos jovens e capazes de viver, substituir os objetos perdidos por outros novos que sejam, na medida do possível, igualmente ou mais apreciáveis (Freud, 1992b, p.311).

Esse é também o movimento das construções, das moções do desejo infantil que ganham outras metas conforme se propicia o desenvolvimento. A marca do desamparo, é

verdade, não pode ser excluída e com ela estaremos sempre em uma negociação para assegurar a vida. Entretanto, talvez se possa encontrar valor nesse processo tão humano, sobretudo humano, de repetir, recordar e elaborar – como, felizmente, Freud nos ensinou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, Joel. A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v.9, n.2, p.09-30, 1999.
- CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Repressão e Inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. **Ágora**, v.16, n.2, p.201-216, jul/dez 2013.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. **Reverso**, n.52, p.43-50, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.
- FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. **Obras Completas**. v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. v.1. Porto Alegre: L&PM, 2016a.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. v.2. Porto Alegre: L&PM, 2016b.
- _____. Construcciones en el análisis. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1991a.
- _____. Esquema del psicoanálisis. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1991b.
- _____. Inhibición, síntoma y angustia. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v. 20. Buenos Aires: Amorrortu, 1992a.
- _____. **Gesammelte Werke**. Londres: Imago, 1952.
- _____. La etiología de la histeria. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991c.
- _____. La feminidad. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.22. Buenos Aires: Amorrortu, 1991d.
- _____. La herencia y la etiología de las neuroses. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991e.
- _____. Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias). In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991f.

_____. La transitoriedade. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v. 15. Buenos Aires: Amorrortu, 1992b.

_____. Projeto de uma Psicologia. In: GABBI JR., O. F. **Notas a projeto de uma psicologia**: as origens utilitaristas da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991g.

_____. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.22. Buenos Aires: Amorrortu, 1991h.

_____. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991i.

_____. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos. In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991j.

_____. Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria. In: _____. **Obras Completas**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991k.

_____. Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de «neurosis de angustia». In:_____. **Obras Completas Sigmund Freud**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991l.

_____. Sobre los recuerdos encubridores. In: _____. **Obras Completas**. v.3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991m.

_____. Un caso de curación por hipnosis. In: _____. **Obras Completas**. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1992c.

GABBI JR., Osmyr Faria. **Notas a projeto de uma psicologia**: as origens utilitaristas da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MEZAN, Renato. **Freud**: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud**: o movimento de um pensamento. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. **Síntese**, v.26, n.86, p.331-346, 1999.